UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

**Restos de guerra: Trajetórias e modos de vida dos
jovens no município do Cacuaco, Luanda – Angola,
2009.**

João Tibúrcio Tati

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Saúde Pública para obtenção do
título de Mestre em Saúde Pública.

Área de concentração: Saúde, Ciclos de vida e
Sociedade.

Orientador: Prof.Dr. Rubens de C.F. Adorno

São Paulo

2009

Restos de guerra: Trajetórias e modos de vida dos jovens no município do Cacuaco, Luanda – Angola, 2009.

João Tibúrcio Tati

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Área de concentração: Saúde, Ciclos de vida e Sociedade.

Orientador: Prof.Dr. Rubens deC.F. Adorno

São Paulo

2009

Direitos autorais reservados - É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa, como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

DEDICATÓRIA

*À minha Mãe, **Maria Madalena Casimiro**,
felicidades, e que repouse em paz*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todo poderoso por ter nos dados o Dom da vida e ter superado as barreiras encontradas ao longo do projeto.

Agradecimentos em destaque;

A Direção da Faculdade de Saúde Pública e ao chefe do departamento de saúde materno infantil por ter criado as condições na nossa inserção no curso.

Ao Prof. Dr. Rubens Camargo F. Adorno meu orientador, pela gentileza com que conduziu esse caminho, mostrando-me a importância e a possibilidade de reflexão, orientação.

A Profa. Dra. Maria da Penha Vasconcellos pela contribuição, disponibilidade e atenção presente e muitas contribuições refletidas, em todos os momentos de apoio e conselhos científicos.

A Profa. Dra. Augusta Tereza Alvarenga, pelos conhecimentos científicos transmitidos.

Aos professores Kátia Pirotta e Edmilson Campos pelas contribuições na qualificação do projeto e sua disponibilidade na participação da banca.

Às colegas Daniela, Sophia do espírito Santo e Alisson Marques, Yone Moura e Cláudia Levy pelo apoio e incentivo.

Aos jovens que tive o prazer de conhecer, compartilhar momentos de angústias, incompreensões e alegrias e com eles aprendi, a beleza da vida real e cotidiana, viver é fazer qualquer atividade.

Ao Ministério da Saúde de Angola pela concessão da bolsa de estudo e em particular ao Prof. Dr. Carlos Mariano Manuel - presidente do conselho administração do Hospital Américo Boa-vida em Luanda onde é funcionário, pelo incentivo e apoio do complemento de bolsa .

À Dra. Constantina Furtado, Sr. Joaquim Moçambique, Sr.Manuel Kassoma pelo suporte e incentivo.

Ao colega Martinho Luemba, colega de carteira pelos momentos de muita angústia, incerteza e alegrias.

A Maria da Conceição minha companheira por ter a paciência ao caminhar ao meu lado, sempre.

Ao meu grupo de ajuda, Jô, Branca, Bebo, Mauro, Daia, Carlitos, Branquinha, fontes inesgotáveis de alegria e satisfação.

Ao meu pai, minha fonte de vida e de inspiração e aos meus irmãos, sobrinhos com muita ternura, em especial ao meu irmão Maurício M. Tati e sua família pelo incentivo, apoio material e moral... MUITO OBRIGADO!

TATI, J.T. *Restos de guerra. Trajetórias e modos de vida dos jovens no município do Cacuaco, Luanda – Angola*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

RESUMO

O conflito civil em Angola durou três décadas, com êxodo de populações, a pobreza, a exclusão social, a vivências em campos de deslocados sobrevivendo de dádivas das organizações humanitárias nacionais e internacionais. Com dilaceração do conflito muitos dos progenitores dos nossos jovens nasceram e crescer e participaram no conflito, sendo por legado os nossos sujeitos também nasceram durante o conflito que recentemente terminou em 2002, aliados a vários esforços de pacificação.

Desvelar as trajetórias, modos de vida e sofrimentos foi o nosso objetivo e, com a contribuição da etnografia e o recurso de observações participante e entrevistas semiestruturadas aos jovens no trabalho informal, pudemos nos inteirar das dinâmicas, redes, dificuldades, aspirações e dignidade social das atividades informais.

A migração de populações, em especial crianças, jovens e adultos no período de conflito armado, causou sofrimentos físicos e psicossociais, aliados as humilhações culturais e por solidariedade residem zonas suburbanas, e os biscates são a fonte de sobrevivência e sustento das famílias.

No pós-guerra, as dificuldades herdadas no conflito como; exiguidade de infratruturas básicas, aliadas a desestruturação das famílias, os mantém como excluídos e incluídos em redes de solidariedade e encontram no mercado de rua diurno como atividade dignificante socialmente. O trabalho penoso de rua, que se baseia no ganho pelo (esforço individual), para fazer face as exigências recorrem a alimentação energética, consumo de álcool para permeabilizar atividade e ou lubrificar as relações sociais. As jovens recorrem as atividades de venda à pé e porta a porta, e outras na revenda mercadorias nos mercados paralelos. Existe ainda cultura do álcool como; analgésico, tranquilizador, energético e prazeroso, em situações de fadiga, exaustão e penosidade; o consumo é no intuito de amenizar sofrimentos físicos, e psicossociais.

Os conflitos armados dilaceram o tecido social e com graves problemas de saúde pública nas populações. Com a estabilidade política os jovens merecem maior atenção pelas instituições públicas na criação de políticas abrangentes aos jovens em

situação de precariedade, como forma de reduzir a exclusão, pobreza, analfabetismo, doenças e mortes nesta franja da população.

Palavras-chave: Conflito civil. Jovens. Trabalho informal. Social. Sofrimentos. Consumo de álcool. Sobrevivência. Angola. Luanda. Cacuaco.

TATI, J.T. War remnants. Trajectory and ways of life of Young people in Cacuaco, Luanda – Angola. Dissertation submitted for the Master's degree. School of Public Health of São Paulo University

ABSTRACT

The civil conflict in Angola lasted three decades and devastated the biopsychosocial tissue. In spite of some initiative of peace agreement, peace became a reality only in 2002, which left a part of the population under exclusion and facing psychosocial trauma.

The objective of this work was to identify the trajectory, ways of life and suffering of the target population. By applying to the contribution of ethnography and participant observations as well as semi-structured interviews addressed to young people in informal market, we could learn the dynamics, networks, challenges, aspirations and social dignity of the activities. The migration of population, mainly children, youth and adults, during the period of armed conflict led these people to internally displaced people camps and to peri-urban areas.

In the post war period, these young people turned the streets as their working place by selling assorted stuff to maintain their families. During the working hours, these young people consume alcoholic beverage to ease or lubricate the social relations. There is the culture of alcohol as analgesic, tranquilizer and energizer. In moments of fatigue, exhaustion and suffering; the consumption of alcohol is to soften the torment.

The work in the street during day time allows the survival of the families, the inclusion in the society through networks and groups of solidarity; allowing the existence of the “T” and family.

Key Words: Civil conflict. Youth. Informal work. Social. Suffering. Alcohol consumption. Survival. Angola. Luanda. Cacuaco.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
ABSTRACT	9
APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Contextualizando os conflitos na África	14
1.2. Angola, conflitos e esforços para a paz	16
1.3. Juventude angolana e conflitos	24
1.4. Jovens, trajetórias e modos de vida	26
1.4.1. Restos da guerra, modos de vida e significados: casos de Cacuaco	28
1.5. Objetivos	32
1.6. Caracterização do campo	32
1.6.1. Sujeitos de estudo	33
1.6.2. Área de estudo	34
2. MÉTODO	36
2.1. Dinâmica do trabalho de campo	38
2.2. Aspectos éticos	41
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
3.1. Aproximações comuns do cotidiano dos jovens	42
3.2. Traços dos arrumadores e cuidadores dos carros	54
3.3. Modo de vida dos estivadores e transportadores de mercadorias	57
3.4. Os jovens e os novos laços	60
3.5. O cotidiano das mulheres jovens	62
3.6. Trajetórias e vivências durante a guerra	63
3.7. Campos de deslocados, doenças, modos de vida e significados	66
3.8. Sofrimentos durante a guerra	68
3.9. Trajetórias e vivências pós-guerra	71
3.10. Sofrimentos pós-guerra	74
3.11. Significados das doenças nos jovens	77

3.12. Significados da morte nos jovens	83
3.13. Jovens, vivências e novas famílias	85
3.14. Estratégias de sobrevivência	88
3.15. Jovens e políticas públicas	92
3.16. Consumo de álcool	94
3.16.1. Significados do consumo de álcool pelos jovens	94
3.16.2. Álcool e sociabilidade	96
3.16.3. O trabalho informal com atividade favorecedora do consumo	98
3.16.4. Influência social do consumo de álcool	101
3.16.5. Vivências e uso de álcool, “elemento estigmatizante”	103
3.16.6. Uso de álcool pelos jovens e o facilitador de outras drogas	104
3.16.7. O consumo de álcool e seus conflitos	106
3.16.8. Jovens em situação de precariedade e o consumo de álcool de fabricação tradicional	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXOS	
Anexo I	125
Anexo II	126
Anexo III	127
Anexo IV	128
Anexo V	129
GLOSSÁRIO	130
Curriculo do pesquisador	132
Curriculo do orientador	134

APRESENTAÇÃO

No período de conflitos, o autor desta dissertação, viveu na província do Bengo, e posteriormente em Luanda, e testemunhou populações a se movimentarem a pé por distância superiores 100 km, crianças e idosos vítimas dos conflitos armados por ocupação dos bairros, municípios nos arredores da cidade do Caxito. Com a intensidade de conflito, da migração e a necessidade salvar a sua vida e dos seus, transferiu-se a Luanda com o motivo de prosseguir os estudos. Passado anos, a província e a cidade foram ocupadas, ocorrendo maior movimentação das populações e dos deslocados que havia em áreas adjacentes, estes foram re-deslocados para a província de Luanda, vivenciando sofrimento de deslocados com perda dos bens.

As vivências de guerras implicaram traumas na sociedade, seja de forma direta ou indireta, principalmente os grupos mais frágeis (crianças, grávidas, idosos e pessoas com necessidades especiais); isto nos leva a repensar na criação de instituições de reabilitação psicossocio-cultural das pessoas afetadas pelo conflito, principalmente os jovens.

Para ajudar os jovens em situação de precariedade, existem poucos programas sociais que debruçam a questão, a todos os níveis, seja central, provincial e local, o que seria uma ação concertada nas áreas de educação, emprego, saúde, juventude e esportes, reinserção social, família e mulher, com estratégias a curto, médio e longo prazo, na execução de políticas que visem a reduzir a precariedade, embora o problema seja muito debruçado pelas organizações não governamentais (ONGs) nacionais e religiosas sem eficácia nos programas.

Na sua experiência e durante o período de conflito, ter vivenciado situações traumáticas, como auxiliar de enfermagem no Hospital Provincial do Bengo e visitado muitos campos de deslocados nos arredores de Luanda, com intuito de solidarizar, procurar, amparar familiares e amigos, pois as trajetórias e modos de vida dessas populações no pós-conflito geraram sentimentos de interesses e inquietação no que tange os sofrimentos das pessoas.

No trabalho de conclusão de licenciatura em 2005, visitamos o centro de reabilitação de marginalizados (Remar) em Luanda, onde encontramos muitos jovens em reabilitação pelo uso de álcool e drogas e muitos deles eram deslocados, sem albergue, e sobreviviam no mercado informal de rua tendo sempre referido o sofrimento do conflito armado e a desestruturação familiar. Foi neste contexto que os conflitos

armados, sofrimentos pós-conflitos e consumo de álcool pelos jovens suscitou interesse e motivação.

O trabalho que apresentamos está estruturada em 4 capítulos fundamentais. No primeiro focaremos os problemas da guerra e caminhos para a paz em Angola, as vivências e trajetória do pós-guerra em Luanda e a situação dos jovens no Município do Cacuaco, Muitos dos jovens que foram pesquisados e seus progenitores nasceram em períodos de guerras, e construíram suas trajetórias e modos de vida durante as guerras, sem terem vivido no “país da infância e da juventude” em paz (Scliar, 1995, citado por OZELLA, Org. 2003, p.137), sem oportunidade de escolarização e de profissionalização, bem como os sofrimentos advindos e as estratégias de sobrevivência. Contemplamos neste tópico os objetivos, a caracterização do campo e os aspetos éticos da pesquisa. No que tange ao segundo capítulo, discorremos o caminho da pesquisa, com a contribuição da etnografia para alcançarmos os objetivos propostos. E no terceiro capítulo, descrevemos a dinâmica do campo, as trajetórias, os significados, as vivências, os modos de vida, as estratégias de sobrevivência, os sofrimentos vivenciados, o significado do consumo de álcool, bem como viés encontrado no campo. E o último capítulo é onde apresentamos as considerações finais da nossa dissertação.

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZANDO OS CONFLITOS NA ÁFRICA

Os conflitos armados são encarados como um sinônimo de guerra e, consequentemente, como um fenômeno eminentemente destrutivo; os esforços de prevenção são confinados à sua supressão ou eliminação. Contudo, os conflitos de interesses estão presentes nos grupos, e as tentativas de minimizá-los ou mesmo suprimi-los, tem mais probabilidades de agravar os níveis de tensão entre tribos, grupos, sociedades, países, pois a primazia do dialogo é relegado antes do conflito, dando só abertura a esta via depois da eclosão do conflito, devido a destruição, falta de resistência ou derrotas ou quando se prolongam por muito tempo. Os conflitos são violentos e a erosão das estruturas sociais continua a devastar o mundo, ao longo da última década. A amplitude de sofrimento humano, os refugiados e deslocados internos e a destruição de recursos econômicos vitais para a população são surpreendentes (GEFFRAY, 1990).

A questão dos conflitos, desde a antiguidade, vem aumentando de intensidade e violência, com o desenvolvimento das indústrias de armamentos, das sociedades e aumento das populações e aliados aos vários interesses, os conflitos passaram a ser de grupo a grupo, nação a nação, de coligações à países, em grande escala mundial, com destaque para a Primeira e Segunda Guerras Mundiais com (e)migrações e mortes de muitas populações. Na África não foi exceção nos conflitos inter-étnicos, guerras colonialistas e posteriormente, na de libertação ou descolonização.

Na África, as divergências étnicas, originadas da divisão e inclusão de grupos étnicos em outros territórios, trouxeram conflitos (divisão territorial da África, Conferência de Berlim 1869). Mesmo com as independências, foram intensificando conflitos armados na maior parte dos países descolonizados, conforme escritos de *Antropologia da Guerra*, GEFFRAY (1990). No estudo, a respeito os procedimentos violentos e guerreiros em diferentes sociedades, o autor debruça sobre as tipologias de conflitos armados, segundo uma escala que vai dos menos violentos aos mais violentos. Na situação da África configura em: 1) as lutas como mecanismos jurídicos de regulação de diferenças entre indivíduos; 2) genocídios, militares com caráter recreativo, ou fanatismo político partidário; 3) as guerras enquanto expressão política de

um proto-nacionalismo; 4) expedições militares com fins de pilhagem e destruição organizada; 5) guerras como instrumento de política nacional. Nestas tipologias, as guerras assumem papel preponderante com a criação de problemas sociais, econômicos de alguns países, e, no entanto o primeiro e último assumiram caráter violentos e letais em Angola, com emprego de tecnologia militar moderna.

WHITE (1949, p.131) afirma que com o progresso das sociedades, acompanhadas pelo crescimento demográfico, conduzia à necessidade de obtenção de mais e melhores recursos materiais e, por conseguinte, a uma crescente competitividade entre grupos e sociedades pela posse de territórios, recursos materiais, fatores que levem necessariamente à violência entre indivíduos e grupos sociais, nações recorrendo à conflitos armados como forma de impor a vontade a um determinado grupo; para defender territórios, populações, recursos; ou mesmo expropriar riquezas.

Por influência de GLUCKMAN (1991), da Escola de Manchester, o estudo dos conflitos internos, como o da África Austral, constituiu uma porta privilegiada para a compreensão das diferentes dinâmicas e políticas, sobretudo através da análise dos mecanismos internos de resolução desses conflitos, na medida em que a destruição dos equipamentos sociais e mortes tem repercussões na ordem social. GLUCKMAN (1940, p.2) chegou a ir além do estudo dos conflitos “integrativos” e tratar da tensão inconciliável entre poder colonial e as populações – mas seu “*tour-de-force*” constitui em realizar essa análise da estrutura social na unidade do tempo e espaço, onde se veem indivíduos e a ordem social sob perigo. O pesquisador percebeu, não obstante em sua teoria, que o “conflito”, é promotor de desequilíbrio da estrutura e da ordem social.

A influência da violência política (conflitos armados, operações de guerrilha, combates, encarceramentos, torturas, perseguição político-partidária, estupro e outras atrocidades da guerra), na ordem social, na saúde coletiva e no bem-estar das populações, seja dentro do país ou no exílio, vai muito além da perda da vida e da destruição das infraestruturas físicas, mas também dos sofrimentos vivenciados ao longo da vida destas populações. A aceitação é de que a devastação no tecido social e cultural, o declínio econômico, o empobrecimento, o deslocamento das trajetórias de vida das pessoas, “juntamente com a depreciação da identidade e dos sistemas de valores (vitais para a sobrevivência) tudo possivelmente tem implicações significativas para a saúde e o bem-estar dos sobreviventes dos conflitos” (PEDERSEN, 2007). Há um maior número de indivíduos com necessidades especiais, jovens desmobilizados,

famílias desaparecidas, campos minados, aumento da pobreza como aconteceu em Angola.

1.2- ANGOLA, CONFLITOS E ESFORÇOS PARA A PAZ

Angola é um país situado no continente Africano, na zona austral, tendo como limite norte a República Democrática do Congo e Congo Brazzaville, ao leste a República da Zâmbia, ao sul a República da Namíbia e a oeste o Oceano Atlântico. Pertence ao grupo entnoliguístico *bantu*, e tem como língua oficial o português.

A palavra *bantu* aplica-se a uma civilização que manteve a sua unidade e foi desenvolvida por pessoas da raça negra; habitantes das florestas, que desenvolviam atividades de caça, pesca e agricultura. O radical *ntu* (vulgar para a maioria das línguas bantu), significa homem, ser humano, e *ba* é o plural. Assim, bantu significa homens, seres humanos. Existem centenas de dialetos bantu, e as semelhanças só podem ser justificadas por uma origem comum. Os povos bantu, além de semelhantes no nível linguístico, mantiveram uma base de crenças, rituais e costumes muito similares, uma cultura com características idênticas e específicas que os tornam semelhantes e agrupados. Os bantu angolanos estão divididos em 9 grupos etnolinguísticos: Mbundo (ovimbundo) 37%, Quimbundo 25%, Quicongo 13%, Lunda-Qioco (Tchôkwe), Ganguela, Nhaneca-Humbe, Ambó, Herero e Xindonga⁽¹⁾ e outros, correspondentes a 25%, que por seu turno estão subdivididos em cerca de 100 subgrupos, tradicionalmente chamadas de tribos.

A grande maioria de habitantes que formam a população de Angola é de origem *bantu*, com minorias étnicas absorvidas e em extinção como bochimanês, koisan. No entanto, outra considerável parte é formada por misturas que começaram muito cedo, primeiramente, entre os diversos grupos que migraram para o território, os europeus, a grande maioria portuguesa durante a colonização, (Ministério da Cultura, Angola, 1991).

Angola conquistou a independência em 11 de novembro de 1975, fruto de uma luta armada de 14 anos sob a direção do MPLA⁽²⁾. Entre os vários movimentos de libertação a FNLA⁽³⁾ e a UNITA iniciaram uma sangrenta guerra contra o MPLA. Apoiados por países africanos e por grandes potências mundiais, esses movimentos

1- Grupos etno-linguísticos que compõem a nação angolana.

2- Movimento popular de libertação de Angola.

3-Frente nacional para libertação de Angola.

justificavam as suas atitudes de estarem a combater a orientação socialista do MPLA, e se colocavam como partidários da implementação de uma democracia multipartidária e de uma economia do mercado.

Já na independência, o país vivia uma guerra interna e outra externa, vindas de dois sentidos, do sul e do norte do país. A independência do país foi proclamada com guerra, em várias cidades e províncias sitiadas, famílias divididas, fragmentação da administração do estado em todo país. Cada um dos movimentos de independência mantinha o domínio do seu território com administração, exército próprio, sem possibilidade de encontro das populações.

Pode-se dizer que, a população angolana ficou dividida em grupos que consubstanciaram a conflagração do conflito, e que grupos armados eram inseridos nas comunidades, na sua maioria constituídos de jovens, com pouca ou nenhuma preparação militar, pois devido a intensidade da guerra não havia tempo para treinamento, e sem equipamentos muitos utilizavam armas artesanais para defesa e ou ataque. O clima belicista arrastava habitualmente a muitos setores da população, que, nesta situação, ainda contrários à vontade ou desejos de muitos, foram obrigados a aliar-se, transformando empresas e bairros em bases militares. O lema era: “Quem não está comigo é contra mim, por isso deve ser morto”, como procedimento de forçar o alistamento de muitas pessoas, principalmente crianças, jovens, adultos e velhos, para efetivos militares, quer para apoio moral, logístico, político, tático ou estratégico, com intuito de vencer o conflito às custas dos sacrifícios e mortes dos compatriotas. É assim que, em Angola também aparece infelizmente o “conflito civil”, como um capítulo doloroso da sua história.

Depois da independência nacional, a guerra foi se intensificando, dando lugar aos exércitos poderosos do mundo, com melhores equipamentos militares, dizimando populações, destruindo a infraestrutura, a fauna e flora, que levou a ocupação de várias províncias, municípios, comunas (Província da Cunene, 1982). Neste período a locomoção era difícil, mesmo via aérea era sempre um risco e, devido a presença de vários exércitos que atuavam com apoio externo como a República Sul-Africana, e o Ex-Zaire, apoiando a Unita e FNLA; movimentos de libertação, ANC (Congresso Nacional Africano - África do Sul, SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano – Namíbia) aliados ao exército governamental, tendo este feito esforço de

estender a administração do Estado em zonas ocupadas, com apoio de exércitos estrangeiros, Ex-URSS e CUBA, mas o conflito persistiu.

Os conflitos armados são traumáticos para a sociedade em geral, especialmente aos participantes diretos, como soldados, e indiretos, como os civis, “deixando sequelas em toda a população, e com poucas estruturas para reabilitação, e tratamentos até para compreensão do fenômeno” (MENDOZA, 2004). Os traumas deixados pelos conflitos armados podem chegar a consequências sociais, como pobreza, penúria, deslocamentos, mortes, medo, horror, pânico, falta de esperança e motivação para vida.

Segundo o Governo de Angola e o Ministério da Saúde de Angola em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD, 1998), mais ou menos 10 milhões de minas terrestres estavam espalhadas pelo território nacional, prejudicando a agricultura e a pecuária. Somente 24% da população têm acesso ao serviço de saúde, 3,7 milhões de pessoas vivem afetadas pela guerra. A esperança de vida ao nascer/anos 42.4 anos, (1995), a taxa de analfabetismo maior de 15 anos 42% (1995) INE/UNICEF, cerca de 70% da rede sanitária foi destruída, 70% não há acesso à água potável e mais ou menos 170 mortes por mil nascimentos; este é o índice de mortalidade infantil no país (ONU e OMS, 1993), dados que tornam o país num local difícil para uma vida humana condigna.

Entre 1980 e 1988, em Angola, “uma a cada três crianças teve participação em operações militares e muitas em conflito contra o seu compatriota” UNICEF, (1995), aumentando assim o número de mortes neste franje de população, mesmo com contestação internacional em não utilizar menores em conflitos armados, não havia outra saída, senão em mobilizar jovens para se defender, as comunidades, as infraestruturas estratégicas, os regimes e os processo de ensino e aprendizagem foram transformados em ensino da guerra, métodos e meios de ataque e defesa, com recurso a armas importadas e outras de fabricação artesanal.

Esforços ocorreram para pacificar o país, mau agrado das divergências internas, os interesses estrangeiros e individuais no conflito em Angola foram várias iniciativas, com destaque, em 1988, acordos tripartidos em Nova Iorque, EUA, assinado por Angola, Cuba e África de Sul que consubstanciava na retirada de todos os exércitos estrangeiros do território nacional, o não fornecimento de material militar ao Governo e

UNITA⁽⁴⁾, dando assim abertura para entendimento entre angolanos. Mas o conflito continuou, favorecendo por outro lado a independência da Namíbia e posteriormente a eliminação da apartheid na África do Sul.

Em 1989, por iniciativa do Presidente Mubutu Sesse Seko, do ex-Zaire foi assinado o acordo de Gbadolite⁽⁵⁾ entre as forças beligerantes, o Governo e Unita; no acordo de Gbadolite entre os dois presidentes, a trégua durou apenas dias. A guerra foi recrudescendo, os estrangeiros e nacionais foram saindo do país devido à carência em tudo, e a penúria aumentava ainda mais.

Por iniciativas da comunidade internacional, a ONU e Portugal levaram em 1991 a assinatura um memorando de entendimento (acordos de paz ou acordos do Bicesse - Portugal) que tinha o intuito de desmobilização e unificação das forças armadas e da polícia nacional, a realização das primeiras eleições legislativas e presidências em 1992 sob supervisão da comunidade internacional. Após tréguas e o acordo de cessar-fogo entre as partes beligerantes, o país entrou na chamada “Segunda República”, quando a nova constituição contemplava a multipartidarização, a liberdade de imprensa, a economia de mercado, a lei de associações, entre outros pontos. Com as eleições, a organização derrotada não aceitou os resultados e a veracidade das mesmas, e não se realizou a segunda volta (turno) da eleição presidencial. Eclodiu um conflito mais devastador, com destruição massiva de infraestruturas básicas, causando a fragmentação do país, crise humanitária, mortes, sofrimentos e deslocamento de população externa e interna; um maior número de províncias foi ocupado em 1993 e 1994, como Bengo, Uíge, Zaire, Kwanza Norte, e vários municípios, comunas e aldeias sofreram com o que a Organização das Nações Unidas chamou de “catástrofe humanitária” em Angola (Conselho de Segurança, ONU, 1993).

Perante o sofrimento das populações, o Governo, com a obrigação de acolhê-los, dava as condições mínimas de subsistência em campos de deslocados: alimentos, tendas, água, assistência médica, incluindo a atenção materno-infantil. Nessa perspectiva, a guerra foi se intensificando com muitos deslocados⁽⁶⁾ pessoas com necessidades especiais, aumento de problemas psicossociais, situação de precariedade. Devido a falta de ligação entre as zonas produtoras e as cidades, surge o fenômeno da criança de rua nas grandes cidades. Os deslocamentos no interior e vice-versa passaram

4-União nacional para independência total de Angola.

5- Cidade da República Democrática do Congo, ex-Zaire.

6- Movimentações de populações devido a conflitos armados ou catástrofes naturais dentro do mesmo território (refugiado interno) / Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD).

a ser de maior risco, mesmo acompanhados de exércitos, ou sem acompanhamento podendo ser passíveis de ataques militares e a deflagração de engenhos explosivos, aumentando assim o sofrimento nas populações. As cidades cresceram desordenadamente, com o aparecimento de bairros sem as condições mínimas de subsistência, por motivos de segurança, estimava-se em 4 milhões de deslocados, (PNUD-2002) e (ACUNOR, 2002), num total de 14.228 mil de habitantes, Instituto Nacional de Estatística-Angola (INE, 1985).

Com intuito de pacificação, continuaram os esforços na Zâmbia, em 1994, com a assinatura do memorando de entendimento de Lusaka entre o Governo e a Unita, que também fracassou, embora a formação do governo de unidade e reconciliação nacional resultou nas eleições de 1992, mais o conflito continuou em intensidade e vítimas.

Com a morte do líder dos guerrilheiros, Doutor Jonas M. Savimbi, os contatos exploratórios tiveram início, no Luena - Moxico, entre as forças da Unita e as do Governo, processo que culminou na assinatura do Protocolo de Entendimento entre as partes, no Luena em 4 de abril de 2002. E em 29 do mesmo mês e ano, era assinado, em Luanda, o documento que punha fim à guerra em Angola e abria as portas para a reconstrução do país, a reconciliação de todos os angolanos e a reinserção social daqueles que nada mais souberam fazer “se não guerra”, com todos os problemas de reconciliação, inserção, reinserção, e conscientizar no pós-guerra.

A guerra civil trouxe uma triste história para todos os angolanos, onde quer que estivessem, pois não será fácil curar as cicatrizes, transtornos, sofrimentos, reabilitação de infraestruturas nas cidades, vilas e bairros provocados por longos 30 anos de guerra.

Portanto, esforços têm sido feitos no que tange a reabilitação de infraestruturas básicas, relegando a reabilitação psicossocial nas populações e principalmente os jovens, muitos deles constituem nossos sujeitos de estudo, nasceram e cresceram como deslocados, com características específicas advindas desta situação de exclusão/inclusão social, dificultando as relações sociais e grupo social em que vivem, para a subsistência bem como as possibilidades de vida.

Com advento da paz em 2002⁷⁾, muitos dos deslocados começaram a ser re-
alocados em suas áreas de origem, embora sem condições mínimas de subsistência em termos de equipamentos sociais; como casas, lavras, escolas, centros de saúde, lojas,

7-Entende-se por advento da paz o período pós-guerra civil, a partir de abril de 2002.

água potável, eletricidade, emprego, reabilitação de estradas e pontes, o processo continuou.

Alguns ex-rebeldes foram incorporados no exército e na polícia nacional, na administração pública. Militares desmobilizados foram re-inseridos na sociedade com auxílio do Governo e outros, com suas famílias passaram a habitar em zonas de acolhimento com mínimas condições de vida, para posterior re-inserção nos município de procedência e de preferência.

No caso de Angola, o fim da guerra deixou em aberto a necessidade de criação de programas sociais objetivos e tendo em conta os contextos sociais e culturais, no sentido de contribuir na elevação dos níveis de vida das populações. Essa perspectiva não pode ser retórica, tem mesmo que estar acima dos interesses políticos. O país se encontra numa situação de fraca capacidade de investimentos em recursos humanos; a situação econômica degradada, seja por fatores internos, como a paralisação quase completa do parque industrial, e um ineficiente funcionamento da rede comercial nacional, os ex-deslocados e desempregados merecem oportunidades (FERREIRA, 1999), no país a maioria das famílias sempre teve um dos indivíduos que participou diretamente na guerra e vivenciou a morte de familiares diretos nos conflitos. Embora há famílias em que a maioria participou e sofreu chacinas (mortes), encontrando ressentimentos e sofrimentos no pós-conflito.

Em Angola, o conflito armado durou várias décadas, e muitas famílias estiveram em lados opostos, com sofrimentos advindos desta situação (pai, mãe, filhos desavindo). As narrativas passam por vezes os relatos dos jovens, que a guerra é hereditária, pois pai, mãe, filho nasceram na guerra e contribuíram nos conflitos, sendo estes sofrimentos que podem desencadear no aumento significativo dos problemas na sociedade entre eles: depressão, ansiedade, abuso do álcool, drogas e suicídio. O sofrimento e humilhação psicossocial e física, a perseguição política, são temas muito discutidos, associados à opressão que se instala nos corpos e nas subjetividades dos "cidadãos" (SAWAIA, 1999). Perante o sofrimento físico e psicossocial, encontrar Luanda para residir, trabalhar, estudar, significava esperança e promoção da vida, passando essas pessoas a residirem em zonas periféricas e estarem agrupadas por solidariedade de grupos etno-linguísticos dos seus antecedentes, vivendo em extrema pobreza, mendicância, musseques⁽⁸⁾ sem infraestruturas básicas, e os arredores de Luanda davam sensação de segurança frente as áreas de origem. Neste sentido com o

8-Termo que equivale a favela.

conflito, as províncias limítrofes da capital, como Bengo, Kwanza norte e Sul, e adjacentes, foram-se formando campos de deslocados vivendo na diversidade cultural de forma pacífica e harmoniosa.

A província de Luanda, nos períodos dos conflitos era considerada como segura, embora relativa, por estar concentrado todo o aparelho político, administrativo, militar e policial, por isso todas as atenções em termo de defesa e segurança, e as populações faziam de tudo para encontrar Luanda para refúgio. Embora que nesse território houvessem ações isoladas de sabotagem, ataques aos equipamentos sociais, nos bairros, comunas e municípios, as populações tinham esperança nesta região, que por isso acolheu maior número de deslocados, causando um aumento indiscriminado de bairros e falta de equipamentos sociais para fazer face às necessidades das populações.

MENDOZA (2001) diz que “que as guerras têm um forte efeito positivo sobre as taxas de deslocamentos das populações das localidades de saída e um efeito negativo como características nos municípios de chegada”. A proporção da população que se desloca de localidades conflituosas é muito maior do que a proporção da população receptiva do município de menor intensidade combativa. Enquanto que, as populações que vivem em localidades conflituosas são menores que nas localidades com pouca ação armada. Com graves problemas de saúde pública na população refugiada, que permanece em campos deslocados sem condições mínimas de vida, mesmo no país ou nos países vizinhos, mesmo com ajuda ONGs e Governos, este auxílio está além de satisfazer as necessidades básicas das populações e os deficientes de guerra era um grupo frágil.

A Associação Nacional dos Deficientes de Guerra (ANDA) em Angola, no jornal Terra Angolana, Ano 1 N° 10 III Série de outubro-novembro 2004, "Muitos dos jovens que foram pesquisados e seus pais nasceram em períodos de guerras, e construíram suas trajetórias e modos de vidas nas guerras, sem terem vivido momentos de paz, de lazer e sem oportunidades de escolarização e de profissionalização, exceto a militar.”

O presidente da associação afirmou que a, “condição de homens e mulheres que, ao longo do conflito recentemente terminado, contraíram deficiências físicas(necessidades especiais), reclamam por melhorias, e estimou existir cerca de 150 mil pessoas portadoras de deficiências diretamente causadas pela guerra”. O que corresponde aproximadamente 1% da população que vive em condições difíceis e em alguns casos descritas como sub-humanas, e, embora tenha-se reconhecido atualmente

que a organização controla mais de 44 mil associados, poucos têm recebido incentivo e subsídios para subsistência, passando por vezes a mendigar e a utilizar de outras estratégias de sobrevivência (ETIAMBULO, 2004).

Diante disso, Luanda albergou o maior número de populações, com todas as dificuldades, em termos de equipamentos, como escolas e centros de saúde, e as dificuldades de acesso a estes serviços passou ser ainda pior, “por exiguidade de vagas, falta de professores, falta de escolas e materiais escolares, aumentando assim o número de crianças e jovens fora do sistema de escolar”⁹, e há poucos centros de formação profissional o que causa dificuldades na inserção meio sócio-econômico.

Com poucas instituições de saúde, o aumento das doenças transmissíveis e preveníveis por imunização em centros de deslocados e nos musseques, como a cólera, doenças diarreicas, respiratórias, a desnutrição em todas as idades, as grávidas com pouco acesso ao pré-natal. O aumento exponencial das doenças endêmicas (malária, sarampo, tuberculose, febre tifóide, tripanossomíase humana africana etc.), somando ainda mais a mortalidade principalmente a infantil e materna, (Ministério da Saúde de Angola, (2004). Na vivência destas populações, a dificuldade de transporte público, a falta de eletricidade, água potável, e a falta de documentos representam um problema candente, que dificulta as suas vidas e a de seus filhos, e no período pós-guerra têm dificuldade de acesso às escolas e centros de formação profissional. O encerramento dos campos de deslocados, em 2004, e a criação de bairros nestas localidades, considerando que muitos jovens não possuem registros como cidadãos, dificultou a inserção, re-inserção social e planejamento de políticas. Nas visitas que realizamos dos bairros, notamos que os restos da guerra ou ainda os problemas deixados pelo conflito, são ainda vivenciados por estes grupos sociais.

Os jovens encontram no mercado informal uma estratégia de sobrevivência, com venda e revenda de mercadorias, em locais sem condições e em espaços não autorizados estando sempre em constantes conflitos com as autoridades, num vai e vem entre vendedores e autoridades que evolui para apreensão das pequenas mercadorias de revenda para sustento das famílias por vezes as “únicas” mercadorias que são recolhidas pelas autoridades e não há possibilidades para resgatá-las devido às altíssimas penalizações.

9- Segundo a ONG Save the children, citado pela UNICEF, 2006, são 38,5% (533 mil) crianças sem escola, este número é mais elevado nas zonas sub-urbanas e rurais e nas famílias pobres e migrantes.

Acrescentado assim a situação de precariedade e dificuldade no sustento da família, incorporando-se em redes sociais de atividade no mercado informal, como ajudantes de construção civil, engraxadores, chamadores e cobradores de táxis, lavadores de carros, arrumadores de carros, estivadores e transportadores de mercadorias, e revendedores de qualquer negócio com intuito de ter algum provimento, e as estruturas sociais do Estado pouco têm feito em face das dificuldades desse grupo vulnerável.

1.3. JUVENTUDE ANGOLANA E CONFLITOS

Segundo Peralva (1997), a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação que é muito variada de acordo com cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, religiosidade, valores, atividades) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude angolana, na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social, urbano ou rural e vivendo em situação de precariedade (CHARLOT, 2000, p. 33 e 51). Para que o sujeito “jovem”, um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade, seja portador de desejos, ansiedades, e movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, que modelam comportamentos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar de qualquer nível social que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá significado à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, nas redes de atividades à sua própria história e à sua singularidade, para construção da sua identidade de ser jovem.

Os jovens em situação de precariedade⁽¹⁰⁾ advêm de um conjunto de eventos indesejáveis, inter-relacionados em uma complexa rede de fatores históricos, culturais,

10- Jovens desprovidos de meios econômicos e sociais, que não frequentam escolas, centros de formação profissional e que sobrevivem no mercado informal.

políticos, socioeconômicos e ambientais, que oferecem a comunidade ou subgrupo social em que estão inseridos. As situações de quebra de vínculos familiares, de trabalho e sociais influenciam no crescimento dos jovens e, somadas a associação de múltiplos fatores, colocam em processo de superação de várias etapas de desenvolvimento psicossocial, como aquisição de habilidades, estratégias de sobrevivência e o desempenho de papéis sociais, herdando, assim, os problemas dos jovens para a etapa adulta.

A construção da identidade do jovem, determinada pela visão, linguagem e símbolos atribuídos coletivamente por outros sujeitos, acaba transformando em um instrumento de identificação e controle deste segmento juvenil, construindo de forma moderadora da subjetividade (ADORNO, 2001, p.11). Frente às transformações históricas, políticas e da nova ordem social, a situação de precariedade dos jovens deve-se garantir assistência aos jovens em instituições de apoio social e material e principalmente, buscar soluções para as situações abusivas de consumo de álcool, drogas, violência, (Frantana citado por OZELLA, Org. 1999, p.147). A juventude angolana foi a precursora e a que mais sofreu nos conflitos, e todos os exércitos beligerantes eram constituídos por jovens, alistados compulsivamente, ficando a mercê dos políticos, das estruturas militares, para defesa, devastação dos territórios, destruição e matar os seus compatriotas.

Jovens angolanos crescem e se constituem como sujeitos em um ambiente hostil, com guerras, adversidades, pobreza, e acabam por se predispor a dificuldades de inserção social, adquirindo novas estratégias para vida. A superposição de situações de risco, vividas por jovens em situação desfavorecida, aliadas à maior vulnerabilidade pessoal, causa sofrimento de ordem física e psicológica, que, agregadas às significações de conflitos, as vivências como deslocados, a precariedade e a ansiedade de uma vida melhor favorecem na constituição de uma subjetividade de luta pela sobrevivência. A precariedade da vida advém de várias condições, além da responsabilidade do poder público em propiciar “ações orientadas tanto à conquista e realização de valores e objetivos referentes ao período vital juvenil e também influir nas ações de socialização envolvidas nos processos reparatórios ou compensatórios, de promoção e orientadas ao desenvolvimento ou construção de cidadania” (BALARDINI, 1999, p.25-6). Estes bens básicos e públicos auxiliam as famílias na educação e instrução, motivando a aprendizagem com o objetivo de diminuir a situação de precariedade, as doenças,

violências etc., portanto, indivíduos alfabetizados e instruídos terão melhor percepção nas doenças, assim como a prevenção e promoção da saúde.

A subjetividade dos jovens em situação de desfavorecidos se constitui pelas relações que eles estabelecem nas famílias, na comunidade, no trabalho, nas ruas e na sociedade em termos mais amplos. Nestas relações, ele se identifica e se constitui enquanto sujeito, pelo processo de mediação social que as relações vão determinando a constituição da sua subjetividade, que pode ser imutável de acordo com as transformações do momento histórico e social que vive.

Neste âmbito, os jovens são vulneráveis⁽¹¹⁾ ao consumo de drogas, tabaco, participação em grupos; no entanto o consumo social por imitação social dos pares está crescendo, no que tange a acessibilidade, baixo custo e descumprimento da legislação. Aliadas as atividades promocionais, nas festas nacionais e nos eventos para mobilização, o álcool é adquirido a valor promocional, aumentando assim a propensão às bebidas, com perturbações na população em geral e principalmente nos jovens (ALICERCES, 1999, p.23).

As políticas para os jovens angolanos, no poder público devem ser vistas como estratégias para desenvolvimento social de Angola sem exclusão, cuja população jovem estima-se em 2.639.202 (Instituto Nacional de Estatística -INE - Luanda, 2003). Estas políticas devem ser contemporâneas e de acordo com a cultura e sociedade em que estão inseridas. Devem estar presentes as discussões de raça, gênero, sexualidade, geração de renda e emprego, combate a fome, violência, prevenção ao consumo de drogas, pobreza, sexo seguro e desenvolvimento sustentável.

1.4. JOVENS, TRAJETÓRIAS E MODOS DE VIDA

Os jovens são indivíduos que “processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura e da assunção dos papéis de adultos”, e, nesse sentido, apropriam-se, porém desse processo de socialização e adquirem status de adultos.

Baseados em autores como Ianni (1968), Mannhein (1982) e Foracchi (1982), que compreendem os jovens e em particular também os jovens trabalhadores como categorias sociais, pudemos contextualizar a sua visibilidade como categoria

11- É entendida como uma exposição potencial a eventos indesejáveis de diversas naturezas (sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outras) que implica o risco de enfrentamento de diversos desafios, para o indivíduo e para o grupo.

social na sociedade angolana e a procurar os diversos processos de construção de suas identidades, nas relações com a cultura, consumo, lazer, trabalho, família. Portanto, trata-se de compreender as diversas formas de socialização e sociabilidade dos jovens, filhos da classe trabalhadora, camponesa e militares que moram nos bairros periféricos da cidade de Luanda e que trabalham no mercado informal, como atores possíveis de gestar novas identidades coletivas. A transformação se dá quando o processo de socialização do jovem passa a ser da sua responsabilidade (família e grupo), “excluídos da educação e da instrução”, concebida como meio de colaborar de forma não qualificada para o modelo de vida urbana, suburbana, rural para as ocupações que não requerem instrução e grau de escolaridade que permeia trajetórias e modos de vidas.

A trajetória dos jovens em Luanda pode ser interpretada como um processo de construção “com base nas suas características pessoais, informações, experiências, políticas públicas e oportunidades propiciadas pela família, grupo, comunidade e contexto social” (PAIS, 1999, p.177).

Os contextos diferenciados ampliam ou restringem as possibilidades desses jovens às vulnerabilidades sociais. Nesta perspectiva, os jovens, em pleno desenvolvimento biológico, social e psicológico, têm a necessidade de definição da sua trajetória de vida escolar, profissional, pessoal, familiar, e que pela plasticidade característica deste período, os predispõem para experimentar outros papéis e novas idéias, na procura de construção de um projeto de vida autônomo, imitando figuras de referências, como ídolos (idem p.229), necessariamente pelo conhecimento das condições sociais e culturais que constroem um indivíduo com atividades precárias.

Os jovens em situação de precariedade que vivem do trabalho informal são caracterizados por uma situação marginalizada dentro da economia formal, o que pode conduzir o trabalhador ao convívio com a incerteza, não somente porque não possui os direitos previdenciários e de assistência médica, advindos pela não inclusão no sistema formal. O trabalho informal congrega em si uma série de atividades e, formas distintas de inserção no mundo do trabalho. Estão aí incluídos tanto proprietários de pequenas estruturas produtivas, quanto aqueles trabalhadores que operam total ou parcialmente na ilegalidade (JUVÊNCIO, 2002, p.2), mantendo-se como excluídos.

Nessa linha, a exclusão dos jovens da periferia, a priori, como indivíduos marcados de espoliados, concentrando no interior de grandes cidades e subjetivando-se como os de fora ou relegados as últimas categorias e oportunidades.

Ao longo do tempo, a exclusão se reproduz, renovando estratégias de segregação, redirecionando novos alvos populacionais, não mais circunscritos aos limites das “franjas do sub-proletariado”, da pobreza, dos desempregados, dos imigrantes, mas famintamente ampliando as margens dos excluídos, atualmente devorando “jovens sem escolarização, migrantes, desfavorecidos, deficientes(necessidade especiais), inadaptados sociais” (MAGNANI, 2002, p.15), alcançando de maneira temporária ou duradoura uma diversidade de grupos sociais vulneráveis e definidos como menos qualificados para a vida.

Seguindo esse raciocínio, a exclusão social dos jovens em Luanda assume também a função de “demarcação, risco e desenquadramento social” (PAIS, 2001, p.13) de uma posição política e ideológica, embora o discurso político veja, os jovens angolanos que vivem em situação de precariedade e dependente do comércio informal, da mesma economia do mercado. Contudo neste sentido, que são nomeados excluídos em diferentes categorias, tais como as populações de rua, desempregados, empregadas domésticas, pobres, os que habitam a periferia, migrantes, os que habitam os morros, os que têm baixo grau de instrução, escolarização e os que sobrevivem do trabalho informal.

As constantes referências à fragilidade das condições de vida dos jovens sugerem a necessidade de uma intervenção pública, com o estabelecimento de políticas que visem atenuar os problemas e a situação desses indivíduos em concertação com todos os setores que lidam com políticas dos jovens e crianças, com estratégias para diminuir o trabalho infanto-juvenil e a precariedade dos jovens do município do Cacuaco.

1.4.1. Restos da guerra, modos de vida e seus significados: casos de Cacuaco

Tendo em vista o cenário do município de Cacuaco, a questão das relações entre saúde pública e as precárias condições de vida assume papel especial para os jovens. A questão dos significados ou re-significados que os modos de vida e consumismo como questões relevantes nos jovens em períodos pós-conflito. Os jovens estão no campo das produções subjetivas na contemporaneidade, marcados pelo cultivo do individualismo, pelo princípio de experimentação, pela lógica do consumo, pelo enfraquecimento no sentido de comunidade e declínio de valores coletivos. Nenhuma subjetividade individual ou coletiva pode ser construída fora do território que compõem

o “ser” de cada grupo social. O espaço é o campo de construção de vida social onde se entrecruzam no tempo plural do cotidiano. Tornando-se jovens, eles adquirem uma nova identidade, definida a partir das relações que estabelecem com o grupo social com o qual passam a se comunicar, conviver e constituir enquanto indivíduo. O vínculo estabelecido com o novo grupo permite a “(re) definição de sua identidade, o redimensionamento de sua afetividade e a construção de um novo projeto de vida” (OZELLA, Org. 2003 p.148).

Relativizando o peso de algumas questões colocadas acima, VELHO, em suas análises sobre identidades, cultura popular e a sociedade de massas, discute sobre as possibilidades de o “consumo ampliar, por meio do lazer, as redes de relações sociais e, ao mesmo tempo, garantir a individualidade dos sujeitos e as relações afetivas em famílias desestruturadas” (VELHO, 1986, p.21). Segundo o pesquisador, uma das características marcantes da sociedade contemporânea é o seu caráter de massificação advindo do “processo de urbanização, migrações, êxodo rural, explosão demográfica, desenvolvimento das grandes cidades” (idem 1994, p.40), e seus meios que alteraram os padrões de sociabilidade e interação entre os sujeitos. Com a constituição de uma cultura jovem, tece-se nos diferentes espaços sociais dos quais os jovens participam na rua, onde se “constitui uma cultura voltada para os diferentes modos de utilização do tempo livre, a casa, o trabalho, assim como as áreas de lazer e nas redes de relações” que aí são estabelecidas (Foracchi, 1977, p.299). Os jovens se combinam de diferentes maneiras produzindo estilo e modo de ser singulares e distintos entre os vários universos juvenis. É na tensão entre esses elementos, e os contextos em que vivem os jovens, que podem ser buscadas as linhas de formação e de constituição dos subgrupos e redes juvenis.

Os jovens se desgastam mais com o ritmo de trabalho no mercado informal, pois devido a sua situação em constante movimentação a procura de pares, trabalho e meio de subsistência, as condições de infraestrutura não oferecem condições de higiene adequada, por exemplo, para um limpador de carros, que ficam vulneráveis a doenças como “sarna” (escabiose), e por as vezes, suas rendas não lhes permitem comprar os medicamentos, que também não são fornecidos pelos serviços de saúde. Um outro problema é o acesso a água potável.

A inserção precoce no mundo do trabalho informal é um fator vulnerável em situação de desfavorecimento e pobreza ao invés de minimiza-la e superá-la. O

impedimento da premente necessidade de assegurar a sobrevivência dos jovens e da família prejudica. Não há escolas formais e nem profissionais que estejam adequadas a essa situação de trabalho, restringindo seus horizontes profissionais em ocupações desqualificadas e desvalorizadas, embora a ausência de escolas com atividade que exercem possibilita dignidade dos jovens no mercado.

O mercado informal⁽¹²⁾ tem crescido em Cacuaco, devido ao desenvolvimento da economia, êxodo das populações na procura de melhores condições, proliferação de mercados, número exíguo de centros de formação profissional e escolas de ensino geral, com sobrecarga para o orçamento domésticos ou familiares, pois este efetivo não co-participa nos impostos, para a segurança social e para a assistência médica. Aliadas as características Geo-turísticas, praias, estradas nacionais, acesso à zona norte do país, o trabalho informal é a fonte de subsistência e o álcool é largamente acessível aos jovens. Com o fenómeno de ex-deslocados, o desenvolvimento humano neste município e muitos bairros que fazem referência as zonas de origem, como o bairro Uíge e muito recentemente o Paraíso, faz lembrar o modo sociocultural destas populações. Por isso, muitos jovens se concentram em locais de maior afluência populacional como mercados, armazéns, praias, paradas de ônibus/autocarro, a procura de qualquer serviço que lhes permita sobreviver e partilhar alimentos com seus pares

O município que se situa ao norte de Luanda acolhia os deslocados que vinham das províncias nortenhas, tendo formado campos de deslocados à mercê do Programa Alimentar Mundial (PAM), ONGs internacionais e nacionais, auxílio do Governo Angolano. Nestes, as famílias viviam sob o mesmo teto (lona) como excluídos na sua própria terra, desprovidos de tudo e tinham poucas oportunidades de re-inserção social e econômica que era muito competitiva em termos de instrução e educação. A população passou, então, a sobreviver de auxílios, biscates, encontrando o álcool como sedativo, energético e paliativo, nos hábitos enraizados nas populações para amenizar as auguras do pós-guerra.

Os hábitos e modos de vida eram aprendidos nos campos de deslocados, nas ruas, nos pontos de trabalho (os quais os pais passavam para seus filhos), viver em condições insalubres, sem privacidade, e consumindo álcool como parte do cotidiano.

12- Pequenos produtores independentes e autônomos que atuam em áreas rurais e urbanas, principalmente em países em desenvolvimento. Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Com o término do conflito armado em 2002, e o encerramento oficial dos campos de deslocados, os jovens permaneceram nos bairros sem as mínimas condições de habitabilidade (vivendo como excluídos), pois seus progenitores viveram em situações de guerra.

A variedade de sentidos, que os jovens dão a vida, possibilita visões temporais e cotidianas que envolvem passado, presente e perspectiva do futuro, trazendo o tempo homogénico a ritmo ininterrupto (PAIS, 1999, p.229). Esta realidade que passa entre deambular, formar pares e grupos, redes de atividades e consumo (beber, fumar, mostrar a virilidade sexual), exercer atividade informal como o modo de se manter na vida e em vida.

Diante dos serviços nacionais de saúde de Angola, a insuficiência em infraestruturas, políticas na atenção aos jovens para prevenção e retardar do consumo e redução de danos do álcool e o acolhimento em instituição de amparo social e moral, dos jovens sem família, diminuindo assim a exclusão social e amenizando sofrimentos nos pós-conflitos (Lei 21-B,1992, Diário da República III^o serie, lei do sistema nacional de saúde de Angola). As instituições de amparo social seriam responsáveis na execução de políticas de inclusão social dos jovens, por meio de educação, instrução, ações de formação profissional, auxílio na localização e reunificação familiar dos jovens em situação de pós-conflito, circunstância muito debruçada pelas ONGs aliadas a exiguidade dos centros e com pouco investimento do poder público na situação dos jovens excluídos socialmente no pós-conflito armado.

Ao relacionar as trajetórias dos jovens em situação de desfavorecidos, conflitos armados e o consumo de álcool, é imprescindível ter em conta o caráter multifatorial e a interação que estabelecem intrinsecamente, associados às necessidades de autonomia do jovem, solidariedade e redes de inclusão no grupo, na comunidade e no trabalho.

Neste trabalho, pretendemos abordar, jovens que nasceram e cresceram em período de guerra e construíram suas trajetórias e modos de vida nas guerras, pois muitos deles tiveram os pais também nascidos em período idêntico, sem terem vivido momentos de paz, e com pouca oportunidade de escolarização e de profissionalização, exceto a militar.

A pertinência deste estudo foi compreender as vivências dos jovens (pós-conflitos armados em Cacuaco, trajetórias, modos de vida e estratégias de sobrevivência), objeto que articulou os diversos posicionamentos da população e

compreendeu “a multisetoriedade” que incide sobre os jovens em situação de precariedade, do ponto de vista social (laboral, escolar, profissional, consumo); e encontrar alguns subsídios para o problema, desvelar fenômenos psicossociais daí decorrentes, abrindo possibilidades para novos saberes. Para construção da dissertação, após longa reflexão, optamos por trabalhar com o conceito de “jovens” que têm como referência a faixa etária específica entre 15-24 anos.

Desta vivência, enquanto acadêmico emergiram questionamentos como:

1) Que significados e representações assumem para os jovens que vivenciaram situações de guerra e modos precários de vida?

2) Neste arcabouço, propusemo-nos com o ingresso no mestrado, a partir do seguinte pressuposto: quais significados e sofrimentos decorrentes de situações traumáticas de guerra podem ser compreendidos, através das narrativas que os jovens luandenses relatam sobre suas vidas?

1.5. OBJETIVOS

1-Desvelar a presença de sofrimento de natureza psíquica e social em jovens que vivenciaram situações de guerra civil.

2-Characterizar os jovens da pesquisa, suas trajetórias e modos de vida.

3-Compreender os significados atribuídos pelos jovens no consumo de álcool e suas relações com trajetórias e situações precárias.

1.6. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

O estudo foi realizado no município do Cacuaco, nas comunas ⁽¹³⁾ sede e Kicolo, campo da nossa investigação na Província de Luanda, em Angola, que incorpora comuna da Funda.

Cacuaco, município da província de Luanda, situado ao norte da mesma província, com os limites ao sul dos municípios de Viana e Cazenga, a oeste o Oceano Atlântico, a sudoeste o município de Sambizanga, e ao norte e a leste o município do Dande da Província do Bengo.

Cacuaco é constituída por 571 km² de área de superfície, com população de 12 mil habitantes, densidade populacional de 46 habitantes por km². Luanda com

13- Subdivisão política, geográfica e administrativa , equivalente a sub-prefeitura ou distrito.

923.842 habitantes segundo boletim demográfico, Instituto Nacional de Estatística de Angola- INE - Luanda, (2004), números desenquadrados devido ao crescimento da população, os citamos devido inexistência de censos que abordam a situação demográfica da população, sujeitando-nos em probabilidades do INE, 2004. Kicolo, situado no sul do município do Cacucaco, com limites ao sul com os municípios de Sambizanga e Cazenga, a leste com o município de Viana, e ao norte com a comuna sede. A comuna é conhecida pelo polo industrial de Mulemba, o qual possui várias fábricas, entre elas, a de bebidas alcoólicas, moagem de trigo, cimenteira, empresas de camionagem e várias fábricas inoperantes que estão transformadas em armazéns de vendas de bens de primeira necessidade.

Na comuna sede, onde está localizado o centro administrativo do município e as zonas residências e turísticas, também se observam vários centros recreativos, praias, cantinas, barracas, lojas e armazéns onde os jovens concentram-se para o trabalho.

No município convivem vários grupos etnolinguísticos, e de laços de consanguinidade, há muitos bairros com maior predomínio de indivíduos oriundos dos grupos Ovimbundu, Tchokue, Kuanhama, Kicongo, Kimbundo. Neste município ouve-se falar vários dialetos (línguas maternas); os hábitos alimentares, os modos de vidas e as práticas culturais são pertencentes a estes grupos.

No município para estudo foram escolhidos os centros recreativos, praias, mercados, armazéns e locais de maior concentração dos jovens em situação de precariedade.

Nota-se que na comuna da Funda, conhecida como maior centro agrário do município, concentram-se também muitos jovens em situação de precariedade, encontrando a atividade agrícola como meio de subsistência.

1.6. 1. Sujeitos do estudo

Os sujeitos foram constituídos por jovens de 15 a 24 anos de idade de ambos os sexos, com predominância masculino, lavadores e arrumadores de carros, estivadores e transportadores de mercadorias, vendedoras ambulantes de frutas e legumes, residentes na zona suburbana da cidade de Luanda, no município do Cacucaco. O grupo constituída por 14 homens e duas mulheres que exercem atividade informal nos seguintes pontos: Praia do Cacucaco, Praça do Kicolo, Armazéns da mulemba e venda ambulante. A maioria eram da etnia Ovimbundu e falavam fluentemente o Umbundo e o

português com sotaque de ovimbundu como língua de ligação. Afirmaram que sabem ler e escrever embora não terem passado pela escola formal.

Quanto a duas jovens que foram observadas, eram vendedoras de frutas e legumes, na mesma faixa etária, a mais velha tinha 20 anos com bebê nas costas de 7 meses e a outra tinha 16 anos, diz ter namorado, não tem filho, ambas são primas e vivem na mesma casa nesta localidade.

1. 6.2. Área de estudo

O estudo foi realizado em Angola, na Província de Luanda, capital do País, no município de Cacuaco.

Fig. 1 Mapa de República de Angola

Fonte: <http://www.netangola.com>, acesso aos 14 de outubro 2008

Fig.2 Mapa da Província de Luanda e do município do Cacuaco

Fonte: <http://www.netangola.com>, acesso aos 14 de outubro 2008

2. MÉTODO

Tendo em vista a natureza do problema da investigação e objetivos definidos, o caminho a adotar, com a contribuição etnografia, na perspectiva compreensiva, no princípio de que o processo do estudo poderá se pautar nos postulados apontados por HAGUETTE (1987, p. 56) de que a metodologia não deve ser a “priori” definida, mas sim deve emergir em decorrência do próprio objeto que se pretende estudar e das relações que naturalmente se estabelecem no campo.

Etimologicamente falando, método significa caminho. O caminho para MINAYO (1989, p.34) se faz ao andar, o procedimento que nos deve orientar para ser descrito como o de trotar a realidade, tentando ver o que se passa, nessa linha, compreendê-lo como um exercício reflexivo de apreensão de uma dada realidade, ou expressão da realidade sujeito/objeto (HAGUETTE, 1987, p.56).

No julgamento subjetivo, MINAYO (1989, p.330) afirma que nos indivíduos estariam marcas de suas impressões, gestos, hábitos, desejos e aspirações, única e fundamentalmente inconfundíveis com os demais. O que nos levará a convicção de que, além da importância do uso adequado do método e técnica no processo da investigação, o bom senso e sensibilidade do pesquisador também se tornam requisitos essenciais.

Para atender aos objetivos delineados neste estudo, valeremo-nos da conjugação de recursos metodológicos da sociologia compreensiva e da etnografia, com o objetivo da construção de descrição densa sobre o objeto investigado.

É justamente esta “descrição densa em busca da produção de sentidos nos grupos sociais” (GEERTZ, 1989) que a etnografia tem como um dos objetos principais. Com o método é possível entender a trajetória e modos de vida dos jovens em situação de precariedade por parte destes, desvelar as suas trajetórias, “significados que eles dão aos acontecimentos que os rodeiam” (MALINOWSKI, 1974, p.314) e que se situam no viver, no falar e no escutar. No processo metodológico também usufruiremos da observação participante e da entrevista semiestruturada.

Acreditando, como GEERTZ, que replica a afirmação de Weber de que o “homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tecer”, assumimos a cultura e a sociedade como sendo essas teias, e sua análise como ciência interpretativa a “procura de significados, atribuídos casualmente aos acontecimentos

sociais, trajetórias, traumas, denotações num contexto dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível” (GEERTZ, 1989, p.15).

Coletando informações, por meio de observações participantes e entrevistas semiestruturadas, conforme HAGUETTE (1987) baseia-se “no compartilhar consciente e sistemático, conforme as circunstâncias o permitam, nas atividades de vida, e, eventualmente, nos interesses e afetos de um grupo de pessoas”, mapeando os locais de maior concentração de jovens, desvelando suas trajetórias e modos que evoluíram até observações seletivas em seus locais de atividade.

As entrevistas são o processo de interação entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, com roteiro da problemática central na trajetória dos jovens em situação de precariedade, conflitos, pós-conflitos e consumo de álcool. HAGUETTE (1987) nos lembra que estamos recebendo meramente o relato que o informante tem do seu mundo, cabendo a nós, pesquisadores, avaliar o grau de correspondência de suas afirmações com a realidade objetiva. Os entrevistados terão os seus nomes substituídos por fictícios, com isso preservaremos a identidade dos mesmos, com base no roteiro de perguntas descritas, identificando a trajetória e vivências dos jovens no pós-guerra e compreendendo as condições e comportamentos do consumo de álcool. A observação direta de comportamentos no cotidiano do grupo pesquisado (MAGNANI, 1993 p.7) “é que os jovens deixavam que os fatos e fenômenos emergissem espontaneamente”. Conforme afirma SARTI (1998), “observar não é apenas olhar, mas treinar este olhar, preparar cuidadosamente este olhar para que ele não seja um olhar ingênuo, desarmado, que desconhece suas implicações. A observação requer que se discuta a concepção da realidade social e o conhecimento desta realidade na qual se baseia, examinando criteriosamente duas questões do trabalho de campo: como observar? O que vê?”.

A coleta dos dados foram feitas ao longo dos meses de dezembro 2008, janeiro e fevereiro de 2009, com 08 lavadores e arrumadores de carros e 6 transportadores e estivadores de cargas e 2 vendedores ambulantes.

Registros etnográficos incluem notas das observações e entrevistas realizadas utilizando o Diário de Campo, no vai e vem do pesquisador (pequeno gravador) e fitas magnéticas que permitissem registrar as falas quanto as trajetórias dos jovens, modos de vida e significados do consumo de álcool.

Analisando os dados qualitativos envolve o pensar que é consciente, sistemático, organizado e instrumental, portanto a refletividade está sempre presente,

pois queremos ser específicos sem sermos abstratos, empíricos sem sermos positivistas, e rigorosos (ERICKSON, 1988; MANAYO, 1989; MAGNANI, 2002 e PAIS, 2006).

Escrevendo uma etnografia, VELHO (1978) e ERICKSON (1988) fazem observações pertinentes na pesquisa apontando o que veremos e encontraremos como conhecido e familiar, bem como dos quatro estágios de Becker na observação participante; “a seleção de problemas, estimativa de frequências e distribuição de fenômenos, articulação de descoberta individuais com o modelo do estudo, e os problemas de inferência e prova”, Cicourel citado por GUIMARÃES e col. (1990, p.97). Quando a preocupação será a compreensão da teia de relações sociais, comportamentos, significados que se dão e estabelecem no interior das redes de atividade dos jovens em situação de precariedade, o trabalho qualitativo oferece dados interessantes e relevantes.

2.1. DINÂMICA DO TRABALHO DE CAMPO

As entrevistas realizadas foram consideradas adequadas e possibilitaram informações satisfatórias, sobre o fenômeno dos restos da guerra e o consumo de álcool pelos jovens, do município do Cacuaco, de acordo com o roteiro, apresentado no “Anexo IV”.

Cada um dos sujeitos foi convidado a participar na pesquisa e, após sua concordância, dirigimo-nos a um barraco que não estava a ser utilizado, com permissão do vigio, o que possibilitou a personalização da atenção e do esclarecimento de dúvidas que existissem, e criar, assim, um ambiente seguro e favorável para livres expressões das ideias. Em média, as entrevistas duraram de 30 a 40 minutos.

Os aspectos como sofrimentos psicossociais, relacionados aos jovens, constituem o elemento central das entrevistas e observações, porém para chegar a eles foi preciso compreender um conjunto de narrativas e clarificar conceitos.

Assim sendo, com os restos da guerra e o consumo de álcool pelos jovens, foi necessário entender os sofrimentos no período de guerra, as vivências e significados em campos de deslocados, bem como os sofrimentos no período pós-guerra, redes de trabalho, modos de vida em musseques e o consumo de álcool por estes jovens.

As primeiras impressões e interações no campo foram subjetivas, primeiro porque há uma tendência para olhar o outro, através de uma lente que não prioriza e nem estabelece uma conduta para fato real; segundo que este olhar tende a ser vertical,

imparcial, olha-se de cima e por cima, estando sempre no lugar privilegiado culturalmente, da ação verbal e não verbal, na cena em que ocorre o evento da fala (KENDON, 1977).

De início, o desafio foi na busca de certo grau de humildade para adentrar no universo do modo de vida dos jovens, trajetórias e vivências, consumo, aspectos culturais, língua e as interações entre eles.

Foi preciso recriar uma nova concepção dos jovens excluídos na periferia da cidade de Luanda, que viveram situações traumáticas de guerra, embora sempre marginalizados e muito ambicionados pelo seu espaço de trabalho, vendo um profissional para ouvir e ver o seu modo de estar e de viver, e o consumo de álcool nesta faixa da população, como cidadão, em pleno exercício dos seus direitos.

Corroborando essa reflexão, ADORNO (2001) afirma que “não devemos esquecer que o termo cidadania está muito enraizado na cultura política da sociedade, e que não é evidente, para muitos, a ideia de que a inclusão seja de imediato, o reconhecimento dos direitos sociais.”

A pesquisa foi um grande aprendizado, mas também um grande desafio do pesquisador e autor deste trabalho, na travessia trans-atlântica. Numa margem, munindo-se de arcabouço teórico e prático, e noutra, olhar, ouvir, conviver com a diversidade de jovens que vivenciaram situações de guerras que encontram nos biscates como atividade de dignificação social.

Nos contatos iniciais com jovens, a tendência era olhá-los de forma homogênea, generalizada, sem dar ênfase às particularidades que envolvem as suas trajetórias, vivências e consumos, vindas com o correr do tempo da pesquisa. O imaginário sobre os jovens cedia o espaço às observações, pois o grupo já era tão homogêneo quanto parecia aos primeiros contatos.

Com o contato, o pesquisador era visto como invasor da privacidade; talvez devido as cicatrizes de guerra, os jovens diziam que era o pesquisador era espião. Depois de um tempo, foram adentrando, e passaram-no a chamar de jornalista e tinham receio de que as suas informações fossem publicadas nas rádios locais. Mais barreiras foram rompidas, até que o pesquisador foi aceito a conviver e, por vezes, compartilhar o seu espaço, alimentos e bebidas, passando os jovens a chama-lo de professor. O termo que o pesquisador foi digerido ao longo do trabalho de campo.

Os jovens pesquisados, apesar da exclusão, mostraram sinais de modernidade, através do acesso a tecnologias e assuntos da atualidade, como telefones

celulares, rádios, TVs, Mp3. Discutiam sobre futebol, novelas, mulheres e sobre a vida futura e os têm filhos e esposas cometem sobre eles. As jovens falam do seu futuro, do marido, da família, do possível reencontro, das informações familiares e da solteira aspira eu tenha um bom marido.

Com a particularidade que caracteriza os grupos de jovens, seja na maior facilidade de se enturmar, conversar, emitir opiniões sobre vários aspectos, logo procurávamos um barraco livre, localizado no perímetro aonde os jovens se encontravam. Ali, ocorreram as primeiras conversas que evoluíram gradativamente para entrevistas delineadas em torno do tema. Grande parte das entrevistas foi gravada, sempre com a permissão dos jovens, e tais momentos se caracterizavam como significativamente relevantes para o trabalho.

O trabalho de campo constou das entrevistas e na observação-participante dos jovens de forma voluntária e livre. Ou lhes era facultado o direito de se recusar a participar, ou desistir a qualquer momento, comprometendo de que seus nomes não seriam revelados em nenhum documento ou publicação que viesse derivar do estudo.

O fato dos jovens serem duma cultura diferente, ao pesquisador facilitou abordar temas como trajetórias e vivências até a chegada em Luanda, e nas suas atividades, sempre portando bebidas alcoólicas, foi fácil abordar a questão do consumo de álcool. O registro no Diário de Campo foi um recurso privilegiado, pois com este instrumento foi possível anotar determinadas ocorrências não detectadas pela entrevista. Depois da consulta das anotações, tornou-se possível a reflexão de observações como análise das expressões faciais, silêncios, risos, lágrimas, sujidade, cheiro, muita poeira, dormir ao relento, alimentos, água etc. Todos estes fatores ampliaram a qualidade da informação e interação, enriquecendo significativamente a escuta e o olhar dos jovens.

Os jovens são muito reservados, porém cordiais. Interpretar o silêncio, que a princípio parece rejeitar o diálogo com alguém desconhecido, foi a primeira barreira concreta, principalmente quando se tratava de que viviam como deslocados, de uma outra cultura e pelo consumo de álcool, assuntos que requeriam muita sensibilidade e confiança para facilitar o reconhecimento das idéias centrais, por vezes, em poucas palavras, de forma eloquente, o que permitiu a percepção e a revelação do individual do tema estudado. A apresentação e a discussão dos resultados constarão no capítulo seguinte.

2.2. ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi aprovado no conselho de ética em pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP, através do protocolo de pesquisa n.1882 de 14 de Agosto 2009, e cumpriu com todos os pressupostos inerentes ao assunto.

Foi adotado um termo de consentimento livre e esclarecido do pesquisador, o qual se comprometeu a explicar sua pesquisa e a participação de todos aqueles que entraram em contato no campo, a preservar sua intimidade e a respeitar suas negativas.

Também, em obediência ao comitê de ética em pesquisa, todos os dados a recolhidos serão confidenciais.

Em respeito à Resolução n.196/96 do Ministério da Saúde (Brasil), que regula a participação de seres humanos em pesquisas, foi lido o termo de consentimento livre e esclarecido para cada jovem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo buscou entender os significados da guerra, pós-guerra e do consumo de álcool pelos jovens, carregados de vicissitudes próprias do sofrimento psicossocial, decorrentes de um conflito com migrações, isolamentos, penúrias, faltas de informação e de localização dos familiares migrantes e dos que permaneceram nas zonas de conflitos.

A nossa preocupação residiu, num registro atento e cauteloso das diferentes interpretações dos significados, das vivências, trajetórias e, sofrimento provocado pela guerra, tornando as discussões mais abrangentes sobre os conflitos.

Deve-se ressaltar que, apesar de procurarmos anotar todas as percepções dos jovens, temos que reconhecer com humildade que – embora o fenômeno seja aparentemente compreendido, claro que nunca completo –, ainda existem elementos que poderão ser revelados em outras pesquisas.

3.1. APROXIMAÇÕES COMUNS DO COTIDIANO DOS JOVENS

As interações dos jovens no espaço urbano como diz, MAGNANI (2005, p.170), define que, “as redes de atividade a partir do uso do espaço urbano, seus equipamentos e sociabilidades, diz que as elas têm uma existência objetiva e observável: pode ser identificado, descrito e localizados”, referindo-se especificamente as redes dos jovens nas ruas define como; “como redes protetoras de conveniência com acordos táticos de relacionamento que permitem pacificar e regular protetoramente as inserções entre espaços, sujeitos a tensões ou conflitos de controle” contudo corroboramos com o termo redes de atividade, na qual delimita o espaço, as relações entre jovens, as ligações entrelaçados nas atividades.

As **redes de atividade** são locais de estabelecimento de laços, coabitação de espaços e sociabilidade do meio urbano. Caracterizados por ligações familiares e por pares, os jovens adotam atitudes e práticas reconhecidas pelo grupo a que estão entrelaçados com atividades comuns, situação cultural e modos de vida semelhantes. Contudo, as redes dos jovens estão demarcadas por territorialização, por meio de rituais de afirmação identitária, que tem expressão de área de convívio com harmonização das relações de conveniência e das oportunidades de trabalho.

Estes locais são muito cobiçados entre lavadores e vendedores, pois permeiam relações de acordo com modos de ser, de estar, de fazer e atitudes, estabelecendo laços de amizade, espaços de lazer e de trabalho com comportamentos semelhantes e atitudes dos circuitos, por vezes pontos de divergências entre os frequentadores, trabalhadores e autoridades municipais que fiscalizam o território. Este circuito – constituído por território e por teias de relações entre jovens, que exercem atividade de lavagem de carros, cuidar de carros (por hora, por dia) – depende da atividade cobrada por trabalho feito (de lavar, aspirar e cuidar carros). Estas redes – circunscritas por grupo de jovens e por atividade em que muito desejam para revender mercadorias, refrigerantes, comidas ou lanches –, são muito apreciadas pelos banhistas e transeuntes e, muitas vezes, estes espaços são apoderados pelos donos de lanchonetes, em detrimento dos locais que são utilizados por lavadores e cuidadores.

Para **lavadores de carros**, existem muitos espaços no município, porém escolhemos no apelidado Marginal de Cacuaco. O local trata-se de uma *ruela sem asfalto, onde num lado estão as barracas, lanchonetes e alguns edifícios de turismo e noutro lado, a praia, as árvores e o espaço de estacionamento* (Diário de Campo). Os espaços onde ocorrem as atividades (lavadores ou vendedores ambulantes) são muito procurados pelos turistas, por serem locais preferenciais para revenda de mercadorias, em contraponto com as lanchonetes e bares existentes quanto a concorrência e preços.

Recentemente o local foi equipado com quarto de banho (banheiro público), que, para seu uso, é necessário coparticipação, para melhor controle, conservação e garantia de durabilidade, permitindo que os turistas permaneçam no local por mais tempo. Existem, no local, vários grupos de lavadores num perímetro de 1 quilômetro; cada grupo delimita o espaço de 50 a 100 metros, entre os quais com mais de 5 jovens, que, sem organização por ocupação de carros, lavam mais carros em relação aos outros; uns, devido a inexperiência, convidam os seus amigos/colegas que servem de ajudantes (co-lavadores), permitindo que ganhem algum dinheiro, para satisfazer as necessidade do dia (Diário de Campo).

É neste espaço que um dos elementos (o que controla a rede) do grupo, presente ou ausente, distribui aos outros do mesmo grupo (por vezes com ou sem ligações familiares) as atividades que cada um exerce com conhecimento dos “donos” da área, não podendo aparecer novo inquilino sem consentimento do individuo que controla o espaço.

Os jovens doutras baúcas (espaços) não podem vir aqui, porque roubam e fazem confusão.
(Kiambi, 20 anos, 9 anos nas ruas do Cacuaco, lavador).

Nota-se nos jovens a delimitação de redes de atividade, como forma de coabitar no ambiente de trabalho. As interações no grupo comungam alegrias e tristezas, e este ambiente está estruturado por chefes, funcionários e espaços, como figura do emprego formal.

Nas visitas aos jovens, estes se apresentavam vestidos com roupa de trabalho, bermudas (calções) e camisolas (camisetas) sujas, chinelos ou sapatinhas (tênis) rotas, devido ao trabalho. Estavam sempre a conversarem com colegas e em brincadeiras, sorridentes para atrair clientes. Com intuito de prestar serviço, importunam qualquer automobilista que aparece, perguntando-lhe se é para lavar, fazendo propaganda que lavam muito bem, enfatizando que o carro ficará limpo e a um preço muito barato, vimos também motos a serem lavadas, pois nas proximidades há uma paragem (ponto) de moto-táxi, que é frequente naquela região.

Devido às condições geográficas e à falta de infra-estruturas básicas, as motos facilitam a locomoção e permitem levar os usuários até suas casas, na impossibilidade de carros o realizarem. Contudo a atividade exercida pelos jovens tem rotina individualizada de emprego; eles apresentam-se a desenvolver trabalho, matêm relações profissionais (trabalhador - cliente) e sabem da importância da função que exercem.

Os **carregadores e estivadores** delimitam suas áreas de atividade, divergindo com outros carregadores nas localidades, com intuito de compartilharem do trabalho, porém, a ganância ou o pouco trabalho levam à rejeição dos jovens na mesma situação. Para este grupo, escolhemos alguns armazéns de venda e revenda de mercadorias e o mercado do Kicolo (conhecido por “praça de madeira”), constituído de barracas de revenda e vários pontos que chamamos “trabalhador /bagageiros⁽¹⁴⁾”. Os armazéns exercem atividade junto aos caminhões, para carregamentos e descarregamentos, e destes para o local de revenda (atividade que é muito frequente), no transporte de mercadorias dos depósitos para as bancadas e destes para os armazéns.

15- Trabalhador equivale a Bagageiros (pejorativo) são trabalhadores que transportam mercadorias dos locais de compra até as residências e locais de venda ou revenda.

Mas sob a ambição e a solidariedade entre eles – sendo focos de partilha de atividade, interajuda, discussão, conflitos e por vezes brigas –, muitos dos jovens são clientes assíduos dos vendedores e, com uma relativa confiança, fazem o transporte sem supervisão e por vezes à crédito.

Neste local, encontramos jovens vestidos somente de bermudas, muitas vezes sem camisolas (camisetas) e descalços. Há muita catanga e suor, e o consumo de álcool e tabaco pelos jovens é constante. Eles usam carros de mão feitos de madeira, com rodas de carros, de preferência pneus R12 ou R13, que são montados em carpintarias locais. Os jovens transportam cerca de 250kg a 300kg de uma só vez, ganhando mais dinheiro, e, fazendo o trabalho em pouco tempo, aumentam os rendimentos, chegando a locais onde motos e carros não transitam.

A valorização social desta atividade mantém os carregamentos, protege das mercadorias, nos depósitos para barracas de revenda e do transporte para locais de embarque e desembarque, nos pontos de táxi. Os compradores (clientes) usam muito este serviço para condução dos seus produtos, que, nas proximidades, são carregados em carrinhos de mão até suas casas, depois de combinados os preços dos serviços.

As condições em que são submetidos os carregamentos, transportes e descarregamentos são insalubres, manipulando tudo, e, por vezes, levando mercadorias muito pesadas, conforme observamos.

Ao levar 5 sacos de cimento de 50 kg cada num carrinho de mão, os jovens suavam e mantinham o olhar atento nos carros e nos transeuntes, solicitando prioridade na passagem. Guiados pelo dono da mercadoria, passavam em lugares com lodo, lixo, tendo sempre cuidado de não deixar caírem os produtos no chão (Diário de Campo).

Na atividade exercida, os jovens são agentes sociais que constituem teias de relações estabelecidas num determinado espaço social. A estrutura deste espaço se manifesta nos contextos mais diversos, sob formas de disposições geográficas, onde o lugar habitado funciona como espécie de simbolização articulada. Os espaços sociais são delimitados e os usuários (jovens) são hierarquizados por antiguidade, força física e robustez (para amedrontar ou cobrar dívidas), maior capacidade econômica, atividade, grupos de indivíduos, proveniência, língua, familiaridade no local, residência, confiança dos usuários, experiência no território.

Aqui no nosso espaço “baúca”⁽¹⁵⁾ só nós, de Nambuagongo⁽¹⁶⁾, é que trabalhamos, sem problemas, sem reclamações automobilistas. Ninguém doutro espaço pode vir aqui para lavar ou fazer um outro salú (trabalho), quem insistir é retirado.

(Escurinho, de 19 anos, lavador há 6 anos).

As redes de atividade são também para identidade dos jovens, e, simultaneamente, comungam a infra-estrutura urbana pela sua própria característica de indivisibilidade. Elas não podem ser completamente absorvidas pelas empresas privadas, mas sim alienadas ao bem público e estes ligados aos jovens, em situação de precariedade, demarcam e ocupam os espaços urbanos. A indivisibilidade e individualidade determinam o consumo dos bens coletivos (ruas, praças, mercados, espaços de lazer, áreas públicas), os quais são acessíveis a todos e fazem com que cada cidadão urbano seja consumidor da cidade e do espaço, em estreita relação com aquilo que é oferecido pelo setor público.

Para a construção de trajetórias de vida – dentre as quais se combinam família, trabalho e território –, existe variação, porém, de pouca eficácia, em virtude das condições precárias, para permitir integração, organização e sociabilidade. Tudo isto se constitui nos lugares de aproximação, resolução de problemas, criação de redes de amizades, trabalho e de interajuda. Realizar atividades neste espaço é viver a ritualização de suas exclusões e inclusões no grupo, ou atribuir um valor diferencial da situação inicial de eliminação – como se cada jovem adquirisse certa autonomia sobre ela, pois no espaço organizado liminar criam-se possibilidades de manipulação da identidade (representação, imaginação) com objetivo de valorizar-se socialmente.

Os jovens em situação de liminariedade /precariedade habitam os bairros surgidos durante ou após a guerra, coabitando, em pares ou pequenos grupos, os quartos alugados ou sob custódia/proteção. Alguns ocupam espaços adquiridos ou herdados pelos familiares (barracos de chapas de zinco, pequenas casas), morando com amigos, ou mesmo com pessoas da família, e, por não terem outras condições, sujeitam-se a viver naquelas situações.

É notório que, neste grupo de jovens em péssimas condições, podem existir doenças e focos de transmissão entre elas (malária, tuberculose, escabiose, etc), pelo

15- Baúca (gíria ou calão) termo angolano que é muito compartilhado pelos jovens do mesmo grupo e que exercem mesma atividade.

16- Município da Província do Bengo em Angola, divisão territorial geopolítico-administrativa.

pouco cuidado com a higiene, não há tempo para limpar o local em que habitam, pois estão sempre apressados, dizendo que estão atrás do prejuízo.

Nos aposentos observados, encontramos esteiras, lençóis sujos, rádios ligados e sintonizados em emissoras locais, inexistência de mosquiteiros, lâmpadas acesas quase o dia todo, talvez devido à deficiência de iluminação solar e ventilação (Diário de Campo).

A migração dos jovens nas grandes cidades se dá pela procura de melhores condições de vida e mercado trabalho, e mesmo sabendo que eles veem para curto período, acabam por deixar suas famílias em cidades longínquas. Dessa forma, optam por aluguel de quartos com amigos e familiares que exercem a mesma atividade, pagando diárias, alimentando-se nestes locais, trabalhando e vivendo em condições péssimas, mas, para eles, possíveis para melhorar o estado socioeconômico das famílias. Os jovens viajam para as grandes cidades acompanhados ou levando esteiras, lençóis, uma pequena pasta ou um saco onde estão suas roupas.

No quintal de algumas casas onde vivem, encontramos alguns jovens a realizarem suas refeições (muitas vezes comercializadas pelos próprios inquilinos). Naquelas condições, os jovens estavam animados e alegres das atividades que exercem, e conformados com situação em que vivem. “Estamos aqui por pouco tempo, apenas para criar condições para nossas famílias na região” (N’gola, 17 anos, 2 anos como carregador). A maioria conversava e comungava conosco suas idéias situação econômica, mercado, novelas, futebol, guerras (muitos deles participaram ou ajudaram os militares na época dos conflitos).

Podemos considerar que, nos contextos urbanos, ao invés da coexistência de mundos ou lógicas sociais, observam-se diferentes domínios e níveis socioculturais. Tais realidades geram, nas cidades com escala ampliada, uma heterogênea mobilidade material, econômica e simbólica, definindo mundos, grupos, atividades e populações com velocidades diferentes, que se entrecruzam no território físico e no espaço cultural, e, nas quais, jovens desfavorecidos deviam encontrar escolas como espaços de inclusão.

Durante nossa pesquisa, a maioria dos entrevistados não tinha **escolarização primária** concluída ou por concluir, e muito deles não sabiam ler nem escrever. Contavam que não lhes foram oferecidas oportunidades de frequentarem escolas, devido à guerra, e mesmo no pós-guerra tiveram pouca oportunidade, pela redução de

equipamentos disponíveis, falta de vagas nas escolas públicas e falta de condições para frequentar os centros de formação profissional. O fato de os jovens estarem sempre ocupados para terem algum poder econômico também atrasa a conclusão de sua escolarização primária, contudo, as instituições de ensino e instrução seriam os locais ideais, por excelência, para reduzirem a situação de precariedade, exclusão, pobreza e desigualdade. A estigmatização devido a idade adulta em frequentar classes muito baixas, a falta de tempo e a desmotivação em frequentar os serviços de alfabetização⁽¹⁷⁾ mas indisponíveis nos principais bairros em que os jovens são moradores. Nas zonas de origem, havia escolas do ensino geral com degradação e destruição de equipamentos escolares, ausência de professores, falta de motivação, evasão escolar, influenciando, dessa forma, o baixo nível de escolaridade.

No período de conflitos, nos campos de refugiados foram criadas pequenas escolas para manter atualizadas as crianças no ensino e aprendizagem. Mas devido a grande movimentação de jovens, muitas dessas escolinhas não tinham capacidade em abrigar tantas crianças. Além de alguns alunos estarem em classes relativamente superiores em que eram colocados, também havia a fome, nudez, migração, falta de albergues, o que desmotivava a frequência de estudantes nas escolas, sendo motivo de sofrimento, impedindo assim, que aprendessem a ler e escrever. Por isto os jovens procuravam atividade como pesca e caça, e outras funções lucrativas, como forma de sobrevivência, “aliadas à falta de preparo do sistema escolar, das teorias e práticas pedagógicas em lidar com esta população, acrescidas pelas precárias condições econômicas” (OZELLA, Org. 2003 p.232). Devido, também, a dificuldade na procura por alimentos, os pais tinham de trabalhar na agricultura ou venda de lenhas, e os filhos os acompanhavam, e não havia quem podia se responsabilizar ou cuidar das crianças, aumentando o número de jovens sem o ensino primário concluído.

Sim, sei ler e escrever e estudei até 2ª classe/série, consigo ler um bocado, assim vou indo, não tive a oportunidade, por causa da situação de falta de dinheiro. Embora não sabendo ler e escrever, tenho que viver a vida e ajudar os meus filhos.
(Dadão, 22 anos, 2 filhos, 7 anos como lavador de carros.)

17-Programa de ensino de jovens e adultos

A escola e a permanência nela são sempre motivos de temaria para os jovens em situação precária, pois as escolas públicas são equipamentos sociais presentes em todos os bairros (até em campos de deslocados), mas, embora em condições difíceis e em número reduzido, não respondem à demanda. Como consequência, um número de crianças permanece fora do sistema escolar⁽¹⁹⁾ e mesmo no pós-guerra, em detrimento do esforço do Governo em construir, equipar e formar professores, a situação está muito longe do ideal. Este princípio levará muito tempo para ser atingido, por vários motivos como por exemplo a falta de políticas sócio educativas para as crianças desfavorecidas, zonas sem estradas, pontes destruídas, falta de equipamentos, a locomoção por vários quilômetros na procura de material didático, professores desmotivados a prestarem serviços em zonas rurais. Estes são fatores que levam a “desistências escolares, reprovações, desmotivação, trabalho remunerado precoce”.

Temos de ressaltar a motivação oferecida pelo Governo em doar cadernos, materiais escolares, uniformes e merenda em algumas escolas, principalmente em zonas suburbanas e rurais, embora não abrangentes em todas as classes, escolas e localidades, como fatores de motivação para escolarização. Mas os poucos equipamentos, a precariedade e a luta pela sobrevivência desmotivam os educadores e as crianças a irem às escolas. “O trabalho infantil obriga cada vez mais crianças a trabalharem de tenra idade” (Unicef, citado por SAVE THE CHILDREN, 2008, p. 43). Com o intuito de sustentar-se e ajudar a família, nossos jovens entram no trabalho informal e reforçado pelo ganho de alguns rendimentos para sobrevivência, e estes são alguns fatores desmotivadores de inserção de jovens nas escolas, incluindo nos centros de formação profissional.

A situação coloca em questão como sobreviver durante a permanência nas escolas, pois a família depende muito destas atividades, e isto, na vertente da luta pela vida, vem agravando a situação dos jovens desfavorecidos, que não vêem esperança no futuro com o recurso da educação.

Eu não estudei, não tenho muita classe, só sei escrever o meu nome. Estive pouco tempo na escola, foi lá no município, fiz a 2ª classe e só sei escrever o nome.
(M'bala, 20 anos, carregador, 3 anos no local.)

19- Segundo a Unicef citado pela Ong SAVE THE CHILDREN, 2006, são 38,5% (533 mil) de crianças sem escola, este número é mais elevado nas zonas suburbanas e rurais e nas famílias pobres e migrantes.

Saber ler e escrever simboliza uma visão de vida nas escolas e motiva os jovens a novas formas de aprendizagem. Eles repetem as suas motivações para retornar à escola e têm no seu imaginário (talvez no período em que realizamos a pesquisa) que este conhecimento é para preparação e início do ano letivo.

Talvez este período, pode ter influenciado as respostas dos entrevistados: “Senhor, eu vou estudar...; eu estou a estudar no período da tarde” (Fala Beto K). Porém quando passamos por lá, no período das aulas, este jovem sempre estava no seu espaço, a executar a sua atividade remunerada, o que demonstra que, estar na escola, significa aprendizagem de novos hábitos, habilidades e conteúdos, mas também pode significar a degradação de suas péssimas condições de vida.

Os jovens em situação precária têm, na sua visão, que escola e trabalho são locais de novos saberes e **atividades recreativas**, freqüentes nos dias de feriados e nos fins de semanas. Por exemplo, jogar cartas e futebol reforça o espírito mútuo, para manutenção da robustez física e estado psicológica; por vezes, os jogos estão relacionados com localidade de proveniência, e, embora muitas vezes não há equipamentos esportivos (camisolas, calções, chuteiras, campo), jogam em pequenos recintos, apenas com finalidade de recreação.

Sobre lavadores vimos que utilizam a praia para recreação, e jogar bola como forma de fortalecer os vínculos entre eles; a música e a dança são vistas como forma de recreação quando terminam as atividades e nos finais de semana; há relatos de frequência de pequenos centros de recreação, e outros se divertem com as músicas oferecidas pelos sons dos carros que lavam e cuidam; alguns jovens até possuem pequenos aparelhos de som com baterias e ouvem música, em companhia de amigos (as). Ao final das atividades, vestem novas roupas e tênis, recentemente adquiridos, para mudar a imagem de lavador ou mesmo de transportador, e exibem relógios, aparelhos celulares etc., ficam em conversa, dançam, até que uma nova jornada se inicie.

As atividades de lazer realizadas por estes jovens demonstram também uma lacuna no campo da escola, artes e ofícios podem representar uma alternativa, no sentido de criar atividades atrativas e diversificadas, como forma de intervenção diminuindo o sofrimento e a desigualdade a que estão submetidos.

Visitamos o centro cultural, denominado Kilamba, apelido do primeiro presidente angolano. Era composto de *um quintal com grande equipamento de som, gerador de eletricidade, banheiros, mesas, salão para dança e caixas térmicas ou de*

freezer (arcas) desativadas, em que são condicionadas as bebidas alcoólicas. A venda de cigarros e de bebidas alcoólicas é liberada, não há restrições quanto a entrada de menores. Todos dançam e convivem de acordo com as sinergias, dinheiro, amizades, conversas etc. (Diário de Campo).

Neste centro, são freqüentes músicas no estilo semba, tarachinha, dança da família, pop; ouve-se e dança-se também músicas de folclore angolano, de artistas estrangeiros, entre os quais brasileiros, americanos, congolese Democrático, Brazzaville e Sul Africanas. Durante o convívio, os jovens se reúnem em volta de uma mesa, consomem e conversam. Observamos maior frequência de jovens em situação de precariedade, com poucos recursos econômicos, embora o centro seja aberto o dia todo, e com grande movimentação das 17h às 23h, devido as atividades cotidianas, aumentando nos finais de semanas e feriados.

Nestes centros de recreação, não há restrição quanto à entrada de crianças e menores, ou priorizando o aspecto econômico, embora a legislação assim o exija, mas a **falta de documentos** na parte destes, tem dificultado o cumprimento dos aspectos legais, movidos de pulsão de sobrevivência em estarem ligados a qualquer ramo de atividade, devido a orfandade, falta de recursos financeiros, falta de tutores ou encarregados, ou mesmo incapazes de assumir perante as autoridades em constituir documentos. Os jovens lavadores, carregadores e estivadores são cidadãos, embora não reconhecidos formalmente pelas autoridades competentes, com dificuldades advindas da exclusão social.

Opinião dos jovens quanto aos documentos:

Não tenho bilhete de identidade (equivalente ao RG no Brasil) e cédula pessoal, é muita dificuldade. Vou lutar para tratar o bilhete de identidade e outros documentos para sair deste sálu⁽¹⁹⁾ (trabalho). Temos muita dificuldade em tudo, vivemos muito mal, não temos nem documentos para podermos trabalhar nas empresas, porque nos pedem muitas condições e não temos ninguém que nos ajude, até o lugar em que estamos a lavar carros querem montar lanchonetes... estamos muito mal...

(Kiambi, não tem nenhum documento, aspira trabalhar numa empresa de construção civil.)

Ter documento significa valorizar-se socialmente e ter facilidade de conseguir um emprego formal, mas a família desestruturada, o sistema burocrático e as taxas extras para obtenção dos documentos fazem com que os jovens se mantenham

19- Gíria angolana, comum entre os jovens, que significa trabalho ou qualquer atividade.

excluídos. Isto dificulta sua locomoção por avião ou barcos, que são transportes controlados, e, dessa forma, os jovens só andam de carro, ou a pé, e têm dificuldade de comprovar a sua cidadania. Embora ela não seja somente evidenciada com documentos, mas também por meio de vários programas de registro e acesso aos documentos dados pelo Governo, os jovens não têm como comprovar a sua filiação, pais ou encarregados, elementos exigidos na obtenção de qualquer documento.

Nesta situação, os jovens são suscetíveis a obterem os documentos a qualquer preço, por indivíduos não capacitados e, para tal, correndo riscos de adquirirem documentos falsos, ou mesmo de origem duvidosa, podendo ainda mais comprometer a sua situação social. Mesmo assim, nos relatos, os jovens almejam ter emprego formal, para reputação social e auto-estima promovendo conforto na família, e garantindo assim benefícios sociais ao trabalhador, aspirando um futuro de melhoras financeiras, habitação, estudos para os filhos, um bem estar social em geral.

Nos locais em que congregam jovens em situação de precariedade, os alimentos são de preferência à base de energéticos como farinha de milho e mandioca, proteínas de carne de frango, bovina e de peixe. A **alimentação** é de acordo com as condições econômicas e por vezes de origem duvidosa, pois devido ao trabalho na rua que exige – em virtude da exposição prolongada ao sol, chuva, poeira e atividade sem hora de término –, grande desempenho físico e psicológico. Segundo os relatos, em média os jovens fazem uma refeição completa que é o almoço, com complemento de lanches nos locais de trabalho ou ao final do dia nas áreas de residência. A alimentação baseia-se nos pratos tradicionais da gastronomia angolana (kisaca⁽²⁰⁾, mingueleca⁽²¹⁾, mufete⁽²²⁾, calulu⁽²³⁾ etc.). São utilizados barracos adjacentes nos pontos de trabalhos, e as mulheres na mesma situação é que preparam e vendem os alimentos à margem dos serviços de inspeção sanitária, comércio, hotelaria. Isto causa a venda comida deteriorada e fora de prazo de validade com implicações para saúde pública.

Assim vamos desenrascando um arroz, um feijão, um funge (fubá), um grelhado de peixe. Por vezes só fazemos uma

20- Alimentação muito consumida em Angola à base de folhas de mandioqueira.

21- Alimentação muito utilizada pela etnia ovimbundo, baseada em folhas de abóbora.

22- Peixe grelhado (carapau ou sardinela) com salada e batata doce, mandioca ou banana fervida.

23- Preparo de peixe fresco e seco, folhas de gimboa, óleo de palmo e quiabo.

refeição à tarde (um arroz com uma sardinela fritada), e de manhã comemos a comida que restou na noite anterior, é assim que vivemos.

(Dadão, que compartilhava um prato com três colegas.)

Comemos nas nossas casa, nas barracas, mais frequentemente nas barracas, de funge⁽²⁴⁾ e arroz com feijão, não temos como almoçarmos nos restaurantes, aquilo não é para nós...

(N'Guto, 16 anos, 3 no terreno.)

A situação econômica, aliada às estratégias de sobrevivência, conforma-os com a circunstância alimentar; comendo alimentos energéticos em reduzida qualidade e número de refeições, muitos jovens alimentam-se pouco e, ao longo do percurso do trabalho, vão comendo sanduíches feitos de pão com frango, presunto, peixe frito, fígado de vaca ou omeletes. Quanto ao pequeno almoço (café da manhã) poucos relataram tomá-lo ou pela situação de precariedade, ou por não ter dinheiro até aquele momento, ou pela necessidade em economizar para conseguir alguns proventos para sobrevivência da família, e dessa forma, poucos se alimentam de refeições da noite anterior, se restar.

A situação de alimentos, nos locais em que comem e que são confeccionados, pode estar aliada à **estigma** do trabalho que os jovens exercem, pois os lavadores assumem que o exercem sem estigma. É uma atividade como qualquer outra com rendimentos diários, embora sem segurança social; os carregadores escamoteiam a atividade, por vezes tendo as famílias em outras localidades exercendo noutros locais, e que pensam não ser reconhecidos, embora alguns assumem plenamente a atividade, como importante na reconstrução nacional, pois sem a contribuição deles não haveria comércio formal e informal. Com sentido de responsabilidade e dedicação para sobrevivência, os jovens inventam formas honestas de ganhar a vida e sustentar as famílias, deixando de serem olhados com marginais e dependentes químicos, delinquentes, pois a imagem estigmatizante “é uma construção social da produção simbólica de marginalidade que os jovens acabam de interiorizar como realidade”, tornando-se difícil de fugir dela (PAIS, 2005, p. 264). Por mais precariedade, o serviço deve ser feito por alguém, pois motivados por rendimentos, os jovens exercem atividades mesmo das mais perigosas, insalubres, manuseando produtos corrosivos, sem estigma ou proteção e com grande risco. Suscita nossa atenção quanto às atividades por etnias neste município; dos lavadores e cuidadores de carros, em sua maioria, são de grupos etno-linguístico kimbundo e kicongo e estão nos circuitos e espaços disponíveis

24-Preparo com base de fubá de milho ou de mandioca (tipo de polenta).

na localidade, exercendo e interagindo com outros elementos de outras culturas. Nos transportadores, notamos que a maioria é do grupo umbundo, subdivididos por locais de proveniência e, com variações, exercem a atividade de estivadores, transportadores de mercadorias.

3-2 TRAÇOS DOS ARRUMADORES E CUIDADORES DE CARROS

Os jovens, nos locais de estacionamentos, são produtores de sinergias de distintos significados e transformam o lugar físico num espaço social, em redes de atividade (PAIS, 2005,p.264). *Com vários jovens a exercer qualquer tipo de atividade nos carros, aspirar e cuidar, valorizam e desvalorizam as marcas de automóveis, status social do cliente, fregueses já conhecidos, discussão dos preços, clientes que querem preço muito baixo, gratificações, lavagens à confiança (crédito semanal), administração dos espaços, várias formas de ganhar dinheiro (lavar a parte externa do carro, lavar o motor, pintar pneus, venda de acessórios etc.). Durante a lavagem, é constante que muitos dos automobilistas supervisionarem, enquanto outros, devido a confiança, deixam os carros sob cuidados dos lavadores. Em certos casos, há até infiltração de água nos dispositivos do motor, e, portanto, o carro não arranca, necessitando de ajuda em empurrar por vezes, e os jovens angariam mais um dinheiro nesta manobra. Há também situações em que é preciso de um mecânico para efeitos de manutenção, e no local há jovens com experiência para fazer este tipo de serviço, com custos dos automobilistas. (...) Os grupos estavam subdivididos por etnias, familiaridades, amizades, territórios e áreas de residências. Os jovens começam as suas atividades das 6 horas da manhã, todos os dias, não há feriados e finais de semana, até às 22 horas. Dependendo da movimentação dos banhistas, os esforços e a frequência aumentam nas horas do almoço dos funcionários, em lanchonetes e bares adjacentes, e no final de expediente. (Diário do campo).*

Arrumar carros em Cacuaco é uma atividade que proporciona uma maior flexibilidade, assiduidade, pontualidade laboral e valoriza a função, com sua identidade e pela assunção de responsabilidade em sustentar a família, dando aos jovens uma ilusão de liberdade, ausência de padrões, horários rígidos, força física, permanecer longas horas sem se alimentar, permitindo maior interação com grupo predispondo-os ao consumo de álcool e drogas.

Observação: quando os automobilistas aparecem nos territórios, os jovens os importunam perguntando se querem lavar; estes aparecem munidos de baldes, panos ou tolhas, detergentes, escovas, aspiradores, e estão sempre em sentinela de qualquer automóvel que aparece no seu espaço, predispondo o seu serviço; os clientes assíduos e confiáveis têm preferência e espaços reservados. No mesmo local, coabitam também os revendedores de acessórios, como tapetes, perfumes para carros, guardanapos de papel, panos de pó etc., uns vendem até acessórios como velas, chaves para manutenção ou reparação. “Senhor, isto é importante em qualquer lugar, você pode precisar de chaves de roda e macacos hidráulicos”, conta o Kiambi, tendo em consideração que em um local frequentado por banhistas, turistas e trabalhadores da administração municipal, há um pequeno mercado ambulante de revenda de objetos de carros.

Existem muitos lugares de lavar e de cuidar de carros no território do Cacuaco, escolhemos a dita marginal do Cacuaco por oferecer condições de interação constante com grupo, além da empatia que tivemos com os jovens, e na qual pudemos comungar de muitas conversas, como falas nas escolas, das dificuldades de vida, das eleições realizadas, de afogamentos de banhistas, do trabalho da polícia e das extorsões exercidas por supostas autoridades para pagar terrenos, embora como uma forma de espoliar os jovens sem formas de se defender.

Um aspecto importante é a solidariedade na atividade exercida, pois para quem consegue um cliente, a lavagem é compartilhada pelo amigo, com intuito de subdividirem os rendimentos, embora em pequenas porções. “Quem é dono do cliente recebe 60% e o ajudante recebe 40%”, não havendo conflitos na divisão do dinheiro, pois é uma fórmula aceita por todos e que permite ajudar os novatos, os sem experiência e os desconhecidos do local. Por vezes o dono do cliente só recebe o carro e entrega-o, mas quem o lava é um amigo ou colega, porque o outro estava ocupado com outras viaturas, de maneira a rodá-los, até que adquirirem experiência e seus clientes, criando uma “solidariedade laboral entre jovens”.

Nos locais de lavagem de carros, nos espaços pertencentes aos grupos de jovens, há situações que delimitam ou mesmo impedem estacionamento de carros que não queiram ser lavados, “com subterfúgios que estão ocupados por um chefe”, mas o objetivo é administrar o pequeno espaço, com intuito que venham mais carros para estacionar e lavar. Nos locais de lavagem, há certa hierarquia de “chefe” por antiguidade, maioridade, ou mesmo capacidade de liderança ou ocupação de espaço,

passando até darem gorjeta (gasosas ⁽²⁵⁾) aos mais antigos donos ou os seus substitutos. Em situações em que os donos já não exercem a atividade, passam nestes locais semanalmente com intuito de recolher a propina (gasosa) do terreno, supervisionando até os desconhecidos e admitindo os novatos, em concordância com os seus substitutos, pois é a forma que têm garantir-lhes o local. O chefe ou seu substituto enfrentam a fiscalização arbitrária na tentativa de ocupações de espaços por lanchonetes e roletes, apaziguando conflitos, e expulsam os maus comportados ou mesmo ajudam quando alguém do grupo está a ser violentado, ofendido ou agredido.

As lavagens dependem dos clientes, há dias que lavo 4 carros, há dias que lavo só um carro. Também estou sempre a lavar e controlar os carros e ajudo na lavagem com outros.
(Lua-lua, 18 anos, 8 como lavador.)

A procura varia de acordo com os dias da semana e situações posteriores às quedas pluviométricas. Os pagamentos dos funcionários públicos diminuem ou aumentam o negócio dos lavadores e arrumadores de carros, embora recentemente na região foi instalado o serviço de inspeção veicular, que se realiza principalmente no período da manhã, e, para tal, os carros devem estar limpos e com os números de chassis e motores legíveis. Em casos de dificuldades, os jovens estão à disposição dos automobilistas. Noutro sentido, devido as condições ambientais, brisa do mar, uma boa vegetação, muitas lanchonetes e bares e vendedores ambulantes a vender a preços baixos tudo um pouco para banhistas, as vivências dos jovens mostra uma estrutura social tripartida em que se baseia por um lado um segmento da população ativa, qualificada e remunerada com empregos estáveis e prestigiados, e por outro, temos “trabalhadores sem emprego fixo em situação eventual precária, e finalmente os desempregados estruturais com atividades eventuais muito precárias, é o caso dos lavadores e arrumadores”, (PAIS, 2001,p.258). No caso dos lavadores e arrumadores, a proliferação de lanchonetes e bares nas áreas está a dificultar a vida, criando vários outros pequenos pontos onde os lavadores passam a exercer as atividades com pouca movimentação e preços muito baixos dos praticados. Frente às representações sociais dos jovens constatou-se a realidade vivida, “crescer em ambiente de guerra”, e, embora essas representações se construam a partir de aspetos reais das suas vidas, “luta pela sobrevivência”, valorizam e compreendem o esforço que os jovens fazem para

25- Gíria angolana que significa pagamentos extras, subornos, equivalente a propina.

cumprirem adequadamente um serviço que considerem o bem social, por isso esperam a contrapartida financeira e sua valorização pelos automobilistas e a comunidade.

3.3. MODOS DE VIDA DOS ESTIVADORES E TRANSPORTADORES DE MERCADORIAS

Os jovens nas atividades sempre buscam reconhecimento social pelo que fazem e sabem fazer. Exercer atividade que lhes proporcionem um ganho financeiro é uma das formas que lhes possibilita valorização social, o que lhes permite estarem sempre em constante movimentação. Como disse um jovem: “Faço todo tipo de trabalho”, isto significa estar sempre em atividade e fora de casa e que tenha algum dinheiro no bolso.

Nós fazemos tudo, é só carregar e descarregar, levar mercadorias. Por vezes de dia vigiamos mercadorias das patroas, também ajudamos descarregar e carregar mercadorias.

Só vivo de biscates, descarregar carros de cimento, madeira, areia, e tudo que aparece...

(Mattos, 22 anos, carregador, natural de Benguela.)

Os jovens que atuam no mercado informal têm a atividade reconhecida socialmente, atuam nas ruas e nas casas, nos armazéns, mercados com múltiplos significados de estarem empregados com uma atividade remunerada, ajudam no transporte de mercadorias, auxiliando na resolução das questões do consumo de mercadorias em zonas longínquas sem infraestruturas básicas.

A vivência como biscateiros é estar disponível a qualquer tipo e forma de trabalho, muitas horas de atividades e condições péssimas de higiene, com ou sem exigência dos patrões.

Observação: *Eram 8h da manhã, encostava um caminhão com contentor (container) de 40 pés, começa uma movimentação no grupo de carregadores, aparece o dono da mercadoria ou talvez o gerente do armazém, chama por um trabalhador, o mais conhecido PP, reúnem-se com ele, observa-se um pouco de agitação porque todos queriam trabalhar, só se ouvia vozes a chamar pelo nome do mais conhecido PP, para dar mais atenção, num espaço de tempo muito curto ele recruta 12 jovens da sua intimidade, mesma faixa etária que esperavam por qualquer trabalho, por 5 minutos para acertar o dinheiro proposto, o dono havia proposto a quantia de Kz 20.000.00, o equivalente a R\$ 500.00, e estavam de acordo, não havia mais tempo para discussão,*

faz-se passagem. O grupo é subdividido por 3, 2 elementos dentro de contentor para retirar as mercadorias, 8 elementos para transportar, era arroz em saco de 50kg, em que cada elemento carregava na cabeça um saco, correndo de um lado para outro e dois elementos para arrumar dentro do armazém, enquanto desenvolviam o trabalho, iam-se trocando de posições, fazendo também empréstimos de comidas à jovens de confiança que revendem pequenas mercadorias próximo ao armazém (pão e frango frito, pão e salsicha, pão e peixe frito e bebidas alcoólicas, refrigerantes, água fresca em saquinhos embalado rudimentarmente), até às 14 horas já haviam terminado a descarga do contentor, tinham consumido 34 cervejas, todos comeram em tempo muito curto de até em média 5 minutos, usaram banheiro, alguns fumavam durante a jornada, cantavam em língua nacional cânticos para aumentar a bravura. Terminada a descarga, voltaram a se reunir todos cansados, fatigados, esbranquiçados pelo pó do arroz, roupa molhada de suor, o coordenador ou PP recebeu o dinheiro e subdividiram-se por cada, Kz 1650.00 equivalente a R\$ 40.00, foram pagar dívidas, alguns comiam um arroz com feijão, lavavam-se, recuperavam as roupas, chinelos, e já estavam preparados para outra jornada. (Diário de campo, no Armazém do Kicolo.)

Foto tirada por Tibúrcio Tati, em 6 de fevereiro de 2009.

O mais relevante para os jovens são as representações e significados de estar em atividade, a dignidade social, estar fora do bairro e de suas casas nas horas ditas de expediente, representando o trabalhador, ter rendimentos, comprar e adquirir bens, e satisfazer as necessidades básicas, com capacidade de ajudar e prestígio da família, manter-se fora das atividades conflituosas, de modo que a comunidade perceba que se esforçam em ganhar ávida.

A jornada de trabalho é árdua, o sofrimento no trabalho que exercem, o tempo, a pressão em concluir o trabalho a curto prazo, para o bem do dono das mercadorias e deles, no sentido de terem uma outra atividade.

Continuando na observação: “Enquanto se procedia o descarregamento de contentor de arroz, o armazém continuava as suas vendas de mercadorias, e os trabalhadores carregavam diversos produtos e outros trabalhadores levavam em vários pontos com carros de mão, alguns o faziam manualmente, e os mais pesados se ajudavam mutuamente” (Dário de campo).

Por isso, muitos dos biscateiros na atividade fazem trabalho sem preço de referência, com orçamento muito baixo, sem contratos, sem honestidade de concluir o serviço; como pequenas atividades de construção civil, às vezes muitos recebem várias atividade e obras de uma só vez, não tendo capacidade de resolução dos trabalhos e dificuldade de reembolsar os dinheiros recebidos, indo por vezes parar em esquadras de polícia e, os trabalhadores são sempre penalizados. Contudo, a vontade que o jovem tem de trabalhar vem acompanhada das imposições do mercado de trabalho, a competitividade do mercado que requer mais especializações, mais escolarização, mais empregadores exigentes, menor acesso aos empregos; as máquinas deixam os jovens em situação complexa com o futuro e sobrevivência.

Enquanto nos trabalhadores informais, encontramos também mais especificações no trabalho (PAIS, 2001), uns só se especializam em lavagem e aspiração de poeira de carros, outros em trabalhos de construção civil, uns como estivadores, alguns continuam nas zonas rurais exercendo atividade do campo. Pois, aliados a fatores atrativos da vida urbana, principalmente a atividade remunerada diária, viver nas cidades, ter acesso ao grande mercado, são os fatores de atração para processo migratório dos jovens para as cidades, expondo-os ao mercado de trabalho precário e, fatores de exclusão, como migração forçada por motivos de conflitos familiares, guerras e melhorias da situação econômica social e a modernidade trazida, no bojo das economias capitalistas com mudanças profundas nos mercados de trabalho.

3.4. OS JOVENS E OS NOVOS LAÇOS

Na vida dos jovens pelo que observamos, há presença de amigos e pares que funcionam como elementos de identificação do grupo e que são elementos importantes, na construção de identidades e vínculos; buscam o reconhecimento social e o fortalecimento pessoal, ou seja, relações de poder que fazem parte dessas vivências. São os amigos que compartilham experiências e sofrimentos, possíveis prisões, ajudam em casos de doenças e situações de conflitos, uso de álcool, comungam notícias na mídia e re-vivenciam novelas e outros fatos sociais. Corroboramos com a afirmação de Maffesoli citado por MAGNANI, (2005), “dos grupos urbanos, em que analisa nos jovens, sob égide de nomadismo, fragmentação e do certo tipo de consumo”, pois devido a interação e a formação de grupos,” no trabalho em grupo, compartilham refeições, subdividem um prato por 3 a 4 jovens, com mesmo ideais, por vezes com ou sem laços consanguíneos, mas vivem num mesmo bairro e na mesma casa e quarto. Estes pequenos grupos, fragmentados, com grande capacidade de movimentação, e na procura de qualquer lugar nas zonas urbanas para ganharem a vida, mesmo em zonas proibidas ou em avenida de maior movimentação, o fazem com significado de sobrevivência e, manter o curso da vida.”

Vimos do mesmo bairro, somos muito amigos; outros até são cunhados, tios etc., e vivemos na mesma casa.

(Titinho, de 23 anos de idade o mais velho do grupo proveniente do Lobito.)

O grupo vai além da atividade informal, significando a construção de identidades que perpassam pela formação de gangues ou pequenos grupos que tenham algo em comum, semelhanças, geralmente associadas a moradias, cultura, estilo de vida e classe social, idade, conhecer a sua família, amizades e trabalho, como elementos constituintes dos jovens em situação de precariedade e no mercado informal possibilitam, assim, afirmação social. “Estou aqui com tio, irmão e primos, nós somos todos do mesmo bairro.” (Paizinho de 17 anos, carregador à 2 anos.)

Estes pressupostos (grupos fragmentados, nomadismo)foram identificados pelo PAIS (2001), ao estudar banda e grupos de jovens e concluiu-se que”os jovens que faziam parte de banda tinham identificações territoriais, laços e modas musicais, sem as quais não lhes seria possível afirmação simbólica de uma distinção. “Enquanto a

identificação possibilita existência de máscaras variáveis e reconstruídas em que a individualidade é uma construção frágil, fluida que se produz através da socialização.

Nos grupos formados por trabalhadores informais, há laços de sangue, amizade e, por aquisição, muitos herdaram dos seus familiares os locais em que trabalham. Desde que uns dos elementos da comunidade conseguiram um lugar para trabalhar, mostram os rendimentos aos seus familiares como elemento influenciador, alguns membros da comunidade interessam-se em fazer, indo assim para o local apadrinhado pelo o indivíduo mais antigo, por vezes até vivendo sob custódia ou apadrinhado com pagamentos de gorjetas, até que o recém-chegado consiga os seus provimentos, passando a adquirir ou suceder o local, podendo também mandar ou vir a formas pares.

Jovens são grupos de trabalhadores não qualificados oriundos doutras localidades que pertenciam originalmente aos distintos grupos etnolinguísticos, na maioria homens e mulheres de aproximadamente 20 anos de idade, com vestes contemporâneas em competição simbólica entre grupos, cujas atividades versavam em vários aspetos da sociedade industrializada, como trabalhar em mercados, lavar e cuidar de carros, ajudar na construção civil, atividade de venda e revenda de mercadorias, e trabalhar no mercado informal sem segurança social.

Mesmo nos estivadores, para carregar e descarregar mercadorias é por afinidade, pois quem consegue um lugar para ganhar qualquer rendimento vê-se obrigado a chamar o seu amigo, par ou familiar, para que ele próprio suporte com os seus encargos financeiros, pois devido às suas responsabilidades, por vezes estas ligações são estruturadas, como por exemplo por familiares ou mais do que, como todos querem o melhor de si, por isso a partilha e compartilha se fazem necessárias para adquirir bens, em mulheres ou vendedoras, conhecidos ou familiares como forma de co-ajudar e solidarizar com as jovens na mesma situação.

Portanto, é necessário conhecer as práticas de trabalho dos jovens em situação de precariedade, “saber o que fazem para sobrevivência e significados, pois eles estão inseridos em uma sociedade, regulados por normas capitalistas em que a sobrevivência é por meio de trabalho”, é a forma reconhecida que existe para dar conta das questões de sobrevivência”(DOS SANTOS, 2008, p.128).

Outro aspecto importante nos laços familiares é característica familiar dos indivíduos de origem de Bantu (povo que habita a região centro e sudoeste de África, incluindo Angola), em particular os angolanos, que muito significa a família alargada, e,

na estrutura social, tem uma grande representação e solidariedade com vários vínculos e as mulheres muito se esforçam na sobrevivência da casa, da família e da comunidade.

3.5. O COTIDIANO DAS MULHERES JOVENS

Nas vivências das jovens, embora tenham recusado gravar as suas falas, evidenciamos que elas, a par dos homens, também vivem nos mesmos bairros (musseques) que circunscrevem a cidade de Luanda, sobrevivem da revenda de pequenos produtos localmente nos pontos em várias paradas de táxis, autocarros (ônibus) e em locais de maior circulação de pessoas, umas vendem nos pequenos mercados à margem da fiscalização, entrando em conflito com as autoridades, principalmente nos locais proibidos à venda, embora sendo locais de maior circulação de pessoas o que propicia a venda de mercadorias. Há outro modelo de revenda de produtos, herdado dos ancestrais “zungar²⁶”, baseada em circular à pé de casa em casa, de bairro em bairro para revenda de produtos e bens de primeira necessidade, por vezes essas jovens percorrem muitas distâncias com intuito de vender, e vão com muitas cargas sob a cabeça, por vezes grávidas, e outras com bebês nas costas, com significado de manter-se em atividade, ajudar o marido, familiares ou manter contato com compradores que são de confiança ou mesmo ter seus rendimentos para satisfazer as suas necessidades.

Nestes locais de revenda, as jovens conversam de tudo, sobre os filhos, sexo, trabalho, família, marido, namorados, casa, bem como ter filho sem conhecimento da família por vezes muitas delas vieram de outras localidades. Nestas também frequentam os mesmos locais de lazer e convívio, alimentam-se nos locais de trabalho; nos mercados, trabalham como empregadas domésticas ou na revenda de comidas, água, mercadorias, controle de armazéns ou depósitos de mercadorias, e as que têm alguns dinheiro revendem as suas mercadorias. O conflito levou a movimentação de pessoas, e as jovens constituem a maior percentagem, e com recorrem de várias estratégias de lidar no pós-guerra.

26- Termo kimbundo, muito usado no português popular em Angola (Luanda), que significa vender e revender a pé, de rua em rua, de casa em casa e de bairro em bairro.

Foto de jornal online, disponível em www.angonoticias.com/atuali/jovens. Acesso em 1.10.2008

3.6. TRAJETÓRIA E VIVÊNCIAS DURANTE A GUERRA

Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância.

Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é asfalto hostil, onde são calçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da sobrevivência. (Moayr Scliar)⁽²⁷⁾

As trajetórias e vivências durante o conflito armado, como fio condutor, visou abordar outras temáticas que emergiam no assunto, bem como a especificidade de cada um, como os episódios e dinâmicas das vivências nos campos de deslocados ou em outras localidades, pois as dificuldades e as capacidades em superá-los, para aliviar os sofrimentos, os jovens buscam novos traços, outros trajetos e vivências que os colocam de alguma maneira em outros sentimentos da vida.

Na guerra a linguagem era de arma, só era considerado homem quem estava munido de armas e com seguranças, como forma de amedrontar, intimidar ou mesmo violentar e para poder aproveitar-se da uma situação. (Titinho.)

27- SCLiar, M., citado por OZELLA e col. 2003. *Um país chamado Infância*, São Paulo, 1995, p.4.

Os episódios vividos, os sofrimentos percorridos nos locais de conflitos armados para receptoras com relativa paz, caracterizaram momentos pulsantes de dinâmicas, alterando com rapidez e configurando, em eixos de diferentes espaços nem sempre interligados, as estruturas de apoio dos sofridos pela guerra. O fato de ficar a mercê das dádivas, a inatividade e humilhação social e psíquica são aspectos relevantes durante o percurso que muito falado pelo os progenitores ou cuidadores, segundo os jovens. Destacamos momentos e vivências de acolhimentos em campos de deslocados, saciando as dificuldades sociais, econômicas, afetivas e fobias de serem atacadas nestes campos, bem como estabelecimento de novos laços e relações sociais com outros grupos étnicos.

Os conflitos armados provocam a movimentação de homens, destruição de fauna e flora, empobrecimento das culturas das populações migrantes, enfraquecendo outras culturas ou mesmo exterminando rituais, costumes, hábitos da população migrante, levando o aparecimento de numerosos bairros multirraciais e culturais (MAGNANI, 2002, p.13) chamados de “musseques”, que eram ocupados por operários migrantes das zonas rurais, na procura de melhores condições de vida e, sob olhar e à margem das autoridades, foram evoluindo e tomando extensos territórios, sem o mínimo de condição de vida e de sobrevivência, com poucas infra estruturas de saneamento básico, escolas, postos médicos, polícias, ruas, água e eletricidade. E com conflitos armados, os musseques receberam maior êxodo de populações, por identidade, solidariedade; os aspetos socioculturais foram residir com seus semelhantes, que outra ora migraram a procura de melhores condições de vida e mantinham o elo com as zonas rurais.

No período da guerra, as autoridades davam apoio às necessidades básicas dos deslocados, embora não cabalmente satisfeitas, como alimentação, roupa usada, água não potável, assistência médica e medicamentosa etc., relegando os aspetos culturais, o modo de vida e as manifestações da cultura do povo migrante, com preconceito da população receptora, pois estavam desprovidos de tudo, trabalho, alimentação, terras, cultura, língua, e necessitavam aprender novos hábitos, rituais e culturas das populações receptoras.

Os jovens e as sociabilidades, vivenciadas nas redes de atividade dos campos de deslocados, passavam por sofrimentos, prazeres, diversões, em oposição às oportunidades que os bairros de proveniência ofereciam, criando outros territórios, que permitiam o rompimento com a dimensão do tempo e dos limites em uma

experimentação possível e impossível, com descrição das oportunidades de diversão e brincadeiras que constituem o estilo de estar e ser deslocado, envolvendo-se situações de emoção e perigo.

A guerra constitui um marco na suas vidas, que corresponde ao que PAIS, (2005a) denominou de “ponto de inflexão”, contudo estes eventos jogam com temporalidades múltiplas, que não se encaixam num processo de linearidade. E a linearidade biográfica é contrafeita, porque se quebra a continuidade nas trajetórias territorial, familiar e comunitária, por efeito de conflitos, migração, separações, divórcios, falta de trabalho etc., que são marcos importantes, que vão dar “novos rumos à vida, ou destino, constituindo novos laços sócio familiares, conhecer outros locais, outras pessoas e comunidades, trabalhos, e outras manifestações culturais” (PAIS, 2005b, p.86).

O meu pai veio a Luanda em 1994, viemos de coluna militar, a minha mãe e nós dois filhos, ficamos nas tendas (campos de deslocados) durante algum tempo, depois fomos parar na casa dum familiar da mãe, o pai começou a trabalhar como ajudante pedreiro e mãe vender no mercado. Foi um trajeto muito longe..., eles dizem que havia muita guerra, muito sofrimento, muito sangue, muitas mortes.
(Dadão, viveu nos campos 4 anos.)

Em momentos de guerras, a locomoção com relativa segurança era um aspeto importante; era necessário aliar-se aos militares podendo até ser uma boa opção ou traiçoeira, porque um dos exércitos beligerante podia atacar, provocando danos à população civil que os acompanhavam, ou mesmo era a única forma de locomoção de uma região à outra. As vivências em tendas, embora selecionadas por micros sociedades (bairros, comunas, municípios e províncias), apresentavam problemas decorrentes do excesso da população, num pequeno espaço geográfico; a multiplicidade de culturas, línguas, falta de comida, água potável eram fatores associados à potencialidade dos sofrimentos nos campos e aliviados pela ligeira segurança como favorecedores de esperança da vida e da família. Os sofrimentos vivenciados podiam evoluir para transtornos graves, como depressão, estresses pós-traumático nos migrantes, pelas perdas de entes queridos, bens e vivências de situações traumáticas.

Deixamos os velhos e os deficientes na sombra de uma arvore, só com milho, sem água, pois não aguentavam a caminhada e, estávamos a ser perseguidos..., eu vim nas costas do pai, porque a mãe tinha que levar o meu irmão... nunca mais subemos do pessoal que deixamos...
(Kizua de 22 anos, 7 anos, como lavador de carros.)

No relato, o jovem mostra que houve muitas mortes, nas trajetórias das localidades migrantes para as cidades receptoras. Os sofrimentos são vivenciados em múltiplas formas, nos trajetos percorridos a pé, ao passar dias ao relento, na falta de comida e água, ao viver muito tempo nas florestas, nos perigos de animais ferozes, no risco de minas e outros engenhos explosivos, na falta de vestuário e assistência médica. Assim o medo, a angústia e a pobreza apoderavam-se desta população, mesmo com assistência médica e psicossocial em campos de deslocados era difícil diminuir ou superar os sofrimentos vividos pelo conflito.

Na observação, conseguimos: “Um grupo de jovens usa o português como língua de interligação, de várias culturas, etnias, e conversam sobre os usos e costumes, das suas comunidades.”

As manifestações culturais, como preservação da língua e alimentação são muito notadas nos jovens, embora muito vejam que o falar sua língua materna é ser subalterno, mais motivados pelos adultos, idosos e mídia pública, que dedicam muitos programas em línguas maternas, enquanto que a cultura alimentar é muito referenciada em diversas manifestações culturais.

3.7. CAMPOS DE DESLOCADOS, DOENÇAS, MODOS DE VIDA E SIGNIFICADOS

O modo de vida nestes campos baseava na procura de sobrevivência que era mantida pelo auxílio pela ONGs, Governo, Carítas (instituição da igreja católica de apoio), ajuda de pessoas de boa fé e no trabalho informal que se baseava no auto-sustentos, como venda de lenhas, trabalho de doméstica, ajudar nas lavras, pequenas lavras para sustento da família, atividade de pesca, qualquer atividade nos pequenos mercados a céu aberto, que proliferavam nos bairros e campos de deslocados, eram formas de amenizar sofrimentos.

No imaginário dos jovens, os campos de deslocados, como se fosse uma incubadora de vivências e misturas culturais, tinham várias pessoas de várias etnias, estando o local rico de culturas e formas de manifestação de rituais e modos vida de populações. A que reconhecer que, os campos de deslocados foram locais de acolhimento e que lhes devolveram na vida, a família, onde muitos se socializaram, e na qual do muito significado como se fosse uma unidade de passagem, comungavam a pobreza, a luta precoce pela vida e a necessidade de realizar qualquer atividade para sobrevivência, como disse o jovem N’gola, “*Nasci para sofrer, cresci no campos de*

deslocados, não conheço a minha terra, perdi os meus pais, só conheço o meu avô, vivo com amigos”. O jovem vê, desde o seu nascimento, trajetos e percursos e vivência de sofrimento e mesmo como adulto ainda passa por dificuldades.

Por meio de narrativas, dramas, histórias, os jovens demonstram aos seus pares as experiências da vida difícil e como superar e vencer os sofrimentos, manter relações afetivas ou simbólicas nos campos, ora transformados em bairros, com visitas frequentes aos amigos, familiares que permaneciam nestes ex-campos (bairros), devido à representação para jovens, como o lugar de inclusão na sociedade. Nas visitas, os jovens se preocupam pela imagem e corpo com nova apresentação, roupa, cabelo tratado, tênis ou sapatos, indo até por vezes acompanhados de bebidas e refrigerantes, alimentos, no sentido de demonstrar a sua existência, a nova vida, ou mesmo de gratificar os que ficaram nos bairros “ex-campos de deslocados”, da atenção e reconhecimento, solidariedade por parte dos jovens na sobrevivência em tempo de conflitos.

Observação da vivência do pesquisador no período de guerra:

Durante os conflitos, havia doenças provocadas por traumas de armas de fogo, mutilados de guerras, deficientes sensitivos por artefatos ou explosões de minas.

As doenças em campos de deslocados como, mal nutrição em todas as idades, tuberculose, falta de água potável, malária, problemas materno-infantil com elevadas índice de mortalidade.

Da minha mãe nasceram muitos filhos, mais a maioria morreu, sempre na falta de sangue, malária, diarreias, injeção, feitiço e só ficamos nós dois eu de 22 anos e meu moleque de 14 anos.

Depois, a minha dama ficou grávida, ela sempre viveu na casa da mãe dela, eu só ajudava, estava a pensar para alugar um quarto depois do parto, mais ela veio a falecer... (Relato de jovem Kizua)

Estes campos também acolhiam os cidadãos que sofreram de traumas diretos ou indiretos, que não tinham familiares nas cidades receptoras, não só recebiam os deslocados como também as doentes vítimas de armas de fogo, com passagem de alguns dias de internações nos hospitais, indo ficar com seus conterrâneos para convalescência e residência. Na altura, na visita aos campos, vimos sempre aumento de doentes, devido a vários problemas, levando a mortes de crianças e mulheres, embora com alguma assistência oferecida nestes locais, a promiscuidade, falta de água potável, alimentos, albergues etc., podiam ser fatores causadores de mortalidade.

3.8. SOFRIMENTOS DURANTE A GUERRA

Neste ponto, nossa análise volta-se a certas dimensões do sofrimento social e psíquico, como humilhação, vergonha, falta de reconhecimento, falta de habitação, vivendo em amontoados de populações, violação dos direitos humanos, abuso e agressão as crianças, mulheres e idosos, pobreza extrema, fome, nudez, desemprego, e trabalho em condições péssimas de vida e higiene, vivendo como categorias subalternizadas, espoliadas, excluídas num mesmo país, numa mesma comunidade e grupo social.

As guerras são extremamente devastadoras em todos os aspectos, incluindo no homem o seu aspecto biopsicossocial, na maior parte dos angolanos tiveram vivências com guerras, e possui indivíduos com traumas, orfandades, viúvas, ou mesmo foram espoliados dos seus bens.

As guerras sempre implicaram muitas mortes; há vários relatos de jovens que tinham sido vítimas de guerras, e testemunharam de mortes e violações em familiares, embora não existam publicações e estatísticas fiáveis, mais em Angola a maior parte dos jovens da altura serviu as forças beligerantes, tem vivências e sofrimentos desta etapa, relatos são comuns em deixar companheiros e familiares a meio da caminhada e do conflito e sem nunca mais ter notícias dos mesmos, imaginando e re-vivenciar trajetos e sofrimentos.

Vi a guerra, embora não servi as forças beligerantes, mas ajudei muito às forças armadas, no transporte, na alimentação, informações. Como criança isso me facilitava... Vi muita gente que morreu, no recuo, andar a pé, muito distância sem água e comida, os velhos ficaram no caminho e morreram em baixo do pau.
(Dicange, 23 anos)

Para debruçarmos dos sofrimentos, temos que focar dos excluídos, o descompromisso político com sofrimento do outro, é um processo complexo, pois envolve todas as esferas da vida social, ao mesmo tempo em que é vivido como necessidade do eu, sofrimento, porque a organização social em que vivem não lhes proporciona outra possibilidade, (SAWAIA 1994).

É nesse palco, de contradições e sobre esse fio chamado “vida” que as nossas personagens tipo equilibrista, passo a passo, trajetória a trajetória, “fontes de inspiração para fazer frente aos inúmeros desafios de mundo, que re-significa

lembranças, de desassossego, por vezes tão dolorosas que eles mostram o encanto pela vida e pela liberdade, e também nos fazem vislumbrar a esperança equilibrada de encontrarmos outros lugares cada vez mais dignos e condizentes com o complexo trauma da vida” (DALMOLIN, 2006, p.203).

Os jovens que viveram em localidades assoladas por conflitos eram, muitas vezes, vítimas de violência ou testemunhas de horrores associados à guerra, vivenciam a separação dos pais e familiares, tendo de viver sozinhos na juventude, ou melhor, na socialização secundária só com amigos e familiares adotivas.

Desses jovens, que foram nosso objeto de pesquisa, como crianças viveram por muito tempo em campos de deslocados e, os sofrimentos são re-vividos nas pelas histórias contadas pelos adultos, no percurso das trajetórias, vivências, mortes, dos entes queridos muitos dos quais familiares diretos, provocando assim pesadelo, ira, insônia ou mesmo agressividade, por vezes os autores destes sofrimentos convivem e vivem nas mesmas localidades, e autoassumindo que durante a época estavam na região e, participaram naqueles combates, pensando mesmo em ajustes de contas, vinganças como forma de diminuir os sofrimentos ou pagar o que fizeram, dos horrores cometidos dos que militaram ou simpatizaram naquela organização que destruiu uma determinada localidade; no entanto embora haver programas de rádio e televisivos, de perdão aos horrores de guerras, mas esta clemência está muito longe na medida em que as cicatrizes físicas e psíquicas, são visíveis como, como pessoas com necessidades especiais, doentes mentais, bairros destruídos, famílias dizimadas etc.. que permanecem no imaginário dos que vivenciaram os conflitos.

Tivemos que fugir, deixamos muita gente no caminho, o caminho era longo, sem nada, os mortos não eram enterrados e os que eram enterrados não tinham caixão, não havia tempo para fazer óbito e cômbo, tínhamos que fugir...
(Jovem Dicange)

Todas as guerras baseiam-se na violação dos direitos humanos, infligindo sofrimentos a um grupo de determinada comunidade, provocando a sua movimentação, a morte, destruindo ou apoderando-se dos seus bens, sem pensar nos transtornos que provocam na comunidade, sem salvaguardar grupos mais frágeis (crianças, mulheres grávidas, idosos), estes grupos apresentavam mais sofrimentos, por serem grupos vulneráveis.

Muitos dos sofrimentos que emergiram no período de conflito são sentidos e imaginados e vivenciados devido à não realização de rituais de óbitos e cômbar ou cinzas, que são crenças importantes para apaziguar os espíritos dos mortos ou descansarem mesmo sem sepulturas, e que os vivos precisam acreditar que os seus entes queridos jaziam em paz e não lhes cobrarão mais. Devido a ausência de jazigos onde, deviam estar depositados os seus restos mortais, estes rituais têm por objetivo estabelecer e restabelecer “harmonia física, psicológica e espiritual com seus ancestrais na construção de solidariedade, perpetuação da cultura e amenização dos sofrimentos dos indivíduos que vivenciam guerras, mortes ou provocaram horrores e mortes a alguém”, (HONWANA, 2002).

Os indivíduos em períodos de paz procuram várias formas de aliviar ou mesmo de tratar os traumas vivenciados, recorrendo aos serviços de saúde mental para reabilitação física e psicológica e, com muita frequência, os serviços de curandeiros, com intuito de celebrar rituais de cura, fortificar a fé, diminuir sofrimentos, e prevenir que estes sofrimentos não se transmitam às famílias e descendentes; noutra vertente, muitos procuram as igrejas, centros de peregrinação e de cura, com intuito de afastar os espíritos malignos, para fortalecer a espiritualidade, pedir perdão dos males cometidos, oferecer dádivas aos pobres e obras religiosas e de caridade, como formas de sentirem-se livres dos espíritos malignos e de perseguição, diminuindo ou amenizando sofrimentos.

Nas histórias de vivências e de sofrimentos, que mostram rompimentos, abandonos, revelações e novas aprendizagens, essas trajetórias lineares que, na busca por proteção expõem uma transformação e mostram que, através de experiências que vivem, vão construindo a suas subjetividades entre uma vivência, histórias e outras, nos quadradinhos das histórias de cada, são impregnadas de significados na passagem de uma experiência para outra, dos momentos vividos pelos jovens antes e agora. Os sofrimentos psíquicos aí emergentes nos conflitos – causados pela perseguição política, por ser simpatizante de outro partido ou organização política, por pertencer de outra etnia, ou ser familiar de um dos membros dos exércitos beligerantes que ocupavam um território ou que lutavam para ocupar o referido território –, levam a migrações massivas, com estresse, angústia e medo de serem denunciados, com repercussões individuais e familiares, desenvolvendo traumas que evoluem para a depressão, infringindo sofrimentos a toda família, incluindo a mais alargada.

3.9. TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS PÓS-GUERRA

As vivências das situações pós-guerras são entendidas no desenvolvimento de hábitos, habilidades, aptidões que inserem o jovem no mercado informal (metamorficamente) “viver em ruas diurnas” pertencer aos grupos que neles coabitam, com novos códigos e aprendizagens que requerem conhecimentos e habilidades daqueles adquiridos no contexto familiar, convivendo e sobrevivendo para sua existência enquanto espécie humana.

No estudo das trajetórias e vivências de jovens é continuar a privilegiar a situação de rede territorial, em que se encontram e vivem, para PAIS, (2005, p.72), “a representação da vida é feita por meio de continuidade, de um antes e um depois, presente, passado e futuro na forma de um tempo contínuo e homogêneo”, os acontecimentos de vidas são procurados, vivenciados e avaliados com um olhar do presente dirigido ao passado, portanto nada vem por acaso, as vivências e modos de ser no pós-conflito estão relacionadas com os modos de estar, de ser e de viver no período de conflito.

No cotidiano dos jovens há o princípio de anterioridade que julga a vida segundo um programa balanceado e que rodopiam entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos (PAIS, 2006, p.59), os primeiros jovens ligados às instituições escolares, profissionais, familiares, ao cumprimento de horários, à segmentação, pontualidade, assiduidade, e, enquanto os segundos são de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade, a experimentação, o convívio, o que proporcionam rodopios na vida e próprios da socialização dos pais ou encarregados para os filhos, dá uma volta aos retornos nos filhos que assegurados pela cultura juvenil baseada na moda, no corpo, na roupa, no cabelo, nos objetos valiosos etc., confinam os jovens novas experiências de ganhar a vida.

Com o fim do conflito armado, há que normalizar a vida, encontrar formas de superar os sofrimentos, por isso outras populações mantiveram-se nos campos de deslocados, hoje transformados em bairros. Algumas pessoas tiveram que reunir as mínimas condições e voltar às zonas de origem; já os que permaneceram nos ex-campos tiveram que recorrer em bairros nas periferias de grandes cidades, ajuntando-se com familiares, amigos, ou mesmo conterrâneos e contemporâneos, criando assim laços e novas vivências para sobrevivência. É importante demarcar a diversidade de situações que se confrontam apesar dos seus pontos comuns e não uniformizá-los como um grupo social único. Estas contrariedades, multiplicidades e vivências no universo de

obter rendimentos nas ruas enquadram nas ideias de sociabilidades, prazeres, e inserções de jovens nas ruas, ou seja, tornam um outro modo de viver na rua (nomadismo, trabalho na rua), resistindo à pressão econômica e às autoridades na expulsão dos grupos desfavorecidos nas periferias das grandes cidades, estando assim esta camada social desprovida de poucas estratégias de sustento, indo parar em outras localidades com mesmo modo de ganhar a vida.

Muitos dos indivíduos nestas condições são jovens sem experiência e profissão, que lhes inviabilize aquisição de emprego, por vezes sem dinheiro para alocação de moradias. No início tem sido tenebroso, vivendo em condições que lembram a guerra, recorrendo à rua, trabalhando na rua, e a rua diurna é sua vivência e fonte de sustentação.

A paz me encontrou nas tendas, (campos de deslocados) já tinha minha mulher e dois filhos, embora não ter feito pedido (ritual de casamento tradicional) na família dela, também não havia condições para fazê-lo, foi uma liberdade e livre de circulação. (Dadão morador na periferia do Cacucaco.)

A vida dos jovens envolve a questão de “tripartida” entre **locais de nascimentos, campos de deslocados, bairros periféricos das cidades**. Os jovens demonstram experiências que lhes colocam em situação de sofrimento social, como nascer, crescer e agora viver em péssimas condições. Não existem grandes mudanças em se estar nos campos de deslocados ou em bairros periféricos, no qual por analogia vivem em mesmas condições sociais, amenizado o sofrimento psíquico, mas as vivências de sofrimentos sociais permeiam ou perturbam o estado psíquico de indivíduo; os “indivíduos” são unidades inseparáveis. Na observação que fizemos, aos jovens, notamos que muitos se lembram das suas culturas, de seus rituais, embora aprendidos na tradição oral, ou na socialização secundária, nos campos de deslocados, ou mesmo viver relegados em quintais de familiares e amigos através da língua materna, alimentação, rituais culturais e formação dos grupos.

Com evolução dos campos, os jovens se identificam com as localidades de sua proveniência. Contudo, as lonas dos campos foram substituídas por casas de blocos de barro (adobos) com coberturas de capim ou zinco, nos espaços herdados por famílias, ou mesmo nos espaços comuns das tendas. Um grupo por familiaridade migra para localidade de maior densidade populacional, construindo casas nas zonas peri-urbanas, com mesmas condições das zonas rurais, sem infra estruturas básicas pelos

trabalhadores informais, que ajudam na edificação de casas nestes bairros, transportando materiais de construção civil, mercadorias e produtos necessários para vivência destes bairros, por dificuldades de circulação de carros, e os trabalhadores de rua são imprescindíveis nas economias nestes bairros.

O fenômeno de deslocado permitiu aprender no convívio em grupo, de várias localidades e culturas, estando os jovens a exhibir ou mesmo falar dos aspectos de outras localidades como se fosse deles, habitando com famílias por eles constituídas, muitos deles sem os rituais de casamentos, como forma de união dos nubentes, estando a mulher entregue à família do marido com todos os poderes sobre ela, no que toca a bens, maternidade, co-participação na família, ajudar em ambas, poder de proteção sobre mulher e filhos e poder de reclamar e reivindicar em casos de doenças dos filhos, da mulher e fecundidade.

Nos relatos, compreendemos as trajetórias e vivências dos jovens nos pós-guerra, vivendo em bairros em situação de precariedade “musseques”, fazem com as vidas dos jovens dê saltos, se transforme, pois com cessação das ajudas do Governo e ONGs, a que encontrar formas de contornar a situação, conforme aponta o PAIS (2005), “as trajetórias de vida e as vivências demonstram ponto de inflexão, comprovando assim que tudo na vida pode mudar e se transformar”, p.85, esta mudança que ocorreu no pós-conflito, com inclusão-exclusão de jovens na periferia da cidade, os adultos foram criando condições de regresso, outros com condições de sobrevivência manterem em zonas receptoras, pois se não fosse a guerra muitos não estariam na cidade. E muitos jovens foram absorvidos no mercado formal e com nível de vida satisfatório, nada lhe diz que viveu ou foi deslocado.

O seu modo de vida é através de rendimento no mercado informal como transporte e estiva de mercadorias e lavagem e cuidar de carros, passam todo dia na atividade, regressam à casa com algum provento para alimentar a família. (Diário de Campo)

*Muitos dos jovens são chefes de família uns assumiram devido a morte ou deficiência física ou mental ou abandono dos pais, vivendo em condições de precariedade, em casa de chapas de zinco, de um quarto, em três ou quatro pessoas.
(Kizua, 22 anos, chefe de família de 4 elementos.)*

Os moradores dos bairros suburbanos de Luanda e em situação de precariedade que em suas múltiplas redes de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., “constituem o elemento que em definitivo dá vida á cidade, não aparecem e, quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos,

os espoliados) de todo o intrincado processo” (MAGNANI, 2002), estes espoliados e excluídos que desempenham um grande papel social, seja no mercado informal com participação ativa dos mesmos, na estética, na higiene, na guarda de carros e contribuindo na economia, embora este grupo de trabalhadores não tem reconhecimento em termos de segurança social. Os jovens em tenra idade assumem responsabilidade dos adultos, como educação dos irmãos, responsabilidade das necessidades básicas dos menores, esforçando-se para provimentos de rendimentos para sustento da família.

As populações em situação desfavorecidas, vivenciam sofrimentos em seu contexto social, sentem-se bloqueadas, impossibilitadas de realizarem alguns ajustes que lhes são necessários para satisfação psicológica e a plena realização de suas necessidades fisiológicas e sociais. Por esta razão, dizemos que se estabelece um bloqueio entre o trabalho informal e o homem. Este bloqueio pode ser decorrente de algum fato importante na vida do trabalhador.

No sofrimento social, em seu estado atual é o sintoma de uma sociedade doente que não sabe dividir, em que tudo se baseia no lucro e na qual a luta entre neoliberalismo e solidariedade está em competição, este princípio está “fundamentado na injustiça social, na conjuntura socioeconômica em resposta as poucas políticas públicas incluídas, geradoras e transformadoras do sistema político e econômico e alternativo da situação problemática dos excluídos, de modo a intervir nas desordens cotidianas” causadas pela precariedade (FASSIN, 2004, p.12).

3.10. SOFRIMENTOS PÓS-GUERRA

Com trabalho que realizam, sobrevivem e convivem, estão preparados em coabitar na pobreza absoluta, constituindo laços de amizade e parental, em pares, profissionais, e constituem novas famílias ou adotivas reduzindo assim sofrimentos.

A exposição, atual dos jovens no tecido urbano de grandes cidades tem sido estudada por muitos investigadores, enquanto a cidade e seus arredores deixam de ser um espaço puramente geográfico, para tornarem-se um símbolo complexo e inesgotável da existência humana. Através destes estudos, buscamos estratégias que constituem uma ferramenta para compreensão dos problemas concretos e essencialmente urbanos, como aumento da pobreza, aumento dos trabalhadores do mercado informal, migração das zonas rurais para as cidades. Na vivência nos bairros que circundam as cidades são vistos como lugares de enfretamento e contradições que se produzem os grandes

conglomerados de casas onde os jovens passam as noites para descanso, retornando aos territórios onde fazem e exercem atividade de sobrevivência.

Esta população, por uma série de contingências envolve no fenômeno de migração, a procura de melhores condições de vida, saindo do campo lançando-se na pobreza extrema, encontram o único recurso de sobrevivência de “trabalhar na rua”, apropriando do espaço público para desenvolvimento de atividades com regras e convivências abertas e em concorrentes dos usuários dos espaços. A rua, no período diurno, passa a ser um espaço de organização, de estabelecimento de redes, de camaradagem e convivência, enquanto que, no noturno, torna-se desertos e suspeitos a tudo.

Os sofrimentos dos excluídos não estão à margem da sociedade, “mais sim repõem e sustentam sua ordem social e, neste processo de inclusão,” é que o sofrimento acontece (SAWAIA, 1994). Os jovens permanecem nos mercados, locais de estacionamento e armazéns, situação própria da cidade superlotada e em desenvolvimento de economia capitalista, a co-participação ou ajuda são elementos agregados o que auxilia na sobrevivência e estabelece relações próprias do espaço e da alienação ou mesmo de interajuda.

Eu estava em Benguela, meu pai foi um funcionário, só trabalhava sem proteção do corpo, foi feitiçado (macumba), tendo sido acusado de desvio de algumas mercadorias e dinheiros nos colegas, foi preso por alguns dias, voltou a trabalhar entrou na sala de trabalho e apanhou uma crise e morreu... foi um feitiço muito forte... ficamos como se fôssemos ovelhas sem pastor.

(Titinho, jovem lavador de carro.)

O sofrimento somente suscita um movimento de desprezo, humilhação, revolta e de protesto, quando se estabelece uma associação entre a percepção do sofrimento e a convicção de que esse sofrimento, resulta de uma injustiça que desemboca no esgarçamento da convivência e em uma expressiva dificuldade na formação e na manutenção de vínculos.

O meu pai combateu e combateu muito, mais não recebe nada, vivo numa casa de bate chapa (casa feita de chapas de zinco), não recebo subsídio dado pelo governo aos ex-militares e órfãos e viúva.

(Amorzinho, 23 anos.)

Com vista a reduzir sofrimentos com recursos aos programas de subsídios oferecidos pelo governo, a burocracia, a falta de testemunhas que pudessem assumir perante as autoridades, a falta de documentos agravam a dificuldade no acesso aos programas de ajuda aos órfãos, viúvas e jovens no pós-guerra.

Os jovens vivenciam sofrimentos sociais, devido a vários fatores aliados as condições em localidades de trabalho, viver em zonas de risco, longas distâncias para ter acesso aos serviços básicos, como transporte público, saúde, escolas etc.

O sofrimento é amenizado por meio da interação com amigos e companheiros, o espírito de grupo, o trabalho informal e a inter-ajuda muito característica nestes grupos, sendo na habitação, alimentação, vestuário – muitos até se fazem empréstimos em dinheiro como forma de ajudarem um colega que tenha problemas, como doenças, óbitos etc.

A pobreza é notória neste grupo da população, estando suscetível à doenças como mal-nutrição, tuberculose, enfermidades ligadas a gestação e ao parto, casos de mortalidade devido a malária, tuberculose, anemias, pois o fenómeno herdado de deslocados e sua socialização secundária, situação de orfandade, embora as doenças sejam agravadas devido a inacessibilidade aos serviços de saúde e altos custos desse serviços (cadernos de população & desenvolvimento), principais causas de mortalidade, (Ministério da saúde, Angola em, p.46, 2001).

*Vivemos nos bairros que apareceram durante o conflito, sem equipamentos básicos, temos dificuldades (não temos documentos que nos identificam) são difíceis de adquiri-los, os nossos filhos estudam na explicação (escola), em situação de doença compramos os medicamento nas praças.
(Amorzinho, 23 anos.)*

Referindo-se aos sofrimentos vivenciados pelos jovens em seus discursos a constante sensação de pena, humilhação, dor, devido a situação de precariedade. Com o fim da guerra, na imaginação das pessoas, deveria se reduzir o sofrimento, aumentar as oportunidades de emprego aos desfavorecidos, “ter água potável, casas sociais, mais equipamentos sociais e organização das comunidades, além de acesso ao microcrédito” (cadernos de população & desenvolvimento, principais causas de mortalidade, Ministério do plano, Angola, p. 53, 2001). O recurso a projetos sociais do governo e ONGs, que se baseiam na redução das graves assimetrias sociais, oferecer as condições

mínimas de vida, para esta parte da população, diminuindo, assim, a mortalidade em doentes cujas causas são sociais.

3.11 SIGNIFICADOS DAS DOENÇAS NOS JOVENS

O homem é um ser histórico-social, que constrói, transforma a sociedade em que vive e é moldado por ela, num movimento dinâmico e indivisível.

Ele é um animal simbólico que reage frente aos significados que ele mesmo constrói historicamente (GEERTZ, 1989, p.15), e estes símbolos mudam o ambiente, a natureza, a sociedade e inscrevem-se no biológico. A doença é uma questão sócio-histórica e, portanto, ética, pois é um processo de desordem da convivência e vivência sociais deixando de ser um pleno estado de bem-estar social e físico. Como diz Eisenberg (1977) citado por UCHÔA & VIDAL, (1994), a doença “é anormalidade de estrutura ou funcionamento de órgãos, sistemas e cultura que fornecem modelos e influência para comportamentos humanos relativos à saúde e à doença”.

Em todas as sociedades, as doenças, principalmente as graves, são interpretadas de maneira específica e estão prenhes no imaginário coletivo; mas a própria noção de doença serve também de suporte à expressão de crenças, valores e rituais mais amplos. A interpretação coletiva da doença efetua-se em termos que envolvem a sociedade, símbolo, estrutura de referência interiorizada, suas regras e a visão que delas adquirimos: a concepção que temos de doença manifesta nossa relação com ordem social.

Corroborando nas experiências de C. HERZLICH (1984a, p.77), que analisa as representações da saúde /doença: “a doença é uma relação conflituosa com o social, e deve-se o acometimento que é devido aos efeitos perniciosos de um estilo de vida errado”. Sendo isto entendido como reflexo de uma sociedade competitiva, ávida, alucinante, a poluição do ar, a alimentação, o barulho, o saneamento do meio, as condições sócio-familiares etc., tudo é interpretado como fatores nocivos à saúde que, fazem a violação à natureza intrinsecamente e próxima do indivíduo. A saúde “é da responsabilidade individual ou do seu cuidador em interação com a cultura, a sociedade” (C.HERZLICH,1984b,p.77).

Em casos de doença, os jovens recorrem a conhecimentos ancestrais de diagnóstico e tratamento que são muito utilizados, levando muito tempo a ocorrer nos hospitais públicos, “exceto em caso de acidentes”, consultando a terapeutas conhecidos, terapeutas indicados por amigos ou próximos em que são medicados, podendo até em

muitas situações complicar-se a situação clínica em que se encontram. Outro fator que contribui, no agravamento das situações de saúde, são as automedicações e ou a toma de medicamentos indicados por leigos ou indivíduos que vivenciaram sintomas e sinais similares, tomando remédios em doses, tempo e horários incorretos, agravando assim a saúde e a doença. Outro fator que contribui neste fenômeno é a acessibilidade aos serviços públicos de saúde, que – apesar dos esforços feitos pelo Governo na reabilitação, formação de profissionais e equipamentos –, devido ao preconceito dos usuários; há lentidão nos atendimentos, longas filas de espera, falta de pessoal, falta de medicamentos e/ou preços muito altos de medicamentos, corrupção nos atendimentos, não humanização dos servidores, tudo isto faz com que muitos não preferem o sistema público de saúde, recorrendo só a estes serviços em estados agonizantes para milagres, ou para morrer ou e adquirir certificados de óbitos. Os medicamentos e outros meios médicos são acessíveis em todo lado, porém em péssimas condições de conservação, a preços muitos baixos, exposto ao sol, vendidos por qualquer pessoa até por crianças, com indicação incorreta, e intuito só de venderem, em contradição com as “farmácias oficiais” como elemento reforçador a não recorrer a sistemas públicos de saúde que vendem medicamentos a preços exorbitantes, com dificuldade de adquiri-los pela população pobre. Portanto, estratégias de subvenção a medicamentos, aumento de serviços de saúde nos bairros, aumento do pessoal médico e de enfermeiros seriam alguns dos recursos para amenizar os sofrimentos dos doentes e das famílias.

Estar doente, nos jovens pesquisados significa parar ou interromper o trabalho, o que significaria também a interrupção da capacidade de fornecer provimentos à família, causando, por exemplo, a falta de comida.

Na doença temos nos ajudado, quem pode comprar medicamentos, ajudamos também a levar no posto de saúde, para salvar o outro.

(Jovem Bento K, 18 anos, carregador à 2 anos.)

Doença significa ausência de saúde, ou seja, em virtude da falta de capacidade de trabalhar ou diminuição de exercer qualquer atividade, os jovens por vezes fazem qualquer tipo de trabalho, mesmo doentes, piorando assim o seu estado de saúde. Porém sua sobrevivência depende da atividade, cada dia de trabalho equivale a vários dias de sustento da família e, conseqüentemente, a sua interrupção significa transtornos.

Contudo, existe o uso de alternativas com recursos de terapias religiosas, igrejas, seitas, ou casas de denominações espirituais, que diagnosticam e fazem tratamentos de doenças nos crentes na população, oferecendo serviços de cura, prevenção de doenças, além de como ter poder, emprego, dinheiro, sucesso no casamento e um bom companheiro. Devido as “concepções cosmológicas relativas ao sagrado e ao profano, ao mistério ou ao segredo e ao poder religioso”⁷⁽²⁸⁾, estas instituições colaboram no tratamento de doenças espirituais, físicas, psíquicas, sociais, com o uso de ervas, orações, rituais de cura, exorcismos etc., contribuindo assim no binômio saúde/doença e participando nos cuidados primários de saúde.

A experiência dos adoecimentos aliados às especificações em enfermidades e sistemas, as crescentes “especialização” e “técnicaização”, a cultura de medicalização, não são senão alguns dos aspectos desse longo e inevitável processo e mercantilização dos serviços de saúde e da indústria dos hospitais, centros de saúde, terapias tradicionais, igrejas. O censo comum reconhece que seu vínculo com o liberalismo econômico é a luta por todos os meios e sobrevivência dos profissionais, terapeutas e religiosos, levando assim a amenização de sofrimento aos desfavorecidos.

Para nós, a vida é muito difícil, como lhe disse, já perdi dois filhos, porque não tinha dinheiro para comprar medicamentos e as doenças chegaram numa altura que não tinha biscates, tive que ajuda mais chegou tarde...

A minha velha (mãe) veio a falecer de cólera, dentro do quarto a mãe defecou muito e as fezes saíam sem controle, levamos ao posto de saúde, foi evacuada no pavilhão da cólera onde faleceu.

Tenho noção que um dia deixarei este trabalho (carregar e estiva de mercadorias), porque dá muita doença, dores do peito, tosse com sangue, problemas da pele, dor na vista (conjuntivite), e muitas doenças que nós temos.

(Mam Pek, 24 anos, carregador, com esposa, 1 filho, 3 falecidos, vive em casebre de chapa de zinco.)

Na fala dos jovens, podemos notar que raramente procuram os equipamentos sociais, como hospitais, centros de saúde, unidades públicas de saúde, e por vezes os familiares, esposas não fazem o programa de pré-natal, e os partos são assistidos por parteiras tradicionais, e o recursos aos hospitais podem significar por vezes morte, humilhações social e psíquica de não conseguir cobrir com os gastos da família, acabando por fazer resistência passiva em frequentar os serviços de saúde, mesmo até em casos muito graves, havendo situações em que os atendimentos são

28- MAGNANI. *Na metrópole, textos de antropologia urbana*. 1996,p.99.

eficientes e reconhecidos pela positiva dos serviços prestados, motivando assim os doentes aos hospitais.

Ontem estive com febre, mais estou bom, tomei cloroquina e bactrim já passou, já dá para trabalhar, os meus amigos me disseram para tomar, e comprei aqui mesmo na praça, já passou...
(Mam Pek, 24 anos, carregador.)

Dor, cansaço, fadiga, febres, porém, podem ser considerados somente pelo aspecto físico e psíquico, como manifestações entrelaçadas e trazem em seu bojo a influência de trabalho penoso como forma de vivência. A influência social e cultural certamente está sempre presente no seu cotidiano. A presença de doença por várias manifestações aparece diversas vezes ao longo das entrevistas, nas formas exemplificadas pelos carregadores por meio do cansaço, fadiga ou mesmo febre, que podem propiciar estádios de saúde mais graves.

O adoecimento consiste no processo de ruptura de elos sólidos que conectavam o indivíduo ao contexto, na perda de lugar ou situação, na dificuldade de sobrevivência pessoal e da família (DUARTE e LEAL,1998). A doença numa comunidade é um assunto de todos, dos colegas, amigos, pares, familiares próximos, por vezes contribuindo com opiniões, informações. Ajudando com dinheiro e comida no processo de adoecimento, outros aconselham que os hospitais, igrejas ou quimbandeiros (curandeiros) podem resolver esta situação predispondo-se a acompanhar, ajudar o doente para o tratamento.

Para os jovens, a doença é um mal que acontece neste grupo, pois por falta de segurança social e inacessibilidade aos hospitais públicos, os jovens são remetidos a situação de extremo sofrimento. Os que recorrem às instituições de saúde são medicados para aquisição de medicamentos nas farmácias, dependendo do nível socioeconômico, os desfavorecidos recorrem ao mercado informal onde adquirem remédios, de origem duvidosa, adulterados, expirados ou mesmo em condições impróprias, complicando ainda mais o seu estado de saúde/doente. E há ainda aqueles que também devido ao pouco recurso não fazem tratamento por completo, tornando assim as doenças ou infecções recorrentes.

Na população angolana, o modelo saúde/doença tem várias interpretações: médica, cultural, religiosa, e a situação econômica e social é de suma importância, pois o baixo preço, a distância a percorrer, a língua de quem trata, a cultura da família, a

acessibilidade aos medicamentos, os preços dos tratamentos e a aceitabilidade dos tratamentos nas famílias são fatores a serem considerados nos adoecimentos.

Quando alguém está doente, tenta-se encontrar explicação da doença, seus sintomas, causas e tratamentos, e por vezes conciliar o tratamento médico ocidental e tradicional. Neste sentido, os familiares recorrem a curandeiros para tentar entender a natureza da doença e em seguida aos hospitais, havendo até situações em que fazem tratamentos médicos e de curandeiros em simultâneo. Noutras situações, doentes internados em hospitais, devido a gravidade e involução lenta da doença, os familiares recorrem a curandeiros, as seitas por vezes melhoram ou retornam aos hospitais em situações graves.

A medicina tradicional em Angola é reconhecida (lei n.21-B Agosto de 1992, diário da República III^a série), mas não articula com a medicina ocidental, ou melhor, o médico não é chamado nos centros de cura tradicional para dar sua interpretação. O mesmo acontece com os curandeiros que não são aceitos a irem aos hospitais para fazerem as interpretações, só no período passivo, e, às vezes, à noite, vão aos hospitais para realizarem tratamentos, o que é frequente nos religiosos, nas igrejas cristãs e nas seitas, nos horários de visitas, fazendo orações, promovendo a fé e a cura.

Outro fenômeno de ressalta importância é a ocorrência de vários doentes em centros de espiritismo, com métodos de exorcismo, e modelos evangelísticos, que recorrem à explicação de causa, estratégias de tratamento, cura de doenças; a internação de doentes e familiares nestes centros é desprovida de condições humanas para albergar pessoas, complicando ainda mais o estado de saúde, e muitas das vezes a situação passa despercebida pelas autoridades, sem implicações jurídicas e criminais por parte dos terapeutas e familiares.

É constante a atribuição de causas sobrenaturais às doenças (por mais que evidências clínicas provem o contrário), dependendo da inclinação do doente: se ele frequentar igrejas, pode ter significado de espíritos malignos, sofrimentos infringidos pelos ancestrais, mau-olhado e microorganismos, etc.

Outra característica que ressalta nossa atenção à cultura Angolana, para os doentes, são os visitantes ou familiares que tentam explicar com suas experiências, por vezes indicando hospitais, médicos ou curandeiros, garantindo que conhecem alguém que possa ajudar ou mesmo que tenham amizade com pessoal de saúde, por influência e solidariedade. Como característica sociocultural, reúnem famílias, no sentido de ajudar a salvar a vida de uma pessoa, contribuindo com dinheiro, comida e visitas aos hospitais

e aos centros de internamento para apoio. Nestas situações a utilização de alternativas, no uso de ervas medicinais da flora Angolana ou estrangeira, por vezes baseado na automedicação aprendida na tradição oral ou indicada por leigos, tomando substâncias alopáticas, fitoterapêuticas etc., de acordo com a tradição da comunidade. FASSIM (1980) aborda o “encontro entre a saúde pública e o espaço social atualmente presente nas intervenções realizadas com figuras urbanas na saúde pública, ou seja, as situações sociais que ganham lugar de intervenções na saúde, como por exemplo jovens trabalhadores de rua (com locais fixos para as suas atividades), consumo de álcool na (redução de danos), jovens em situação de precariedade são encaradas como figuras e não como sujeitos, sem programas e projetos de melhoria das condições de vida.”

A situação de precariedade mantém os jovens excluídos das redes de atendimento de saúde e pouco sentido lhes fazem as atividades de prevenção levadas a cabo, como a imunização de crianças e mulheres grávidas que voltam a apresentar febres e outros sinais depois a imunização, e na qual é entendida como introdução do mal no seu organismo, e qualquer doença que terá é devido a vacinação. Existem vários exemplos de significados para prevenção de doenças como uso de mosquiteiros impregnados com inseticidas, para reduzir as doenças de origens vetoriais. O mosquiteiro é entendido como causador de calor e ficar confinado num espaço determinado. O uso de cloro no tratamento da água para prevenir as doenças diarreicas e outras, para os que não estão habituados, causa um cheiro muito ruim, mas há a crença de que seus ancestrais sempre beberam água não desinfetadas e viveram até a velhice, e portanto a ingestão da água tratada pode significar doenças na população, portanto articular entre a saúde pública e ciências sociais na conscientização das populações nas doenças, medidas e meios de prevenção.

No caso da nossa pesquisa, os jovens doentes em situação precária são ajudados por caridade pelos amigos e colegas de trabalho, que auxiliam em casos de enfermidades, por isso veem os espaços de trabalho como lugares em que os jovens solidarizam.

As doenças provocadas pelo exercício de uma atividade, como (carregar ou descarregar mercadorias, manusear de substâncias corrosivas ou mesmo tóxicas), por vezes, têm seus efeitos indesejáveis conhecidos pelos donos das mercadorias, porém estes não fornecem equipamentos de proteção e predisponentes a enfermidades e transtornos provocados pelas substâncias, elevando assim os casos de doenças e até morte neste grupo da população.

3.12. SIGNIFICADOS DA MORTE NOS JOVENS

O tema mais candente na vida do homem é a morte; é conseguir explicar as variadas causas e, nas quais, perante à situação, o homem não aceita as hipóteses da morte. O ser humano sempre busca recursos para conhecer as verdadeiras causas, como consultar médicos, curandeiros, religiosos e outros leigos, cada um seguindo o seu saber e significado dos motivos de doenças. A população pesquisada aceita que a morte é uma questão de punição, principalmente nas doenças prolongadas, sem meios de tratamento, infringindo sofrimentos nos doentes e familiares. Por outro lado, a morte na cultura Bantu significa “retornar para os seus ancestrais”, por meio celebrações de “rituais funerários, de luto, e de cômbo” (HONWANA, 2002).

Em casos de morte, celebra-se o ritual obituário, que se baseia na veneração do cadáver por até 24 horas ou mais, e mesmo com os corpos em necrotério (casa mortuária) devem passar por sua casa e serem venerados por amigos, familiares. Há concentração da família e a realização de rituais, dependendo das normas do clã, tribo, região, religião; por meio de cânticos, rezas, danças, acompanhadas por muitas pessoas, o enterro é seguido de ritual de condolências, comidas e bebidas aos participantes do funeral e realização da cerimônia de combo (ritual realizado depois do funeral, ou dispersão a família). Nota-se atualmente a substituição de cânticos pelas caixas de som de grande potência, entoando músicas religiosas durante o ritual obituário, uso de bebidas alcoólicas e alimentação nas pessoas que veem solidarizar com a família do ente-querido. Por vezes os visitantes ajudam, de acordo com suas possibilidades econômicas, com dinheiro, comidas, bebidas, lenhas, roupas de camas etc., no entanto a família e amigos do falecido têm a responsabilidade em coparticipar, e, atualmente, há empresas que oferecem caixões, e outros bens para o óbito. Nos rituais, há discursos das famílias por parte materna e paterna dos falecidos, explicando as causas da morte, suas qualidades na medida em que estava em vida, em casos de doenças a necessidade de prevenir doenças na família, bem como herdeiros, bens patrimoniais no caso dos trabalhadores. Nos rituais obituários, as famílias usam símbolos de luto amarrados à cabeça; não tratam o cabelo das mulheres; nas crianças usa-se uma peça de roupa do finado amarrada num dos pulsos; os homens cortar o cabelo, usam peças de panos de cor preta ou outras, e não alternando as roupas, o luto varia quanto a símbolo e período acordo com grau de parentesco, alguns permanecem por dias ou meses. Os símbolos de

luto que evidenciam o sofrimento e a expulsão dos espíritos malignos significam que estão em sofrimento, dor, perda e que os vivos permaneçam em paz.

Na casa do óbito deverá observar luto, de acordo com as condições socioeconômicas, de um dia, uma semana, um, três e ou seis meses, ou um ano, para tirar o luto, encerrando assim o ritual de óbito. Com o avanço da evangelização os rituais são mesclados com a realização de missa de corpo presente; depois do funeral, as missas de sete dias e a de um mês são dois atos importantes, mas o tradicional é elementar. É importante ressaltar que, devido a situação econômica de extrema pobreza e as atividades cotidianas dos familiares, o ritual do óbito tenta ser reduzido por dias em que as famílias permanecem concentradas.

Os corpos não enterrados, ou, por vezes, enterrados sem os rituais da cultura, ou mesmo enterrados sem a presença dos familiares são entendidos que os espíritos permanecem soltos e podem ser perigosos para os que estão em vida, tornando-se a fonte de sofrimentos, angústias, falta de sorte, viver em péssimas condições, pois se os seus ancestrais vivem em condições precárias, essa precariedade pode ser transmitida aos descendentes. É comum encontrar sepulturas cobertas com chapas de zinco, ou lápide, cruz de madeira com escrituras e covas cavadas em compartimentos para depositar os restos mortais de modo que descansem em paz.

A morte, principalmente, das crianças e dos jovens ou adultos ativos, são vistas com muita revolta. Tem de haver sempre uma causa e as famílias de toda a linhagem genealógica devem ser mobilizadas para extirpar o mal, e fazem tudo para que esta maldição da família seja devolvida ou extirpada, mobilizando curandeiros, feiticeiros, religiosos etc., e tratamentos que podem levar muitos dias, e até meses, com intuito de afastar o mal, proteger ou mesmo tratar dos vivos.

O pai era funcionário, e trabalhava sem proteção do corpo, foi enfeitado (macumba) e apanhou a crise no trabalho, tentamos levar num quimbadeiro (médico tradicional), mas o feitiço era tão forte, veio a falecer.

(Mattos, 22 anos.)

A minha esposa faleceu num hospital, a criança veio morta, mas parto foi feito em casa, é sempre numa tia (parteira tradicional) que faz partos no bairro, não tinha força, como tinha muitos problemas na família, encontram ela a minha mulher e eu não tinha força por ela, porque não fiz pedido (ritual de casamento) e lhe comeram (mataram)

(Titinho).

A morte é o término da vida ou do sofrimento em adoecidos crônicos em seus múltiplos aspectos (biológico, psicológico, social e espiritual), levando em conta que todos se preocupam em afastarem o mal. Na sociedade, os jovens enxergam na morte de causas sobrenaturais que os espíritos malignos (através de inveja, ódio etc.) introduzem o seu veneno nas pessoas, matando-as, e os invejosos possuidores destes espíritos com poderes sobre eles, incitam-nos a provocar o mal nas pessoas que têm melhores condições de vida e saúde.

Na cultura da morte muitos se veem na obediência em vingar os entes queridos, recorrendo a vários métodos, como curandeiros, seitas religiosas, no sentido de afastar ou devolver o mal e o sofrimento infligido na família, as perdas, uns até recorrem a curandeiros em locais distantes ou nos países vizinhos, fazendo longas viagens, com intuito de conhecer o mal e as formas de tratamento, ou mesmo a vingança pelo mal à pessoa, à família e às suas gerações.

3.13. JOVENS, VIVÊNCIAS E NOVAS FAMÍLIAS

Os jovens estabelecem relações afetuosas, associadas à sexualidade, que produzem uma mediação entre desejos, angústias, decepções e autoestima no grupo e na interatividade entre eles. Também é frequente vermos que as amigas, namoradas, esposas frequentem locais de trabalho para observar, ou mesmo receber alguns proveitos para sobrevivência daquele dia, como “dinheiro para jantar”, ou mesmo vigiar o comportamento dos rapazes. Na encruzilhada, os jovens são acobertados pelos pares, ou mandados para dar uma volta como subterfúgio que estão a trabalhar, ou mesmo desculpando-se que este é o primeiro que estão a fazer, havendo mesmo reencontros entre namoradas e esposas, podendo até gerar ciúmes e conflitos. Os jovens experimentam comportamento poligâmico, enraizado na cultura e muito notado no grupo pesquisado, algumas vezes como significado de virilidade sexual, imitação do pai e pares, ou impulsionado pela família, na necessidade de ter muitos filhos, descorando a promiscuidade sexual, as doenças sexualmente transmissíveis, a alta de natalidade e o aumento do grau da precariedade e pobreza extrema das famílias poligâmicas. Por outro um aspecto muito comentado, mas experienciado empiricamente, o maior número de mortes no conflito armado foi do sexo masculino, pois ambas as forças beligerantes eram constituídas majoritariamente por homens, devido a desproporção demográfica entre homens e mulheres, resultando em um grande número de mulheres sem companheiros, aumentando, assim, significativamente, a poligamia reforçada pelos

fatores econômicos e culturais. Nas mulheres, notamos quanto menores os níveis escolares, econômicos e sociais, maior é a aceitação da poligamia, embora percebemos também, em mulheres de outros níveis, a aceitação da poligamia, sendo ponto fundamental na questão do aumento das doenças transmitidas sexualmente e a situação de precariedade, não assunção de paternidade, enquanto a poligenia não é aceita e é veementemente estigmatizada.

Os jovens têm maiores probabilidades em estabelecer relações entre si ou adultos; mesmo os que vivem em situação de precariedade estabelecem muito facilmente relações de amizade, por ajuda, camaradagem e solidariedade.

Vivo com mulher num quarto de aluguel no bairro, trabalho, dou dinheiro para fazer negócio; vende peixe frio, zungar (vender de casa em casa), vou reforçar o trabalho, para conseguir dinheiro para lhe ajudar na casa.

(Dicange, lavador, vive com esposa pai de dois filhos.)

Vivo na vila no Cacucaco com meus amigos, não pago casa porque é deles, vivemos todos num quarto, é só para passar as noites, pois todos os dias estou aqui, desde 6h até 22h.

(N'totila, lavador de carros que sempre viveu com amigos.)

Eu sou chefe da família, vivo no bairro Paraíso no meu terreno, num quarto e sala feito por mim, fiquei com as responsabilidades dos dois casamentos do meu pai, um meu irmão e um irmão de pai (meio irmão), a madrasta e pai já têm novas relações e não ajudam, por vezes só perguntam se estão bem...

(Mam Pek, 24 anos, carregador.)

A constituição familiar dos jovens é diversificada: há o que moram com os pais; com uns dos progenitores, amigos, irmãos mais velhos; os encarregados e chefes de família; e os que vivem com esposas e filhos. Consideram parentes próximos mesmo aqueles que não têm ligação consanguínea, vizinhos, conterrâneos, pois cada membro da família tem uma história, significados vividos, independentemente dos laços sanguíneos, o que importa é coabitação. O lugar que o membro ocupa na dinâmica familiar, a assunção de responsabilidade familiar ou mesmo a sua incorporação no seio de uma família são chamados de “filtros” segundo SARTI (2004, p.120), ou mesmo de barômetro, através do qual se começa a ver e a dar significado ao mundo, começando com a socialização primária, encontrando seu apogeu na socialização secundária.

Nestes jovens, temos de reconhecer a sexualidade como parte da construção social. Eles chegam a dizer que os desejos e práticas sexuais são construídos

culturalmente, dependendo da diversidade, etnia, cultura, rituais de passagem para idade adulta e hábitos. Mesmo integrados num país como Angola, envolvem informações majoritariamente disseminadas na mídia, contribuindo na construção dos grupos sociais. O exercício da sexualidade se processa por meio de possibilidades e, dentro do marco cultural delimitado por rituais, as vivências de vida são marcadas por exigências, enquanto o desempenho e as afirmações sobre o eu no mundo caracterizam-se, entre “dimensões da sexualidade, sedução, tabus, tênues fronteiras entre intimidade, formas de ser, padrões socioculturais, atividade sócio-laboral e ditames de sociedade de consumo” (CASTRO e col. 2004, p.33).

Tenho 3 filhos, estou separado da esposa. Ela está com os filhos porque me faltam condições, vivo com um primo na casinha que ele aluga e todas as semanas envio dinheiro para ajudar no sustento, gosto muito dos meus filhos, mais estou a lutar para recebê-los mais sem casa não tem como.
(Dadão, lavador.)

É importante ressaltarmos que a maioria dos entrevistados, nas visitas que realizamos nas casas, estiveram a viver com amigos, primos e colegas do trabalho. Isto deve-se a desestruturação das famílias provocada por vários motivos, como violência doméstica, divórcios, separações, falta de condições para albergar a família, e por último, conflito armado que muitos dos jovens vivenciaram. Devido a migração forçada, as crianças ficaram sem famílias nucleares; por causa dos deslocamentos, falta de localização dos familiares, muitas delas passaram a viver em campos de deslocados e centros de recepção de crianças ou lares, e, com aumento da idade veem-se obrigadas a procurar meios de sobrevivência.

Quanto às famílias desaparecidas ao longo dos conflitos, existem programas de localização familiares e outras iniciativas do Governo, além de ONGs para localização e reunificação familiar. Mas poucos têm encontrado sorte; em uma imensidão de território é muito difícil localizar a família e as crianças. Hoje, dentre os jovens, muitos nem sabem dizer os nomes dos pais, familiares e bairros onde residiam, e os pais não sabem as localidades, cidade em que estão, são alguns pressupostos que impedem a reunificação familiar. A desestruturação da família é um elemento a se levar em conta na vivência de jovens nos “trabalhos de rua”. Devido a trajetória, vivências em campos de deslocados, alguns em quartéis de militares, em lares de criança, com o fim do conflito e consequente desmobilização das crianças nas forças beligerantes e sem

apoio e reinserção social condigno, encontram as ruas como fontes de rendimentos, vivendo com amigos e pares que vivenciaram mesma situação.

O apoio da família ou famílias arranjadas (adotadas) é vital para ampliar as chances de realizar os projetos de vida, é praticamente o último reduto de seus sonhos. O apoio que se traduz na presença - conversar, acompanhar a vida dos jovens e ser companheiro nos momentos difíceis - e os problemas econômicos que permitem atravessar a fase da vida em que não podem se sustentar. Ao enaltecer a garra dos familiares no esforço cotidiano pelo sustento da casa e dos membros da família, os jovens constroem canais de troca no espaço doméstico e indicam certa receptividade ao conjunto de valores da geração anterior, o que pode ser indício de sua disposição em compartilhá-los. Na solução da família, por meio de enfrentamento dos problemas sociais e da juventude, a partir de uma base coletiva que se constrói em torno da família, indica-se a possibilidade de que nos centros suburbanos, os musseques (favelas), a interconectividade características destas localidades, a que se refere PAIS (2003), “incorpore amigos e conhecidos que se agregam ao longo da vida”.

Em Angola, a família é uma cadeia de relações que se estruturam em torno dos elementos, é uma forte referência da subjetividade, sobretudo, entre as camadas mais pobres da população. Como mostrou SARTI (1996), as “cadeias migratórias articulam-se em torno de relações de parentesco e amizade”, tanto no que diz respeito à busca pelo trabalho, rendimentos, como na escolha de locais de moradia e coparticipação, ajuda na construção de casas. Por isso, admitindo que os laços de parentesco, tradição, cultura, rituais de casamentos, envolvimento de familiares nos casamentos, dá-se preferência aos indivíduos da mesma etnia, mesma cultura, língua, embora muitos aceitem a preferência dos jovens em viver e casar com indivíduos de outras culturas.

3.14. ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

A luta pela sobrevivência faz com que as pessoas inventem formas atípicas de se ganhar dinheiro, não necessariamente associadas às “identidades negativas” (PAIS, 2005, p.18), viver a carregar e descarregar, transportar mercadorias, lavar e arrumar carros, ajudar na construção civil, engraxar, chamar táxis, guardar e revender mercadorias, entre outros biscates; esta variedade de estratégias expressa as capacidades em ganhar vida, aliadas à dinâmica do mercado de consumo, fatores que

sustentam a economia. Atualmente devido as crises econômicas, fala-se muito em desemprego formal, mais não no desemprego informal, dos excluídos, os não integrados no mundo de trabalho formal, e os problemas econômicos influenciam o mercado do emprego e os trabalhadores informais.

Ao entrevistar jovens sobre suas impressões a respeito da sobrevivência, estes afirmaram que o trabalho tem uma dimensão instrumental, mas do seu caráter penoso (devido as condições humanas, de higiene e segurança em que são realizados), social (permitindo mantê-los ocupados na interação social) e pessoal (realização com elevação da auto-estima e melhoras na vida das pessoas) (PAIS, 2001, p.73).

É importante salientar que a atividade dos jovens é extensão da vivência na infância. Desde cedo, eles ajudam no sustento da família, e o trabalho continua de forma permanente, ou seja, na juventude. A atividade é uma estratégia de se sustentarem e de se realizarem socialmente, tudo isto aliado ao cotidiano dos jovens que se revelam segundo “determinados processos de funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que atravessam” (PAIS, 2005, p.73). As atividades dos jovens se pactuam por tensões, conflitos e possíveis crises de relações com o grupo social a que pertencem, para compreenderem os possíveis riscos que estariam submetidos, as normas rigorosas, as condições em que são realizadas estas atividades, além dos sentidos e valores atribuídos às práticas do trabalho.

É notável o significado do trabalho remunerável na vida dos jovens, embora de modo informal. Os rendimentos que alcançam e os proveitos que este magro dinheiro lhes fornecem um significado no seio das famílias, em limar problemas socioeconômicos, tratando doenças, melhorando redes, elevando a esperança de vida nesses jovens e suas famílias.

Segundo Marx (1984), o advento da divisão social do trabalho ocasionou a cisão entre os trabalhos industrial, comercial e agrícola. O desenvolvimento de tal processo culmina com a subdivisão por funções contidas de acordo com as mudanças nas relações de produção vigentes, a cisão entre trabalho intelectual (os que pensam) e material (os que executam) (OZELLA, Org. 2003, p.235), é nesta ótica em que se encontram os jovens que constituem nossa pesquisa.

Sou um biscateiro, faço todo tipo de trabalho, carpinteiro, pedreiro, cavo também fossa, tanque de água.

(Man Pek.)

O meu trabalho é lavar e cuidar de carros de dia, e de noite, faço guarnição das barracas e lanchonetes.

(Beto K, 15 anos, está no terreno há 4 anos .)

O trabalho infanto-juvenil é importante subsídio na renda familiar, subvertendo a lógica do processo de socialização infantil, em que a família deveria ser o locus de provimento de rendimentos, proteção e socialização secundária, mas passa a ser provida por ele, mantendo os vínculos familiares.

O trabalho juvenil abre possibilidades de emancipação precoce da realização da existência pessoal, traduzida nos significados de liberdade, ausência de cobranças, aventuras, desafios, lazer, consumo. Mas para se manter vivo nas ruas, os jovens submetem-se às rígidas regras do ambiente de trabalho e dos que dominam as diferentes atividades e espaços.

Sou lavador de carros e também faço aspiração de poeiras, noutros dias trabalho também na construção, como ajudante, faço também blocos, ajudo a aplicar azulejos, quase faço tudo.
(Dadão)

Nós fazemos tudo, carregar e descarregar, levar mercadorias, até pessoas nós levamos. Por vezes de dia vigiamos mercadoria das patroas, também ajudamos a descarregar mercadorias, trabalhamos na construção, como fazer massa de cimento (concreto) para placa de casas.
(Jovem Bento K.)

Assim, lavar e cuidar carros nas ruas, carregar e descarregar, transportar são atividades que demonstram significados diferentes para os jovens e vão de acordo com as necessidades pessoais e sociais. Para eles tais trabalhos proporcionam ganhos financeiros que ajudam no sustento da família, e muitos deles são chefes ou mesmos encarregados de famílias ou de pessoas dependentes, como idosos, crianças, órfãos, deficientes etc.

Podemos dizer que o **trabalhador em situação de rua**, embora em informalidade, aquele que visa ressaltar o caráter processual do trabalho nas ruas para delimitar vivências, trajetórias e enfraquecer ideias pejorativas que se tratam de trabalhadores de rua no período diurno, que não têm outra característica de pertencer à cidade. Estes efetivos concentram-se nos pontos de táxis (candogueiros)⁽²⁹⁾, paragens de autocarros (ônibus), mercados, armazéns, utilizando carrinhos de mão, carroças, com o

29- Termo da gíria angolana, que provém de vocábulo *candonga*, que significa vendas no mercado informal, especulações. São viaturas de tipo Toyota Hyace, que transporta pessoas e bens com capacidade de 15 lugares, muitos com atividade legalizada, equivalente ao termo “vans” no Brasil.

objetivo de ficarem em atividade, obtendo rendimentos e prestando ajuda à população dos municípios.

O individualismo e a solidariedade são valores subjacentes nas redes e atividades dos jovens, que tornam-se os únicos responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso em seu trabalho, aliando a ajuda do grupo na sua inserção na rede (Bock citado por OZELLA, Org. 2003, p.238).

A vida dos trabalhadores de “rua” começa logo pela manhã. Mesmo com pouca movimentação de pessoas, os jovens desejam fazer qualquer atividade, começando quanto antes possível para aumentar os rendimentos, ajudar as pessoas, valorizar-se, e contemplando as necessidades do dia, como uma refeição ou transporte, porque o dinheiro do dia anterior já foi consumido, ou foi economizado para outros casos, como doenças, escola das crianças, roupas, compras de bens, ajudar famílias que necessitam etc.

O trabalho é uma oportunidade da sobrevivência, o que lhes permite viver e conviver com suas famílias. Por isso, na situação de precariedade, qualquer emprego que aparece, desde que permita auferir rendimentos, é um salva-vidas; mesmo até atividades ditas estigmatizantes, penosas ou em condições péssimas de higiene, há sempre alguém que o faça, com intuito de sucesso individual.

O mundo da casa e o mundo da rua são as possíveis dicotomias que poderiam vivenciar, e as possíveis (in)compatibilidades entre esses dois mundos ficam restritas a eles: a desestruturação familiar, a situação de precariedade, por vezes vivendo com amigos e pares sem grau de familiaridade, sem o ideal para seguir, pois o amigo é seu único ídolo.

As consequências e problemas da realidade dos jovens são mais evidentes nas áreas mais precárias dessas cidades, pois, além de apresentarem em média um nível mais baixo de escolaridade, falta acesso aos serviços públicos, e a contínua reestruturação das práticas de vida limitada as inovações para aqueles com pouca disponibilidade de capital sociocultural, fragmentação, fragilidade dos indivíduos com restrito capital cultural incorporado, sobretudo pela dificuldade de abstração, o que impede a mobilidade entre diferentes projetos que se apresentam num mundo cada vez mais complexo. Isto dificulta e restringe também a entrada e a inserção de oportunidades novas que, porventura, venham a aparecer.

3.15. JOVENS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Os programas de ajuda aos jovens em Angola estão concentrados nas classes econômicas mais favorecidas, abrangendo jovens das universidades, escolas de ensino médio, trabalhadores que beneficiam uma série de proventos, para melhorar a situação econômica e social em que se encontram.

No que tange às estratégias públicas, segundo planejamento do Ministério da Juventude e Desportos (Angola) 2009, articuladas a nível central e local, que consubstanciam no programas aos jovens desfavorecidos, temos: o Projeto de Formação Itinerante de Autoemprego, que se baseia na identificação de potencialidade dos jovens em artes e ofícios, e na distribuição de materiais profissionais, bem como na constituição de microempresas, de modo a empregar mais jovens na mesma situação; o Projeto de Apoio aos Jovens Lavadores de Carros visa organizar e valorizar a atividade, atribuindo-lhes espaços apropriados, materiais, cuidados com a higiene individual e coletiva; o Projeto de Jovens Carregadores de Mercadorias fornece melhores condições e equipamentos de trabalho, organiza os jovens em microempresas e valoriza a atividade; o Projeto de Habitação Social dá acesso aos jovens para o crédito habitacional, a distribuição de parcelas de terrenos e à autoconstrução dirigida, além de crédito a materiais de construção; o Projeto de Casas da Juventude desenvolve e incentiva as atividades musicais, teatro e esporte.

Contudo entre o plano e execução há um hiato: os jovens estão à espera das políticas que nunca saem do papel, e se saírem serão para a minoria, sem abranger a todos os municípios e comunas de Luanda, descorando o todo o país.

Existem projetos como bolsas aos jovens universitários, criação de mais escolas de ensino médio e técnico profissional, extensão dos serviços de alfabetização, centros de formação profissional em artes e ofícios, microcréditos, oportunidades de primeiro emprego – pois um dos requisitos para se ter acesso à formação profissional é que o candidato deve ter no mínimo a 6ª classe⁽³⁰⁾ (série) –, tudo isto permite aos jovens melhor aprender e compreender os conteúdos a serem transmitidos. Se o jovem não tiver este nível haverá uma barreira ao acesso a estes serviços.

Os programas de extensão em formação profissional nos municípios são requisitos na seleção, porém a falta de uma bolsa de estudo ou subsídio durante o tempo

30- Anos letivos do ensino geral, equivalente a série no Brasil.

de permanência nos centros tornam-se alguns dos elementos desmotivadores no acesso aos centros. É necessário pensar em como disponibilizar subsídios aos jovens durante os ensinos nas horas pós-laborais.

Embora existindo redes de instituições governamentais, não governamentais e religiosas que apoiam os jovens nestas situações, muitas delas recebem verbas públicas no sentido de ajudar na formação e a na reinserção destes jovens nas comunidades. Mas em contraponto, muitos dos jovens permanecem em bairros vivendo em condições de precariedade.

*Não estamos a ver nada por parte do governo em nos ajudar.
Foram dadas máquinas de lavar carros para alguns jovens da
cidade, e nós só nos escreveram nomes. Alguns jovens da
cidade receberam o microcrédito, mas nós aqui não fomos
abrangidos.
(Dicange.)*

Na sociedade desigual, a situação de pobreza e miséria acaba atingindo drasticamente crianças e jovens que deixam de ter seus direitos protegidos e assegurados. Muitos encontram na rua “seu espaço de construção de vida”, aliado à desestruturação de famílias, eles passam a ocupar as ruas dos centros urbanos como local de vida, alcançando dimensões extremas no suporte de sobrevivência das famílias, autoestima e valorização social (Rizzini, 1993, citado por OZELLA, Org. 2003, p.168).

Na variedade de significados culturais e de estímulos, há múltiplos padrões de vida e de consumo; os jovens vivem a fase da vida em que tudo ainda está por acontecer, e onde o que menos se pensa é que algo poderia não dar certo. Os jovens têm um cotidiano voltado para duas lógicas: por um lado, pobres e com poucos recursos para se colocarem face a face com outros jovens de classes ou grupos de status alto e introjetam a situação de pobreza; por outro, na área de moradia, constroem referências próprias por meio de práticas cotidianas diversas, visíveis para os outros moradores que emigram no período diurno para trabalhar, e os que permanecem em casa são os vadios, preguiçosos, criminosos e propensos a roubar na calada da noite. Aqueles que são excluídos de certos ambientes da cidade (porém donos dos territórios em que vivem), enquanto parte de um grupo, que tanto pode ser do local de trabalho, da rua, centro cultural, mercados, escola, mantêm contato social e cultural, ou seja, não vivem em isolamento.

Na satisfação, no trabalho, os jovens se sentem realizados; as suas necessidades pessoais e familiares são satisfeitas como, autorealização, Maslow (1970). Os jovens se comprometem nas atividades que realizam, com assiduidade, e também as relações que estabelecem nas rotinas de trabalho os motivam a continuar a exercer-las para sustento da vida.

3.16. CONSUMO DE ÁLCOOL

3.16.1. Significados do consumo de álcool pelos jovens

O consumo de álcool por jovens pode significar liberdade, autonomia, responsabilidade, lazer, prazer, convívio com amigos, catalisação do trabalho, permeabilidade social, permitindo maior interação entre os jovens, o local e o trabalho.

Para os jovens, o consumo de álcool é estratégia para reduzir a exclusão e a degradação social, “bem como diminuir os sofrimentos enfrentados pela vida diária” (FAINZANG, 2007). O consumo é orientado por regras culturais, durante o dia, durante o trabalho, o lazer, em rituais e cerimônias. Já as sociedades modernas ou tradicionais apresentam similaridades individuais, coletivas e culturais, porque em ambos os casos encontra-se a necessidade de experimentar, imitar, vivenciar ou sociabilizar.

Sempre bebo cerveja, que me dá alegria, pois a minha vida é assim. Não tenho hora de beber, mesmo a trabalhar estou a beber, nas calmas sem interferir no meu trabalho e faço à vontade. Best (Whisky em pacotes de 50ml) me mete relaxado, tenho mais força para trabalhar...

(Man Pek, usa mais de 4 pacotinhos por dia.)

Não faço confusão com pessoas, bebo e fico calmo, sem problemas, chego, tomo um banho, sem problemas. Não há brigas, tudo nas calmas, nos dá força (muita força), nos permite relaxar e tudo muito bem...

(Titinho, consome 7 cervejas por dia.)

As referências que jovens utilizam para falar sobre seu consumo de álcool também sinalizam o modo como a bebida afeta sua força, tranquiliza, diminui a fadiga, aumenta a energia, permite que tenham vigor e bravura nas atividades. Com o aumento do consumo, o álcool acaba enfraquecendo-os, tornando-os apáticos, e os jovens ficam vagueando com aspecto sujo, imponentes pela fadiga física, além do odor misturando o

álcool e o suor do trabalho, criando representações em torno das relações entre o “álcool”, os “esforços físicos” e o “desempenho nas atividades”.

O jovem bebe como maneira de lidar com sentimento de perda dos pais, familiares, objetos valiosos, guerra, falta de emprego formal, escola e casa condigna, aliviando assim sentimentos de culpa. Os carregadores consomem o álcool como analgésico, aliviando as dores pelo excesso de carga, e para afastar a apatia, e o fazem individualmente ou em grupo, sem preconceito da atividade que exercem.

Sim, beber é muito bom e nos ajuda, porque o nosso trabalho é muito difícil, levamos muita carga, por vezes muito longe,
(Dicange)

Devido ao esforço constante, gasto de energia e fadiga, o álcool é uns dos produtos energéticos acessíveis, permitindo que os jovens exerçam atividade por longo tempo.

Este cenário pode ser compreendido pela imitação social, pais e amigos, ou com base do processo de condicionamento, pelo qual alivia experiências desagradáveis de ansiedade, raiva e culpa, consumindo álcool. Viver e trabalhar com pessoas que fazem uso de bebidas alcoólicas, seja em casa ou no mercado informal, mesmo desde muito cedo (pai, mãe, e colegas do mercado), reforçam o comportamento do consumo, aliado pela revenda em locais em que os jovens desenvolvem suas atividades.

Bebemos em grupo no bar Kilamba, comemos e bebemos à vontade, muita música, miúdas, tudo aí aparece, sexo, tudo existe. (Kizua)

Durante o trabalho cada um compra a sua cerveja e bebe, mas no fim do trabalho bebemos em conjunto.
(Titinho)

O álcool entra muito cedo na vida dos jovens; junto à precoce entrada no mercado do trabalho, relacionamentos familiares, condições de trabalho, a revenda de álcool a crianças e jovens em terna idade os predispõe ao consumo.

Em ambientes como bares, lanchonetes, centros culturais, ou em companhias de namoradas (os), de grupos, de famílias, de colegas de trabalho, os jovens consomem álcool, desinibindo os complexos e seduzindo mulheres levando-as à promiscuidade sexual. O beber contrapõe o princípio da exterioridade que os jovens promovem nos reencontros fora de si e na momentaneidade do agora, na busca do

prazer, da bravura e em contato com outros, no tempo em que se bebe, no lugar onde se bebe e nas companhias com quem se bebe, dos que vendem as bebidas, das motivações envolventes, como músicas, danças, sedução sexual, petiscos, tudo predispõe ao consumo de álcool na população jovem.

Os significados do consumo das bebidas alcoólicas nos contextos ritualistas, usados como reafirmação grupal e em festas religiosas, rituais de passagens, festas políticas e culturais e exacerbados no meio rural pela expansão e instalações de alambique como fatores determinantes nas novas formas de beber, impondo normas de consumo na sociedade rural, por meio de bebidas fermentadas, destiladas, de seiva de palmeiras, bebidas industrializadas, degradando assim a vida e as famílias nesta sociedade. As mudanças socioeconômicas, ligadas ao desenvolvimento do processo de consumo de álcool, adquirem também um significado coletivo e este fato ocorre na caracterização de indivíduos e grupos, como símbolos de virilidade, maioridade. Na ritualização nos convívios onde tabus são eliminados, o consumo aumenta mesmo na coexistência com o fenômeno onde se manifestam as liberdades levando a transtornos sociais.

3.16.2. O álcool e a sociabilidade

Começamos com a opinião de Simmel, que a “sociedade não é composta apenas por indivíduos, mais sim por indivíduos em interação”. Havendo, assim, interação entre os atores sociais, esta vivência caracteriza a sociabilidade do consumo de álcool nos jovens, mesmo em situação de precariedade.

Muitos dos jovens pesquisados encontravam-se nas barracas adjacentes aos locais de trabalho como espaços de encontros e reencontros, mas também de evasão de medos, de receios, de preocupações, de solidão, de preenchimentos de vazios, de distração. Nestes locais, histórias e anedotas são contadas, durante o ato de beber. O beber dos jovens é feito em grupo orientado para distração, renovação de relações sociais, pois o beber em grupo socializa os indivíduos e induz os mais retraídos, os abstêmios, motivando-os a beber.

Os que bebem isoladamente consomem o álcool em pouco tempo, e por isso têm mais raciocínio quanto aos gastos, rentabilidade, problemas com a família e amigos. As relações entre jovens, que podem ser expostos aos perigos e aos gastos com álcool e família, este beber solitário leva o afastamento dos amigos ou dos pares devido

a responsabilidade familiar e a conscientização do pouco dinheiro e gastos com o consumo.

À tardinha depois do nosso trabalho, ficamos numa barraca, a beber, quem tem paga e ou associamos, ficamos até 23 horas, quem ficar bêbedo ajudamos a chegar até a sua casa, ou falamos com nossos amigos que fazem guarnição para passarem a noite nas barracas.

(N'Guto.)

O consumo de álcool no período pós-laboral caracterizado por concentração em barracas, bares, lanchonetes, com a associação de dinheiros para financiar o ato de beber, consumindo assim várias bebidas, como cerveja, vinho e aperitivos tradicionais, passando toda parte do dia consumindo álcool com vários amigos e grupos.

Nos jovens, o consumo de álcool permeia as relações sociais entre eles, permitindo conversas com amigos e pares, ou mesmo com vendedores. Atraindo transeuntes, por vezes são convidados a consumir, em detrimento da situação econômica. O álcool pode acompanhar amigos, refeições, trabalho e festas, melhorando os laços de sociabilidade. Há indivíduos que vão a um local de venda (bar) mesmo sem dinheiro, devido a sociabilidade, podendo lhe ser pago por várias pessoas que frequentam o local, só por solidariedade.

Por vezes no fim do dia para conversarmos e colocamos o assunto em dia, vamos na barraca da tia (revendedora de bebidas alcoólicas), podemos pagar uma grade (24 cervejas) e bebemos à vontade, em 4 amigos. Não há o que comer, por vezes pinchos (espetados), e comemos nas nossas casa. Quem fica bêbedo o ajudamos a andar.

(Dadão)

Na companhia de amigos, alguns jovens estão conscientizados dos possíveis transtornos causados pela ingestão do álcool, mais a fissura e o estigma, o odor etílico mesmo mascarado com uso de chiclets, ou beber água para reduzir os danos, misturar vinho com coca-cola, tudo é introjetado para reduzir transtornos individuais, na família e no grupo. É frequente os jovens se conscientizem dos transtornos do consumo de álcool, e para isso utilizam estratégias que reduzem os danos, por meio de ajuda, tentar vomitar, lavar a cabeça. Muitos até tomam banho na praia, mas esta estratégia tem sido

traíçoeira, pois causa afogamentos, e dessa forma, a compreensão do consumo social do álcool é evidenciada nos grupos dos jovens.

Não posso ficar sem uma cervejinha. Para diminuir o cheiro para na minha dama (mulher) não reclamar muito, escovo a boca, masco chicletes, chego em casa sempre nas calmas e por vezes a minha dama não dá conta..
(Betinho, com cerveja na mão.)

Devido ao consumo precoce de álcool pelos jovens, muitos entram muito cedo no trabalho, como forma de suportar as dificuldades, pois as constantes deambulação e fragmentação os levam à procura de qualquer atividade e à solicitação expressa em pagar bebidas alcoólicas. Como ritual das redes, quem tem paga para o outro o predispõe ao hábito do consumo diário, reforçado pelo mercado de trabalho informal quanto ao consumo, necessitando só, de força física para exercer qualquer atividade. O consumo de álcool coloca o jovem num círculo vicioso, atividade de provimento para bebidas e consumo de álcool, reforçando-lhes a situação de exclusão e inclusão em rede de atividade e estigma social.

3.16.3. O trabalho informal como atividade favorecedora do consumo

A atividade exercida pelos jovens é desregrada, dependendo do esforço físico e do sofrimento em executá-las, predispondo-os ao consumo de álcool, imitando os familiares e os colegas de trabalho. As situações de perda são consideradas pontos de inflexão (guerra, conflitos familiares, mortes de um ente querido, perdas), e os jovens usam o álcool como forma de amenizar e esquecer os sofrimentos.

Depois da morte do meu pai, sempre vivi com meu avô (paterno) que tinha uma lambique (fábrica) de cachaça e eu ajudava ele a fazer bebida e vender. Depois aprendi a fazer caporoto (cachaça), que nos ajudou muito, e daí aprendi a beber. Agora já não bebo cachaça, só cerveja e vinho...
(N'guto)

A socialização primária é um marco importante na vida dos indivíduos, conviver em conjunto, ou a superlotação dos campos, os desrespeitos pelas regras de interação social, viver com a família, sem assunção plena de responsabilidade, trabalhar numa fábrica, vender e revender ou conviver com alguém que venda bebidas alcoólicas os tornam vulneráveis ao consumo. Os jovens herdam comportamento dos seus

cuidadores da revenda, fabricação, consumo de álcool, tornando ainda mais difícil adquirir um emprego formal, diminuindo a estigma.

No campo de deslocados havia muita venda de bebidas alcoólicas, uns faziam com base de milho, uns vendiam caporoto (cachaça), outros bebidas fermentadas, pois não havia dinheiro para comprar outras bebidas, mais nós não usamos estas bebidas, agora estamos na cerveja, no vinho e no maruvo (bebida à base da seiva de palmeira de dendê).

(Observação pelo pesquisador no período da guerra.)

Aqui no nosso trabalho (lavadores de carro) há liberdade, ninguém intervém na vida de ninguém. Só que se perde muito dinheiro. E também nas mulheres gasta-se muito dinheiro.

(Dicange)

Nas falas dos jovens lavadores, apareceu como elemento favorecedor do uso do álcool; alguns deles fizeram menção ao ambiente em que viviam, a liberdade no consumo, o trabalho que faziam e na revenda de bebidas alcoólicas, para sobrevivência predispondo-os ao consumo. Na luta pela sobrevivência – a entrada no emprego informal, exercer atividades diurnas nas ruas, o estresse pelo trabalho, a companhia de amigos, a pressão profissional (principalmente nas atividades que exigem mais esforço e energia), as condições impróprias de trabalho –, os patrões pagam as bebidas, como forma apressar o trabalho e reforçar o consumo para que haja eficiência. A situação de proximidade com a vizinhança e com locais em que se comercializa o álcool – pois se tratam de bairros muitos extensos e numerosos, sem equipamentos básicos e meios de subsistência –, existe a revenda de pequenas mercadorias a céu aberto ou em variados barracos, como meio de aliciar o consumo do álcool pelos jovens, com preços baixíssimos e de baixa qualidade.

Existem também festas promocionais, onde o álcool é oferecido gratuitamente ou subvencionado a baixo custo, como dias de feriados, finais de semanas, festas político-partidárias, onde os “jovens são chamados para mobilização e diversão” mesmo sem dinheiro, e o álcool é oferecido em troca de qualquer serviço (Cardinal citado por LEBLANC, 1991, p.284).

Estudos apontam que os jovens, que vivenciam situações traumáticas de conflitos, podem desenvolver o consumo do álcool, aliado às mudanças que ocorrem no seu corpo (físico, psicológicas e sociais), e a maturidade precoce os predispõe novas responsabilidades, com exposição aos riscos como relações sexuais sem preservativos, contraindo doenças sexualmente transmitidas, e surgindo até experiências no consumo de drogas.

A multifatorialidade explícita, no consumo de álcool pelos jovens tem a ver com três momentos importantes: sociocultural, o próprio álcool e a personalidade. Estes fatores desempenham importante papel na acessibilidade ao álcool, consumo, exposição da bebida, podendo eliciar a transtornos nos jovens pelo consumo excessivo (Kerr-Corrêa, citado por ZALAF, 2007, p.87).

Pode-se observar que situações de carência financeira, fome, ausência nas escolas, desestruturação das famílias, orfandade, desemprego e inconformidade das situações sociais são alguns motivos apontados para o consumo de álcool. Nessas situações, o álcool funciona como alívio dos sofrimentos ou das angústias, na motivação dos pares, que dispõem de poucos recursos para informação, e dessa forma lidam e amenizam sofrimentos (Cardinal citado por LEBLANC; 1991, p.283).

Nos finais de semanas vamos ao bar (denominado Kilamba) onde bebemos cerveja, vinho etc., num grupo de 4 a 5 jovens. Quando aparecem as meninas, elas também gostam de copitos, é só lhes pagar (álcool como sedutor).
(Man Pek.)

Nesta situação, o uso de álcool nos jovens estaria vinculado à maneira como a sociedade lida nas três dimensões da questão: políticas públicas não abrangentes aos jovens em situações desfavorecidas, subsistindo o mercado informal como municiador do álcool. Os jovens em situação de precariedade encontram o uso de álcool como meio de atenuar suas dificuldades e as vivências no contexto social, aliados a situação de desfavorecimento de programas sociais do Governo que visem melhorias do bem estar social. Por último, o individual na sua singularidade, como jovens no mercado informal encontram um longo percurso para afirmação das identidades, para sua integração, e, no álcool, um meio de interação no trabalho, na cultura e entre os pares.

Na perspectiva de saúde pública, o processo de saúde-doença não se refere só apenas ao físico, mais também a manifestações individuais das condições coletivas de vida resultantes da forma de vivências das pessoas, na produção e na reprodução social. Essas condições são determinantes no processo de vulnerabilidade das enfermidades e a baixa qualidade de vida, estando os jovens sujeitos a doenças em virtude das dificuldades no atendimento ao serviço de assistência à saúde.

3.16.4. A influência social do consumo de álcool

As famílias e sua convivência funcionam como reforço significativo para os jovens que se alcoolizam para imitarem os pais, e permissão dos familiares ou encarregados nas solicitações das crianças para comprarem bebidas alcoólicas, servir e a receberem pequenas quantidades bebidas alcoólicas, podendo assim imitar os comportamentos a dos adultos.

As vivências e as condições socioeconômicas dos jovens, que foram submetidos desde infância a situações de pobreza, famílias desestruturadas, famílias permissivas, mostram-se favoráveis ao uso precoce. No processo de trabalho, a inserção social determinou os níveis de consumo e o acesso a bens, como alimentação, moradia, falta de suporte familiar e educacional e outros elementos. Tudo isto expôs a um processo de risco e contribuiu para o consumo de álcool e o desenvolvimento de um processo de saúde e doença nos sujeitos pesquisados.

Mas a partir do trabalho infanto-juvenil, esta classe pôde evidenciar o sofrimento emocional e outras manifestações do desamparo social, recorrendo ao uso de álcool como forma de reduzir suas dores emocionais. Estas manifestações emergem, especificamente, em decorrência das condições e das relações do trabalho, não se limitam ao espaço das atividades produtivas, elas expandem nas demais áreas principalmente na esfera familiar. Deste modo, outras formas de manifestação do sofrimento são geradas em outros contextos, e podem aflorar no espaço produtivo, devido as condições e ao modelo de organização do trabalho, da penosidade e da pressão emocional das atividades que exerce sobre o indivíduo.

Gosto de beber cerveja, posso acabar uma ou meia grade durante o meu trabalho. Sempre nas calmas e com a companhia dos meus amigos e colegas de trabalho. Já consumo há muito tempo sempre com meus amigos, mesmo onde passamos tivemos que consumir quando éramos mais novos...

(Lua-Lua, lavador)

A vida dos jovens aqui é muito difícil, pois o trabalho é muito duro, para ganhar um bocado, os patrões querem tudo rápido. Não é fácil trabalhar sem copito... este é que dá força. Todo nosso grupo associa e consume.

(Kiambi.)

Quanto aos sujeitos pesquisados, o início do uso de álcool se dá por “influência da família e dos amigos”, como considera (LEBLANC, 1991, p.282). Isto

parece ser considerável, na adoção de um comportamento determinado diante do álcool. Na realidade, os jovens que consomem álcool e, particularmente, as mulheres encontram-se, de maneira significativa, em maior número nas famílias onde existem hábitos de consumo acentuados.

O núcleo familiar forma e molda comportamentos e atitudes necessárias para funcionar no adulto e transmitir saberes, hábitos e costumes, portanto o comportamento dos pais e familiares deve ser considerado na exposição, e predisposição e proteção ao consumo de álcool. A cultura e a comunidade influenciam significativamente nos seus membros, com padrões adotados pelo uso de substâncias aditivas e os rituais e costumes da comunidade, que álcool é usado como catalisador de sociabilidade, (Enhrenberg, 1995, citado por ADORNO, 2008).

“A companhia de amigos é um elemento a considerar na associação entre o uso de álcool e a sociedade”. Por outro lado, viver com familiares que consomem é um fator a considerar no uso de álcool. Algumas das estratégias de amenizar transtornos do consumo, e aliviar a ressaca, tomam caldo ou sopa com pouca quantidade de álcool, tomar muita água fresca para desintoxicar ou aumentar absorção-eliminação, tudo com intuito de diminuir os problemas decorrentes como forma de se prepararem para o trabalho (LEBLANC, 1991).

As condições socioeconômicas (as vivências e trajetórias de conflito armado) na vida dos sujeitos que eram submetidos, desde a infância, à fome; falta de vestuário, de recreação, de escolas, de habitação, de suporte familiar; a religiosidade, traumas não superados, sofrimentos e horrores, mostram-se favoráveis ao uso do álcool, expondo assim os fatores de risco e contribuindo para o desenvolvimento do processo de doença na maioria dos jovens, muitas delas preventivas ou mesmo controláveis com medidas de saneamento básico.

Os jovens são reféns das condições econômicas e sociais vivenciadas, e têm mínimas alternativas ao consumo, aliadas a poucas políticas públicas para reduzir o fenômeno, bem como o seu afastamento dos equipamentos públicos, escolas, centros de formação profissional e centros de saúde, e exiguidade de programas para retardar o consumo de álcool nos jovens.

Na perspectiva programas para reduzir o problema, não é possível qualquer rompimento com condições socioeconômicas, cabe aos jovens a preferir incorporar seu destino, pois não há ação coletiva que possa modificar isso, já que o Estado é detentor de um poder preponderante na vida do sujeito e possui “uma rede de atuação

que se engendra de tal maneira que é possível a alteração da situação com ações conjugadas; individuais, familiares e públicas” (DOS SANTOS, 2008, p.163). O poder público, principalmente os órgãos afins, deve propiciar a integração dos jovens em situação de precariedade em relação ao consumo de álcool. Contudo programas e projetos que desincentivem o consumo, e reduzem os danos aos jovens (como acesso a materiais para lavar carros, engraxar, microcréditos, casas sociais, escolas, centros de formação, documentos etc.) podem diminuir o consumo de álcool.

3.16.5. Vivências e uso de álcool, “elemento estigmatizante”

Os jovens em situação de precariedade e que consomem álcool apresentam atributos que os torna diferentes de outros, podendo ser incluídos numa categoria menos desejável, como jovens sem futuro, espoliados ou excluídos. Pois a sociedade classifica as pessoas pela aparência, e a cultura julga, diferencia e hierarquiza as formas física, psíquica e social de estar no mundo.

Somos acusados de tudo, ladrões, drogueiros, mais não somos nada disso!... Porque não há ninguém que nos defenda. Estamos aqui para ganharmos o nosso pão, por isso precisamos viver.

(Dadão)

Muitos dos nossos amigos são acusados de “vadios”... ficamos muito chateados, até são levados pela Polícia, mas são liberados e continuam, porque não têm para onde ir.

(Titinho)

As posturas sancionatórias apenas eliciam o estigma nos jovens desfavorecidos que, usam o álcool como substância tranquilizadora, energética ou sedativa. Devido aos problemas que vivem são sempre subalternizados, pois não há relação entre jovens em situação de extrema precariedade, consumo de álcool e desenvolvimento da criminalidade, embora, por preconceito estes jovens são criminosos. A estigmatização dos jovens em situação de precariedade, pelos seus modos de vida, vivências, desprezo da sua condição social, estando no mercado informal, encontra no consumo de álcool fatores que eliciam atos violentos ou criminosos, embora não exista relação causa-efeito.

De acordo com ZALUAR (1994), as propostas estigmatizantes (bêbado, sujo) apenas disseminam o preconceito contra os desfavorecidos e pelo uso de álcool neste grupo social. Porém estratégias desse tipo não têm diminuído o consumo, nem o

número de jovens nas ruas, ou o trabalho juvenil, mais sim a questão primordial que é a subsistência.

As rotulações e enquadramentos do indivíduo, numa dada condição, reforçam sua situação pela força do processo de estigmatização, mas também porque podem empurrá-lo para um contato mais assíduo com um grupo rejeitado enquanto desviante. O consumo de álcool, a situação de trabalho nas ruas e as constantes deambulações (o vai-e-vem) implicariam em reforçar os vínculos dos indivíduos com o problema do álcool e das drogas. A estigmatização dos jovens desfavorecidos permeia riscos e danos sociais em condições sub-humanas, estendendo-se a situações sociais que ingenuamente se reproduzem as relações de poder e nas redes dos jovens lavadores e estivadores, influenciando sua aderência ou não a políticas públicas vigentes, revelando pessoas que se situam no limiar da sobrevivência, e descontados dos recursos que os municípios oferecem em escola, saúde etc.

3.16.6. Uso de álcool pelos jovens e o facilitador de outras drogas

O uso de drogas pelos jovens, em situação de precariedade, é comum, como um elemento energético ou mesmo reforçador, devido ao intenso trabalho a que são submetidos, as horas de trabalho, exaustão, fadiga. Eles encontram nas drogas um elemento tranquilizador, atenuante, anestésico, e o uso pode desenvolver transtornos sociais, físicos e psicológicos, prejudicando assim a sua apresentação, as relações com o grupo, a clientela, as relações familiares, o prestígio e a educação dos filhos. O seu uso é reforçado pelos tabus de que é “natural” – como a liamba / maconha (cannabis) que não tem aditivos industriais –, como motivadores para aqueles que têm dificuldade de usarem outros recursos, para lidar com a precariedade e sofrimentos.

*A liamba⁽³¹⁾ é muito apetecido, não temos problemas, pois é natural e é planta da terra, permite-nos ter mais força no serviço, está barato um baseado de 50 a 100 kwanzas⁽³²⁾ (equivalente a R\$ 1,00 e a R\$ 2,00).
(Dicange, foi apontado por ter usado Cannabis.)*

Nesta perspectiva, o consumo de álcool e drogas assume uma função positiva na vivência intrapsíquica dos jovens em trabalho de rua, e integra-se à sua vida

31- Maconha-Cannabis.

32- Moeda angolana, 1,00 real equivale a 45 kuanzas (Kz).

como tela, capaz de transformar angústias em euforia, euforia em tranquilizante, e, desta forma, vendo o social como permeado pelo consumo de drogas, escudo protetor de “perigos e ameaças diante das insuportáveis tensões que permeiam o cotidiano” (OZELLA, Org. 2003,p.155). O consumo de drogas encontra-se inserido na perversa lógica de regulação social, que destina os jovens ao circuito de exclusão/inclusão no trabalho de rua, embora diurno, onde inevitavelmente têm álcool e drogas como companhia, e ligados às interações sociais, determinados pelo processo de alienação entre jovens-álcool e drogas-família.

Sim, existe história de uso da liamba (maconha) em alguns trabalhadores, pois os que fumam o fazem em combinação com cigarro normal, mais não é aqui é noutro local.

(Jovem Dadão)

Vimos muitos jovens a entrar nesta vida da liamba (maconha), eles dizem que é melhor que o cigarro normal, porque é natural, não leva aditivos industriais...

(Man Pek)

Na ganância de levar mais mercadorias e em estar mais tempo no exercício, depois do consumo excessivo, vem a fadiga, o sono (alguns dormem até ao relento), podendo estes fatores contribuírem na degradação da saúde dos jovens e favorecerem o estigma da exclusão social.

O risco dos jovens serem discriminados é maior nos que usam drogas como maconha, porque a situação de discriminação, estigma de drogado (liambado maconhado), ou um indivíduo que está sob efeito de uma substância alucinógena podem afastar a clientela, as amizades, aumentando a situação de extrema precariedade.

Os colegas olham com desprezo e discriminação o que têm quadro de consumo de drogas, por vezes tentam alertá-los para reduzir o consumo, mais os feitos da cessação ou redução não lhes permite chegar a abstinência total, levando a novas recaídas. A construção social dos jovens ressalta que o homem deve ser forte, por isso deve suportar no transporte de muita carga, mesmo fora das capacidades físicas e psíquicas, imitando amigos com o uso de catalisador no consumo drogas, recorrendo estratégia de embalar o baseado mesclado com tabaco, uso compartilhado em pares, bem como a inalação fora das casas e em locais de pouca circulação de pessoas.

Na cultura, as leis punitivas que descriminam o consumo de drogas relacionam-se com valores de conduta e práticas sociais, envolvendo sedução, violência, desvios de comportamentos, crimes, predispondo as drogas mais pesadas.

Para o PAIS (1999), o consumo de drogas surge “na maioria das vezes na juventude”, fase em que se encontram em desenvolvimento e definição da suas trajetórias escolar e pessoal, e que, pela plasticidade característica deste período, os predispõe para experimentar novos papéis e ideias, na procura de construção de um projeto de vida autônomo separado de figuras de referência (p.98). Devido à disponibilidade das drogas (o fácil acesso), cultivadas nos arredores dos bairros, sua venda a preços baixos os tornam vulneráveis ao consumo, imitando amigos e colegas de trabalho.

3.16.7. O consumo de álcool e seus conflitos

As situações conflituosas induzidas pelo álcool permitem explorar situações potencialmente perigosas, e esses temores são estímulos para reafirmar a solidariedade que afunda nos laços sociais da vida cotidiana (Labate & Goulart citado por DIAS, 2008).

Os estados de liminaridade a que os jovens são expostos, as condições de precariedade, aliados às companhias que levam aos desencaminhamentos, os amigos e colegas que constituem muitas vezes num sistema de predisposição e conflitos e junto ao consumo de álcool, podem ser precursores a desvios e comportamentos como, trabalho em redes de atividade, roubos, pertencer a grupinhos de 5 ou mais jovens, consumir drogas, agredir e ser agredido.

Há confusão entre nós, por causa das cervejas, há aqui muitos bêbados, que por vezes nos insultam, acusam-nos de ladrões...
(Bento K.)

Há poucos roubos por lavadores e confusão, pois devemos conservar o lugar onde ganhamos o pão. Os conflitos de territórios são frequentes entre lavadores e arrumadores de carro. Há discussões, insultos, agressões com garrafas de cerveja.
(Kiambi)

Quanto aos conflitos entre os jovens e dentro dos locais em que trabalham, as pesquisas indicam que o consumo de álcool facilita as confusões, juntamente com o uso de outras drogas. Os escândalos, discussões, agressões físicas são os mais comuns na idade em que corresponde a nossa pesquisa de 15-24 anos, de acordo com Cebrid, em levantamento domiciliar (CARLINI, 2002).

O uso de álcool foi observado nas ocorrências de atos de violência física e verbal entre lavadores e transportadores de mercadorias com transeuntes. Devido a ganância e ambição na divisão dos rendimentos e do espaço de trabalho, muito deles envolveram patrões ou os proprietários das mercadorias, porque, em alguns casos, a mercadoria transportada foi danificada, roubada, quebrada etc.

O consumo de álcool e drogas nos jovens desfavorecidos – em virtude das dificuldades sociais e financeiras, desde que nasceram, passando por campos de deslocados – faz com que eles busquem, no tráfego, a ilusão do dinheiro fácil, como tranquilizador. O estado alucinatório induzido pelo álcool é visto como condição favorável para violência psicológica, humilhação, desrespeito e uso de palavras obscenas.

Um importante debate diz respeito às estratégias de redução de danos, com implicações para o indivíduo e a coletividade, ambos envolvidos no consumo. Neste âmbito, trava-se a discussão sobre meios de redução de problemas e pressupõem-se a redução dos transtornos físicos, psíquicos e sociais, seja no âmbito coletivo ou individual.

3-16-8 Jovens em situação de precariedade e o consumo de álcool de fabricação tradicional

O álcool é fabricado a milhares de anos e está em todas as culturas e grupos sociais, e mesmo em situações de extrema pobreza é reverenciado. O álcool de cana-de-açúcar, milho, arroz, raízes de plantas, mel de abelhas, seivas de palmeira e bordão (palmar), em Angola, nas pequenas fabricas artesanais é forma de garantir o consumo e a sobrevivência das pessoas que o fabricam, pois constitui fontes de rendimentos e sustento familiar.

As bebidas tradicionais eram consumidas como energéticos em muitas comunidades. O consumo pode ser feito em copos ou litros, antes do trabalho ou durante as atividades, principalmente as bebidas produzidas pela fermentação de milho, massambala⁽³³⁾, mel, cana-de-açúcar. Devido ao baixo teor alcoólico destas requer que se beba em grandes quantidades, permitindo maior satisfação, tolerância e pouca atividade psicoativa. Atualmente, em virtude das constantes contrafações, o consumo de bebidas

33- Planta da família poaceae, herbáceo, graminele, epíteto angolense, do tipo Sorgho, os grãos são usados para fabricação de farinhas, rações de animais e para fermentação de bebidas alcoólicas.

tradicionais estão a ser desacreditado, alguns preferem ir até as fazendas onde são fabricadas, selecionando-as para reduzir o contrabando, embora haja relatos de mortes de pessoas que ingeriram substâncias impróprias para o consumo.

Em relação às bebidas espirituosas, como caporoto⁽³⁴⁾ (cachaça), quanto maior a porcentagem de álcool, melhor para o consumidor, havendo até formas de avaliação através do chamejamento (prática de lançar fogo ao álcool). A capacidade de provocar chama diz qual é a “melhor bebida”, podendo ser aconselhado pelo companheiro ou pares, no uso de bebidas alcoólicas que aumentem a força no trabalho, diminuindo estresses, preguiça, fadiga, contribuindo com assim suscetibilidade a doenças, como é visto nas classes econômicas médias. O “estigma do uso de bebidas tradicionais no centro urbano e periurbano é conotado para pessoas em situação de precariedade, mas muitos dos consumidores opinam que são provocadores de doenças e transtornos” (CEITA,2009) ao contrario das industrializadas. O fator natural de bebidas alcoólicas provenientes das palmeiras, como o maruvo (à base da seiva de palmar de dendê) matombe (da seiva de palmar), estas talvez devido a pouca porcentagem de álcool, são muito consumidas, sendo até aconselhadas por muitos bebedores, por serem naturais, energéticas, e beber grande quantidades permitir trabalhar, causando pouco efeito psicoativo.

Nas sociedades tradicionais, o álcool está presente em rituais e festividades; os significados simbólicos associados ao consumo como elemento de facilitação da sociabilidade entre as pessoas e os espíritos das famílias, induz a um estado alterado de consciência que facilita a comunicação com seres sobrenaturais. Nestes rituais a aguardente (cachaça) é a bebida de eleição, talvez devido ao seu alto teor alcoólico, permitindo rápido acesso aos espíritos sobrenaturais.

Nos rituais de cura, circuncisão masculina, rituais de passagem, tratamentos e adivinhação, o uso de bebidas alcoólicas, como ato de intermediação, doação e interligação aos ancestrais, entornar todos os tipos de bebidas no chão como forma de dar, participar e conviver com os ancestrais, compartilhar as bebidas com doentes como forma de expurgar as doenças e colaborar no tratamento. Mesmo para doentes em processos de cura são oferecidas bebidas alcoólicas simples ou compostas com plantas medicinais, mediadas por um curandeiro e sob observação atenta de crianças, jovens, mulheres e adultos. Nas festas e rituais de passagem para adultos, heterogêneo de

34- Aguardente feita artesanalmente, por destilação, com base cana-de-açúcar, fermento, milho etc. É comercializado em barracas, muito consumido pelas populações desfavorecidas e fontes de rendimentos destas.

acordo com etnias, o álcool, sob várias formas, é oferecido, como maneira de garantir a filogênese, preservar a cultura, a sexualidade e a reprodução, para que as pessoas tenham sorte de encontrar um(a) bom(boa) companheiro (a), e que nos casamentos sejam muito felizes, tenham muitas terras e muitos filhos.

Por outro lado, há o reconhecimento de que beber em excesso pode trazer consequências, como desunião e brigas nas famílias e entre amigos, fazer esquecer a sua cultura, transgredir as normas étnicas, bem como a falta de respeito às crianças, às mulheres e aos adultos. Muitos entendem que beber implica satisfação, como se fosse comida, por vezes os rituais são realizados em jejum, implicando maior consumo, o excesso de álcool é imoral, o que é aconselhável diminuir o consumo até que o alimento chegue. Há muitos fatores que elevam o consumo mesmo nas zonas rurais: o uso cada vez maior das bebidas industrializadas, adquiridas nas cidades, são maiores nos finais de semanas, nas festas, nas assembléias políticas e nas festas religiosas.

Com os desequilíbrios físico, social e simbólico, ou o comportamento indesejável que prejudica as relações sociais – quando ultrapassa os limites socialmente aceitos do consumo, mesmo com avanços das ciências –, começamos a entender a relação entre as bebidas alcoólicas e as doenças, nas comunidades rurais e suburbanas. Os fatores e transtornos são mencionados no avanço do evangelismo nas comunidades rurais, de que a abstinência ao álcool reduz as consequências nas famílias e promove o bem-estar social, reduzindo as doenças e os conflitos nos grupos.

Quando não tenho dinheiro, procuro as barracas de kimbombo (bebida fermentada á base de milho, fermento de pão e açúcar), tomo um litro.

(Dicange)

Aprendi a fabricar cachaça com o meu avô, era nossa fonte de rendimentos. Comecei a provar quando era criança, e com a morte do meu avô passei controlar e aluguel da fábrica, agora também participo, e consigo até analisar o bom e mau.

(Lua-Lua.)

O consumo de álcool, como afirma NOTO (2004, p.46), “está inserido na cultura” e em Angola não exceção. Esse comportamento, conta o autor, de fato, com ampla aceitação social, é valorizado em vários aspetos culturais. Para grande parte dos jovens angolanos, o início do consumo de bebidas alcoólicas pode ocorrer ainda na infância, no ambiente familiar, como um comportamento social e natural.

Os vendedores, revendedores e fabricantes de bebidas tradicionais têm maior probabilidade de acesso. Os residentes em zonas tropicais consomem mais as

bebidas geladas, como a cerveja, enquanto que durante os 3 meses do inverno (cacimbo) angolana, são consumidas mais bebidas espirituosas como whisky e aguardentes, com intuito de aquecer o corpo, permitindo maior rentabilidade nas atividades.

A existência de cantinas, barracos e fábricas artesanais familiares, nas quais as crianças convivem e ajudam os adultos nos trabalhos, predispõe-nas ao consumo precoce, e, reforçado pela aquisição de dinheiro, emerge estes jovens no ambiente de trabalho infanto-juvenil, causando os transtornos provocados pelo consumo do álcool.

*Todos os dias quando vêm as meninas vendedoras de maruvo
(seiva de palmeira de dendê,) compro, e, como é natural, fico
com um litro e vou chupando copo a copo, é muito bom.
(Titinho)*

Os jovens em situação de precariedade consomem bebidas alcoólicas de fabricação artesanal, não só devido ao custo muito baixo, mas também a herança cultural de que seus pais as consumiam sem problemas, aliados a contemporaneidade de que aquilo que é natural faz muito bem à saúde, pois não tem aditivos industriais. No entanto, as falsificação no processo de transportação, adicionando qualquer solvente, soluto – como tem acontecido com açúcar, água, farinha de trigo etc. –, diminui a qualidade das bebidas, aumentando a situação de precariedade das populações rurais que encontram na fabricação e revenda de bebidas tradicionais uma fonte de rendimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As guerras implicam uma grande degradação do nível socioeconômico das populações, dilacerando-as no aspecto bio-psicossocial, com consequências que perduram por longos períodos. A lenta reabilitação física e mental deixa imensas cicatrizes causadas pelo sofrimento do conflito armado.

A guerra civil é um marco referencial, considerado como “ponto de inflexão”; são momentos marcantes na vida das pessoas, pois causam migrações, mortes, separação de familiares, horrores, humilhações políticas etc. Tudo muda de rumo, e os indivíduos mais afetados acabam por ficar à mercê de outras pessoas e das instituições, vivendo como mendigos e desprovidos de tudo, incluindo a terra. Esta mudança de vida é resgatada para amenizar sofrimentos, recorrendo às estratégias de sobrevivência do eu e da família.

Desvelamos as vivências e trajetórias dos jovens no pós-guerra, como coabitavam em campos de deslocados, refugiados, interações culturais, superlotação e por outra os campos convertidos em bairros, mais permanece o nome (tendas), o que significa desprovidos de casas e (e)migrantes, ou seja, é importante considerar as estratégias de amenizar sofrimentos do pós-deslocados, as redes e sociabilidades que estabelecem, significados do consumo de álcool, por merecem destaque dos relatos e observações nos jovens onde permanecem nas ruas, com recurso ao trabalho de ruas.

Além de redes de atividade, há outra corrente, TURNER (1974, p.119), “o espaço de liminaridade” (um local que não se conhecem códigos), o trabalho informal na rua possibilita, além da sensação de bem estar e de ser capaz de fazer qualquer coisa, o sentimento de exclusão a que estão submetidos, que já incorporam e se igualam a outros liminares, pois só se pode ficar ali se for igual, formando redes de grupos de atividades como lavadores e arrumadores de carros, estivadores e transportadores de mercadorias, criando uma abertura para a sobrevivência.

Os jovens entrevistados apontaram que têm muitas dificuldades no acesso a bens públicos, como escolas, documentação, centros de formação profissional e emprego formal, e vivem com familiares nos arredores da cidade (musseques) sem infraestruturas básicas.

Por meio de relatos, o trabalho nas ruas nos períodos diurnos são lugares de construção de identidade e subjetividade, da individualidade, na interação de esforços

fraquezas, sem horários estabelecidos, em condições impróprias para a saúde dos jovens e como elemento favorecedor ao uso de álcool.

No decorrer das atividades, consideradas como “trabalho”, os jovens se organizam em redes de amigos ou parentes, podendo se refugiar, conforme aponta PAIS (2006, p.275), “em grupos de referência”, dividindo os espaços (as ruas, os alimentos, os lazeres, os sofrimentos), podendo até se unir a esforços para valorizar os seus interesses, quando na ocupação de espaços por outros economicamente favorecidos. As condições são favoráveis, desse tipo de ambiente, para o uso de álcool, referendo-se basicamente ao sofrimento para enfrentar o mundo sem suporte familiar (viver com amigos e colegas, longe das famílias ou desconhecer o seu paradeiro e existência levando a situações de angústia, estresses, penúria, estigma, migração, trabalho penoso). Reforçados pelas condições em que são realizadas tais atividades, o companheirismo, os desentendimentos entre colegas, o trabalho pesado, os jovens laçam a mão no primeiro energético e tranquilizador que aparece, o álcool.

Os jovens em trajetos urbanos delimitam redes de atividade ocupados por 5 a 10 indivíduos com ou sem laços de consanguinidade. Por semelhanças ao grupo, compartilham nas atividades diárias, como forma de valorização do eu e do coletivo. O fato de estar no espaço, conviver, alimentar-se, consumir de álcool, habitando nos mesmos bairros e casas, vivendo a interconectividade do grupo como aspecto elementar.

As jovens também ocupam o seu lugar no sustento das famílias, recorrem a estratégias ancestrais de venda de mercadorias de casa em casa ou bairro em bairro, com cargas sobre a cabeça e, na maioria das vezes, carregando um filho nas costas, com intuito de manter a sobrevivência da família.

Os jovens afirmaram que, depois das atividades laborais, os grupos nos tempos livres vão aos centros recreativos, barracas, onde associam dinheiro para o ato de beber (de preferência cervejas, vinhos e bebidas tradicionais) para satisfazer os prazeres do álcool, que elicia para a sedução e os predispõe a vários parceiros sexuais, expondo-os a doenças sexualmente transmitidas e também ao consumo de drogas, podendo provocar e ou sofrer atos violentos.

Embora a discriminação em relação aos jovens que consomem álcool tenha-se mostrando muito frequente nos trabalhadores de rua, é importante nos conscientizarmos quanto ao fenômeno de consumo que é um problema mundial, sendo abordado na vertente do consumo do álcool com consequências biopsicossociais na população.

A maioria dos jovens entrevistados disseram que todos sempre viveram com as famílias alargadas, como avôs, tios, cunhados, sobrinhos, amigos. Poucos tinham vivido com os pais ou um dos progenitores, o que demonstra a desestruturação das redes familiares, provocada pela guerra, separação, abandono, violência doméstica, uso de álcool. Pela não coabitação com os progenitores, os jovens encontram no trabalho infanto-juvenil precoce uma forma de sustento e sobrevivência.

Os sofrimentos psicossociais generalizados, como humilhação psicológica e social, estiveram presentes na maioria dos entrevistados, utilizando os recursos de atividades, como lavar e arrumar carros, estivar e transportar mercadorias, suportando condições desfavoráveis do trabalho precário nas ruas, que podem trazer consequências como acidentes de trânsito, roubos, extorsão, aumentando assim mais a situação de precariedade, muito deles têm responsabilidade familiar, com irmãos, sobrinhos ou filhos para sustentar.

Como vulnerabilidade, além do reforço dos grupos, destaca-se o aspecto de beber como privilégio do homem e uma de suas formas de diversão, bem como a maneira de estabelecer ou manter interações sociais com amigos e outros, devendo-se ainda destacar a liberdade, experiência, virilidade, bravura pelo mero fato de serem jovens.

Quanto a uso de drogas nos nossos entrevistados, a minoria relatou ter experiência ou visto alguém que fizesse o uso, com intuito de aumentar a força, a bravura nas atividades, permanecendo por muito tempo relaxado e tranquilizado sob efeito de sono, vagueando ao relento degradando ainda mais a sua precariedade. Constatamos que os jovens na fase do consumo de álcool e nos momentos posteriores a relação de encantamento, deve-se ao fato da substância auxiliá-los na convivência social, perseguição do sucesso, no destaque e outras referências que lhes conferem valorização e status de competência no trabalho, pois o álcool e a maconha (liamba) aumentam as energias, aliviando assim os fracassos e as tensões decorrentes no enfrentamento de situações.

A interação entre jovens e festas para beber se estabelece como prática cultural, na qual o consumo de álcool se insere com um elemento facilitador da interação nesses espaços, nos quais buscam reconhecimento social. É assim que compartilham espaços com outros, nos circuitos de interação social para estabelecer os sentidos e significados associados ao consumo e se relacionam com experiência grupal outorgada pela família e pelos pares, reforçado ainda pelos meios de comunicação.

Para amenizar sofrimentos que emergem das condições socioeconômicas, os jovens elaboram estratégias individuais e coletivas de defesa, como atividades de diversão, jogos, brincadeiras, encontros comemorativos, reuniões em lanchonetes nos fins de trabalho e semanas. Inclusive com o recurso das bebidas alcoólicas, essas estratégias defensivas não conseguem diluir o volume das tensões acumuladas do cotidiano do trabalho, mais sim amenizar sofrimentos.

Os conflitos armados que dilaceraram o tecido social, com graves transtornos na vida dos jovens – pois os que vivenciaram os conflitos e ainda sofrem no período pós-guerra –, reduzidos programas de reinserção social, localização familiar, agravando a desestruturação da família, reforçando os jovens a permanecerem com amigos, pares, estando predisponentes a riscos, como consumo de álcool e drogas, violência e vivendo em condições precárias.

Os jovens merecem toda a atenção por parte das instituições públicas e privadas que são agentes transformadores. Noutra hora, os jovens faziam parte dos exércitos beligerantes, hoje jazem nas ruas à procura de qualquer oportunidade para sustento dos familiares, na valorização e dignidade social.

A estabilidade política nos países pobres, em particular nos países africanos, como reforço para políticas públicas, deve abranger as crianças e os jovens em situação de precariedade, oferecendo mais oportunidades em termos de bens públicos, diminuindo assim a exclusão e a humilhação social, vivendo à margem das autoridades e dos equipamentos sociais.

As práticas de trabalho para sobrevivência e a linearidade das trajetórias de vida permeiam ruptura; carregar mercadorias, estivador, lavar carros e outras atividades remuneratórias diárias formam assim as redes de rua nas horas diurnas como formas de estarem a trabalhar. Exercendo liberdade do trabalho, sentem-se valorizados socialmente e importantes, pois a rotina da atividade é caracterizada como um emprego formal, de forma privativa e individualizada. Para fazer face às necessidades básicas e sociais, os jovens encontram nestas atividades uma forma de ocupação e dignificação, mais sem previdência social.

Há que se intensificar as estratégias das políticas públicas mais abrangentes e extensivas a todas as comunidades, e que garantam o acesso aos serviços, como educação e serviços de alfabetização, artes e ofícios fundamentais para o país. No que tange à educação, ensino e instrução de crianças, jovens e adultos, há redução maior do número de alunos fora do sistema educação, e aumento dos centros de formação

profissional em todas as localidades, visando reduzir os jovens sem profissionalização. Contudo, depois da educação devem ocorrer melhorias nos serviços de saúde, em termos de instituições de saúde, profissionais e medicamentos, visando aumentar o acesso a estes serviços de forma humanizada, reduzindo a mortalidade em toda população, principalmente a infantil, materna e juvenil. É importante também garantir acesso à cultura, recreação e lazer em todas as localidades, com espaços de ressocialização e aprendizagens, para aumentar a interconectividade, amenizar sofrimentos, adquirindo assim novos hábitos e valores.

É imprescindível reconhecer as diferenças que existem nos jovens, quanto às atividades e os espaços que exercem, os locais de moradias, as vivências e trajetórias, a escolaridade, as atividades de lazer, os meios de superar a resiliência das perdas e dos sofrimentos e suas formas de integração social, e, assim, vão construindo suas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEMERICAN PSYCHITRIC ASSOCIATIN. *Diagnostic and statistical Manual of mental disorders DSM-IV*. 4a. ed. Washington, DC; APA, 1994.
- ADAM, P. e HERLZEICH, C. *Sociologia da doença e da medicina*. Bauru, São Paulo, Edusp; 2001.
- ADLER, K. *I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*. São Paulo,Unifesp, 1981.
- ADORNO, R. “Uso de álcool e drogas e contextos sociais da violência”, in *Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas*. Ribeirão Preto, v4, n.1,p.2008, p. 2-6, 2008. Disponível em [hptt//www2.eerp.usp.br/resmad/artigos.asp](http://www2.eerp.usp.br/resmad/artigos.asp). Acesso em 7 de outubro 2008.
- ADORNO, R.C.F. *Uso do olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade*. Associação de Apoio ao Programa de Capacitação Solidária (AAPCS). São Paulo; 2001.
- ADORNO, R.C.F. e ALVARENGA, A.T., VASCONCELLOS, M.P. *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp); Edusp, 2005.
- ALICERCES I, M.G. *Alcoolismo, suas causas e consequências psicossociais nas famílias luandenses (Bairro Operário)*. 1999. 87 p. Monografia (Licenciatura em Ciências da Educação – opção: Psicologia). Instituto Superior de Ciências da Educação, Universidade Agostinho Neto, Luanda.
- ANGOLA. Arquivo do Ministério da Saúde, Governo de Angola, 2000.
- _____. Arquivo do Ministério das Relações Exteriores, Governo de Angola, 2002.
- _____. Secretaria Estado da Cultura, Governo de Angola, 2002.
- _____. Lei n. 21-B, 20 de agosto de 1992. Lei de base do Sistema Nacional de Saúde de Angola, Diário da República, Luanda, 20 de setembro 1992, III. Séries n. 42.p.4.
- _____. Ministério da Juventude e Desportos, Programas para os Jovens. 2008-2012, Luanda, 2008, disponível em <http://www.minjud.gv.ao/projectoseplanos/projectos.htm>. Acesso em 12 de julho de 2009.
- _____. Ministério da Saúde, Causas de Mortalidade, Gabinete de Plano e Estatística, Luanda, 2004.
- _____. Ministério da Saúde, Estatísticas de Doenças, Gabinete de Plano e Estatística, Luanda, 2008.

_____. Ministério do Plano, Angola, Cadernos e Desenvolvimento, Luanda; 2003, ano IV, vol.8 n.2, Jul.

AZEVEDO, M.A.P. *Maternidade e transmissão cultural: o que os guaranis, residentes na periferia da capital paulista, têm a dizer*. 2004. 102 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BIXBY et col. *Poplacion del istmo 2000; família, migração, violência y médio ambiente, centro americano de población de la universidad de Costa Rica*, São José, Costa Rica, 388p.

BRANT, D. et col. *A família contemporânea em debate*. São Paulo 3ª edição, editora Cortez, 2000.

BRITO, M.M.M. *Abordagem e a clínica no atendimento aos moradores de rua portadores de sofrimento psíquico; psicologia ciência e profissão*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, p.321- 5,mar, 2006.

CAMPOS, E.A. “As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos”. *Cad. Saúde Pública*, 20(5): 1.379-1.387, 2004 .

_____. “O alcoolismo é uma doença contagiosa. Representação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos”. *Ciência e saúde coletiva*, 10 sup 267-278, 2005

CARLINI, et col. *O levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*, São Paulo, Escola Paulista de Medicina, Unifesp, 2001.

CEITA, A. “Consumo de álcool aumenta em Luanda”, *Jornal de Angola*, Luanda, 30 jun 2009, sec. sociedade, p.2. Disponível <http://www.jornaldeangola.sapo.ao>. Acesso em 1º de julho 2009.

CHAVES, M. *Casal ventosa da gandaia ao narcotráfico, estudos e investigações*, ics, Ambar Lisboa, 1999.

CUENCA, et col. *Guia de apresentação de teses*, 2.ed Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Artmed, Porto Alegre, 2000.

DALMOLIM, M.B. *Esperança equilibrista: cartografia de sujeitos que vivenciam o sofrimento psíquico em uma comunidade urbana*, 2006, 234 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DÉA, H.R.F.D. *Inserção do psicólogo no trabalho de prevenção ao abuso de álcool e drogas, Psicologia: ciência e profissão*. Brasília, v.24, n.1, p.3-7, mar. 2004 .

- DIMEFF, A. et col. *Alcoolismo entre estudantes universitários, uma abordagem de redução de danos*. Editora Unesp, São Paulo, 2002.
- DUARTE, L.F.D. e LEAL, O. (Org.). *Doença, sofrimento e perturbações: perspectivas etnográficas*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- FAINZANG, S. *Curar-se do álcool, antropologia de uma luta contra o alcoolismo*, Rio de Janeiro, Intertexto, 2007.
- FARIAS, M.H.L. *Trabalho e sofrimento vivências de trabalhadores usuários de álcool e outras drogas na CPTM-SP*, 2004, 286 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FASSIN, D. “Politique des corps et gouvernement des Villes; production locale de santé publique”. In FASSIN, (org) *Les figures urbaines de la santé publique*. Paris: la découverte, 1998, p.7-46
- FAUMAN, A.M. *Guia de estudo para DSM IV TR*. Climepsi, Lisboa, 2002.
- FLORENCIO, F. *Cristian Geffran e antropologia de la cause des armes au Mozambique*, etnográfica, vol. VI, (2) 2002 pp347-364.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA. *Relatório anual*, Luanda, 2008, Unicef. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguesafrica>. Acesso em 20 de agosto de 2009.
- GALLDUROZ, et col. *Levantamento sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua de seis capitais brasileiras*. Unifesp, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1997.
- GALVANESE, G.D.M. *Atividade física, tabagismo e consumo de álcool em adolescentes da grande São Paulo*. 2007, 187 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GEERTZ, C. *Interpretação da cultura*. Zahar, Rio de Janeiro, 1978
- GLUCKMAN, M. *Analysis of a social situation in modern Zululand*. Manchester, Manchester University Press, 1958 (1940).
- _____. *Custom and Conflict in South Africa*. Oxford, Basil Blackwell, 1956.
- GUIMARÃES, L.A.M., GRUBITS, S. *Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira*. Porto Alegre, Psicologia e Sociedade, v.19n.1, p.2-9, jan-abr/2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 27 de junho de 2008.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de Campo. In: Guimarães, A.Z. e col. *Desvendando máscaras sociais*, F. Alves editora, 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1990.

- GUITART, F. et col. *Les jeunes em Afrique evolution et role*. (XIX^e XX^e siècles) v.1, tomoI, L'Harmattan, Paris, 1992.
- HAGUETTE, T. *Metodologia qualitativa na sociologia*. Vozes, Petrópolis, 1987.
- HONWANA, A. *Negotiating postwar identities: child soldiers in Mozambique and Angola*, in George Bond / Nigel Gibson(Ed) *cotested terrains and constructed terrains and constructed categories*, West view press, Colorado, 2002. Disponível em http://www.afro.who.int/country_offices_press/portuguese/2002/pr20020607.html http://www.who.int/substance_abuse/activities/msbdiscport.pdf. Acesso em 21 de abril 2009
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA (INE). *Resultados de inquéritos aos agregados familiares*. Luanda. 2004. v.3 (sobre despesas e receitas [IDR] e sobre indicadores múltiplos).
- JUVÊNCIO, J.F. *Abordagem ergonômica e aptidão física de trabalhadores do setor informal, estudos de multicasos dos fabricantes de pranchas de surfe*. 2002, 187p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.
- KIMMEL, B. *La produccion teorica sobre masculinidad, nuevas aportes*. EUA: Meridian Book, 1992.
- LARANJEIRA, R. et Col. *Conhecer e enfrentar o alcoolismo*. Editora contexto, São Paulo, 2001;7ª ed.
- LOUZOUN, C. “Savoirs de la souffrance sociale, praticien de la souffrance psychique”. In: JOUBERTE, M et LOUZOUN, C. *Resondre à la souffrance sociale: la psychiatrie ET l' action sociale em cause*. Paris: edition Erés, 2005.
- MAGNANI, J.G. e TORRES, L.L. *Na metrópole, textos de antropologia urbana*, Edusp, São Paulo. 1996.
- MAGNANI, J.G.C. “De perto e de dentro, notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17 n.49,p.14-26, junho,2002
- MALFITANO, A.P.S. *Tessitura da rede, entre pontos e espaços. Políticas e programas sociais de atenção à juventude em situação de rua em Campinas*, 2008, 350p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MALINOWSKI, B. *Boloma: los esperitos de los muertos em lãs islãs trobriand, in magia, ciência e religion*. Raiel, Barcelona, 1974

MARCRAE, E. e VIDAL, S.S. “A resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas”. Baía, *Revista de Antropologia*, v.49, n.2, p.2-11, Jul/dec,2006

MENDOZA, A.Z. *O uso de álcool na adolescência, uma expressão de masculinidade*, 2004,156p. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MINAYO, M.C. *Análise qualitativa e desafios para a saúde*. Universidade FioCruz, Rio de Janeiro,1989.

MINAYO, M.C.S., et al. *A Complexidade das relações entre drogas, álcool e violência*, Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.14,n.1,p.3-7, jan/mar, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 27 de junho de 2008.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E MINISTÉRIO DA CULTURA. Também foram publicados no Jornal de Angola, datados em 11 de novembro de 1991 (*Edição Especial comemorativa da Independência Nacional*) sob o título “Balanço e Perspectivas na área de Assuntos Sociais”.

NEVES, V.F.A. *Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados*. Horizontes de antropologia.v.10 n.21, Porto Alegre, Jan/jun 2006.Disponível www.sicelo.br/scielo.php?pid=so104-7 acesso 12 de 7 de 2008

NOTO, A. et col. *Violência domiciliar associada ao consumo de álcool e outras drogas: um levantamento no estado de São Paulo*. Dependência Química, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, R.C. *Trabalho do antropólogo*. Unesp - Paralelo 15, São Paulo, 1998, 2ª ed..

OLIVEIRA, S. *Introdução à sociologia*. Ática, 18ed, São Paulo, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório*. Genebra. Disponível em acesso aos 3 de março de 2008.

http://www.afro.who.int/rc57/documents/po/AFR_RC57_14_USO_PREJUDICIAL_DE_ALCOOL.pdf. Acesso 7 de julho de 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-ÁFRICA. *Relatório*. Brazzaville. Disponível em <http://www.who.int/afro/rel>. Acesso em 7 de julho de 2009 e em 10 de agosto 2008.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE. *Guia internacional para vigiar el consumo de álcool e sus consecuencias sanitárias*.Washington, DC, 2000.

- ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD. *Estratégias para reducir el uso nocivo Del álcool*. Ginebra, p.1-6, enero.2008.
- OZELLA, S. Org. et col. *Adolescências construídas - Psicologia sócio e histórica*. Cortez, 2003, São Paulo.
- PAIN, R.S. *Desafios da participação social em um país em conflito agudo*. Estudo a partir da ONG angolana Ação para Desenvolvimento Rural e Ambiental (ADRA) 328p, 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento da Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
- PAIS, J.M. *Traços e riscos de vida, uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Ambar, Lisboa, 1999
- _____. *Coleção enciclopédia moderna de sociologia*. Ambar, Lisboa, 2001.
- _____. *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto, Ambar, 2005.
- _____. *Vida cotidiana, enigma e revelações*. Cortez. São Paulo, 2001
- _____. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto, Ambar, 2006
- PALUDO, S.S. e KOLLER, S.H.. *Toda criança tem família: criança em situação de rua também*. Psicologia e Sociologia. 2008, vol.20, n.1, pp. 42-52. ISSN 0102-7182. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a05v20n1.pdf>. Acesso em 13 de março de 2009.
- PAULO, J. *Abordagem da transmissão de HIV/SIDA em profissionais do sexo em Luanda-Angola-África: um desafio chamado Angola*. 132p,2004, Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Campinas.
- PERALVA, A. "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, (1997). Anped, no 5/6.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDA PARA DESENVOLVIMENTO. *Relatório de desenvolvimento humano sobre Angola*. Luanda, 2004.
- REHFELD, K.H.G. *Álcool e trabalho: prevenção e administração do álcool na empresa*. Edusp, São Paulo,1989.
- SANT'ANNA, S.N. *Significado do consumo e uso nocivo de álcool e de outras drogas pelos alunos de graduação da PUC-SP, Campus Monte Alegre, 2005-2007, uma questão acadêmica desafiadora*. 2008, 235 p. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- SCHHUKIT, M. *Abuso de álcool e drogas, uma orientação clínica ao diagnóstico e tratamento*. Artes médicas, São Paulo, 1991.

- SCIVOLETO, S. *Tratamento psiquiátrico ambulatorial de adolescentes usuários de drogas: características sociodemográficas na população do consumo de substâncias psicoativas e fatores preditivos, aderência e evolução no tratamento*. 1997, São Paulo. Tese (Doutorado em Medicina). Universidade de São Paulo.
- SILVA, C.S. *Solta a voz, saúde e risco em escolares*. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde, Rio de Janeiro, 2002.
- SOARES, C.B. *Adolescentes, drogas e aids, avaliando a prevenção e levantando necessidades*. 1997, 287p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- STRAUS, A. e JULIET, C. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para desenvolvimento da teoria fundamentada*. Artmed e Bookman, Porto Alegre, 2008.
- TATI, J.T. *Terapias aplicadas nos alcoolistas, caso Remar, em Luanda*. 2005. 87 p. Monografia (Licenciatura em Ciências da Educação, opção: Psicologia). Instituto Superior de Ciências da Educação, Universidade Agostinho Neto, Luanda.
- TAVARES DE LIMA, F.F. *Prevenção ao uso de drogas, modelos utilizados em educação, suas relações e possibilidades quanto a atitude preventiva*. 2003, 115 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- TURNER, V.W. *O processo Ritual: a estrutura e a antiestrutura*. Castro, Petrópolis: Vozes; 1974.
- UCHÔA, E VIDAL, J.M. "Medical antropology: conceptual and methoological elements for an approach to health and disease". *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 10 40;497-504, Oct-Dec 1994.
- VAISSMAN, M. *Alcoolismo no trabalho*. Garmond, Rio de Janeiro, 2004.
- VARANDA, W. *Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua*. 2009, 200p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VELHO, G. *Subjectividade e sociedade: uma expressão de geração*. Zahar, Rio de Janeiro, 1989.
- VELHO, G. *Projeto e Metamorfose, antropologia das sociedades complexas*. Zahar. Rio de janeiro, 3ª Ed., 1994
- World Health Organization. *Estrategia mundial de salud para todos en el año 2000*. WHO. Genebra,v.5 n. agos.1981. Disponível em [http/ www.who.int/alc/rep](http://www.who.int/alc/rep) . Acesso em 16 agosto de 2008.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. Record. Rio de Janeiro, Brasil: 11^a edição, 2000.

ZALAF, M.R.R. *Uso problemático de álcool e de outras drogas em moradia de estudantes: conhecer para entender*. 2007, 126p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Coletiva). Escola de Enfermagem, Universidade São Paulo, São Paulo.

ANEXOS

ANEXO I

Termo de consentimento livre e esclarecido

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Restos de Guerra: trajetórias e modos de vida dos jovens no município de Cacuaco”. O objetivo deste estudo foi de compreender as trajetórias, modos de vidas, desvelar sofrimentos dos jovens em situação desfavorecida pós-conflito e os significados atribuídos ao consumo de álcool, na faixa etária de 15 a 24 anos, em ambos os sexos, a fim de possibilitar a compreensão de suas implicações nas trajetórias, nos comportamentos e as vivências.

Portanto, gostaríamos de convidar o Jovem, em questão, para participar desta pesquisa.

Salientamos que sua participação é voluntária e cada um poderá, a qualquer momento, deixar de contribuir com o estudo sem qualquer prejuízo. Garantimos que as informações obtidas serão analisadas em conjunto, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa, e os resultados poderão ser veiculados por meio de artigos científicos, revistas especializadas e/ou em encontros científicos ou congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Procurar, para maiores esclarecimentos ou em caso de dúvidas, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública, da Universidade São Paulo, no telefone: 0055-11-3061-7779, ou Avenida Doutor Arnaldo, 715 (Cerqueira César), São Paulo- SP.

Tendo sido informado sobre a pesquisa, eu _____, telefone _____, aceito participar, por livre e espontânea vontade, desta pesquisa.

São Paulo, _____ de 2009.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador : _____

Psicólogo e Mestrando da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo,
Fones: 11-7230-6263/91233-8732 (Angola); e-mail: tiburciotati@usp.br

ANEXO II

Termo de compromisso do pesquisador

O projeto de pesquisa intitulado “Restos de Guerra: trajetória e modos de vida dos jovens no município de Cacuo” é de responsabilidade do pesquisador João Tibúrcio Tati, e visa coletar informações de jovens entre 15 a 24 anos, no município do Cacuo;

O objetivo deste estudo foi de compreender as trajetórias de vida dos jovens em situação desfavorecida pós-conflito e os significados atribuídos ao consumo de álcool, na faixa etária acima mencionada, em ambos os sexos, a fim de possibilitar a compreensão de suas implicações nas trajetórias, sofrimentos e as vivências dos jovens.

Desta forma, como pesquisador comprometo-me, em caráter irrevogável e prazo indeterminado, em manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação dos informantes da pesquisa, e declaro as informações, relativas ao objeto do estudo acima citado, serão coletadas apenas para realização do projeto de pesquisa.

São Paulo, _____ de 2009.

João Tibúrcio Tati

Psicólogo e Mestrando da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São

Paulo, Fones: 11-7230-6263/91233-8732 (Angola)

e-mail: tiburciotati@usp.br

ANEXO III

Solicitação para a realização do estudo

À Administração Municipal do Cacuaco (Luanda) República de Angola

Venho através desta solicitar uma parceria com este órgão para a finalidade de realizar parte de minha pesquisa de campo componente de projeto de mestrado em desenvolvimento.

Atuo como psicólogo no Hospital Américo Boa-vida, em Luanda, no qual tenho desenvolvido trabalhos com jovens, e por ter vivenciado a guerra que recentemente terminou, presenciei muitos jovens em situação de precariedade, sobrevivendo no mercado informal.

Atualmente, desenvolvo um projeto de mestrado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, na República Federativa do Brasil, sob orientação do Professor Doutor Rubens C.F. Adorno, e no qual esta pesquisa irá dedicar-se a trabalhar trajetórias e vivências no pós-conflito armado, bem como o consumo de álcool pelos jovens.

Pretendo realizar a pesquisa, entrevistas e observações dos participantes em um período aproximado de 3 meses, nos quais objetivei duas etapas. A primeira se realizará com os jovens em atividade informal que labutam nestes locais, e a segunda dedicar-se-á a conhecer a visão dos jovens através das entrevistas.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento, que se façam necessário.

Grato de poder contar com esta parceria, subescrevo-me,

João Tibúrcio Tati

Psicólogo e Mestrando da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, Fones: 11-7230-6263/91233-8732 (Angola)

e-mail: tiburciotati@usp.br

ANEXO IV

Roteiro da entrevista

- 1- Sabes as trajetórias e vivências dos jovens no período da guerra?
- 2- Sabes as trajetórias e vivências dos jovens no pós-guerra?
- 3- Que sentimentos tiveste no do período da guerra?
- 4- Que sofrimentos e sentimentos recordas da situações de guerra?
- 5- Agora na paz como estão? Sentimentos na paz?
- 6- Tens consumido álcool? De qual tipo? Com quem bebes e qual período do dia?
- 7- Qual é a quantidade de bebida que consomes para se sentir satisfeito?
- 8- Por que usas o álcool e qual é período que mais usa?
- 9- Como vês os amigos quando bebem?
- 10- Como vocês e a sua família sobrevivem?
- 11- Que significado tem a bebida durante o trabalho?

ANEXO V

Mapa da África

GLOSSÁRIO

ACUNOR- Alto comissariado das nações unidas para os refugiados

BANTU- Povo que habitam e habitavam a centro e austral de África

BILHETE DE IDENTIDADE- Documento de identificação do cidadão nacional, atribuído a partir dos 9 anos de idade, tendo como dados importantes nome, filiação, raça, sexo, local de nascimento, data de nascimento, número de identificação, data e local de emissão, assinatura do órgão emissor.

BENGUELA- Província centro-oeste de Angola, do grupo etnolinguístico umbundu, divisão geo-política administrativa.

CARITAS- Organização não governamental, da igreja católica romana, que se dedica a auxiliar as comunidades e populações carentes.

CÔMBA- Ritual pós-óbito, que é realizado para dispersão das famílias e amigos que solidarizaram-se com o falecido.

COTA- Termo da gíria angolana, aportuguesado, que significa, adulto, pessoa mais velha.

CURANDEIRO- Profissional que trata do feitiço ou macumba; também é conhecido como médico tradicional.

CUNENE- Província de Angola da região sul

FEITIÇO- Macumba.

FUBA- Farinha de milho, mandioca, batata-doce, massambala e trigo.

FUNGE- Alimento típico dos angolanos, feito à base de farinha de milho, mandioca, batata-doce e massambala; trigo equivalente a polenta, tapioca.

GIMBOA- Folha de herbácio muito cultivado, verdura muito usadas na cultura Ndongo.

IDH- Índice do Desenvolvimento Humano.

INE- Instituto Nacional de Estatística.

KUANHAMA- Grupo etnolinguístico, com língua, hábitos e costumes próprios, presente na zona sul de Angola.

KICONGO- Grupo etnolinguístico baongo, hábitos e costumes próprios, pertencente à zona norte de Angola.

KILAMBA- Nome literário e cultural do Dr. António Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola.

LOBITO- Município da província de Benguela subdivisão geopolítica administrativa.

LUENA- Capital da província do Moxico-Angola

MARUVO- Seiva de palmeira, de dendê ou outras palmeiras que é colhida diariamente, com teor alcoólico.

MASSAMBALA- Chamado de pipoquinha, conhecido cientificamente de poaceae, herbáceo, graminele, epíteto angolense, do tipo Sorgho

MOXICO – Província centro leste de Angola

MUSSEQUE- Bairros periféricos das grandes cidades sem infraestruturas básicas, água canalizada, eletricidade, recolhimento de resíduos sólidos, ruas etc.

N'DONGO- Antigo reino, com língua kimbundo, o atualmente se constituem as províncias de Luanda, sul e nordeste das províncias de Bengo, Kuanza Norte, Malange, com rei, súbitos, exército e capital do reino.

OMS- Organização Mundial de Saúde.

OMS-Afro Organização Mundial de Saúde Afro - zona Africana.

ONG- Organização Não Governamental.

OVIBUNDU- Grupo etnolinguístico, umbundo, com hábitos e costumes próprios, pertencente à zonas centro e sudoeste de Angola.

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

PAM- Programa de Alimentar Mundial.

POLIGAMIA- Homem que tem mais de um casamento.

POLIGENIA- Mulher que tem mais de um casamento.

PUTU- Termo da gíria angolana, aportuguesado, que significa, moleque, criança.

REMAR- Organização não governamental, religiosa de origem espanhola, que dedica suas atividades na reabilitação de pessoas marginalizadas.

SARDINELA- Sardinha, alimento básico das populações que vivem em situação de precariedade.

TCHOKUE- Grupo etno-linguístico, hábitos e costumes próprios, pertencente à zona leste de Angola.

UÍGE- Província ao norte de Angola, do grupo etno-linguístico Kicongo, divisão geopolítica administrativa.

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância.

João Tibúrcio Tati

Fonte:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4201800A5>

Dados Pessoais

Nome João Tibúrcio Tati
Nome em citações bibliográficas TATI, J. T.
Sexo masculino
Filiação André Tati e Maria Madalena Casimiro
Nascimento 20/02/1965 - Luanda/ - Angola
Carteira de Identidade 0850503053707 PF - SP - 15/10/2007
CPF 23276605805

Endereço residencial Avenida Ipiranga 81 apt 704
 República - São Paulo
 01046010, SP - Brasil
 Telefone: 72306263

Endereço profissional Faculdade Saúde Pública
 Av. Dr. Arnaldo
 Cerqueira Cesar - São Paulo
 01246-904, SP - Brasil
 Telefone: 1130617760

Endereço eletrônico
 e-mail para contato : tiburciotati@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

2008- 2009 Mestrando em Saúde Pública.
 Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
 Título: Restos de guerra: Trajetórias e modos de vida dos jovens no município do Cacucio – Luanda- Angola
 Orientador: Prof. Dr. Rubens de C. F. Adorno
 Bolsista do(a): Ministério da Saúde-Angola

2007-2009 Especializando em psicopatologia e saúde pública.
 Faculdade de saúde pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
 Título: Revisão bibliográfica sobre rastreamento do alcoolismo
 Orientadora: Profa.Dra. Daniela Kurcgant
 Bolsista do Ministério da Saúde- Angola

2005 Licenciatura em Psicologia, no Instituto Superior de Ciências da Educação em Luanda
 - Universidade Agostinho Neto-Angola

Formação complementar 2005 Curso de curta duração em Congresso de saúde mental dos países lusófonos.

Ministério da Saúde Angola, MINSA, Luanda, Angola
 Bolsista do(a): Ministério da Saúde Angola

2007	Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): UNIVERSIDADE de SÃO PAULO
2007-	Curso de curta duração em Referências em psicoterapias. Fundação de Apoio à Faculdade de Educação da USP, FAFE/SP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): Universidade de São Paulo
2007	Curso de curta duração em neuro- comportamento Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): particular
2007	Curso de curta duração em Curso Básico de neurobiologia. Faculdade De Medicina da USP, FMUSP, Brasil Bolsista do(a): Particular
2008	Curso de curta duração em Ciclo de seminários temáticos sobre saúde das mu. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): UNIVERSIDADE de SÃO PAULO
2008	Curso de curta duração em Etnia, Gênero, GLBT., FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA -UNIVERSIDADE DE SÃO , FSP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): UNIVERSIDADE de SÃO PAULO
2008	Curso de curta duração em A estratégia de redes e de direitos na saúde colet. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
2008	Curso de curta duração em I Encontro de Saúde mental e Educação: espaço do p. FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA -UNIVERSIDADE DE SÃO , FSP, São Paulo, Brasil Bolsista do(a): Faculdade de Saúde Público-USP
2009	Curso de 40 horas extensão, psicologia hospitalar,(CEPPS) no centro de estudos e pesquisa em psicologia e saúde.

Atuação profissional

1. Ministério da Saúde Angola - MINSA

Vínculo institucional

1991 - Atual Vínculo: Servidor público, psicologia, Enquadramento funcional: Efetivo, Carga horária: 40h, Regime: Dedicação Exclusiva
Outras informações: Funcionário efetivo do Hospital Américo Boa Vida em Luanda

Dados pessoais - Orientador

Fonte <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4721169P0>

Nome Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Nome em citações bibliográficas ADORNO, R. C. F.

Sexo Masculino

Endereço profissional Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Saúde Materno-Infantil.
AV. DR. ARNALDO Nº 715
CERQUEIRA CÉSAR
01246-904 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 30834117 Fax: (11) 30850240

Formação acadêmica/Titulação

1997 Livre-docência.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Qualidade de Vida e Formas de Vida Ameaçadas: a saúde e o cenário contemporâneo, *Ano de obtenção:* 1997.
Palavras-chave: Sociedade Contemporânea; Reflexividade Social; Exclusão Social; Saúde Pública.
Grande área: Ciências da Saúde / *Área:* Saúde Coletiva / *Subárea:* Saúde Pública.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Sociologia / *Subárea:* Sociologia da Saúde.

1989 - 1992 Doutorado em Saúde Pública.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: A Trajetória do Movimento e da Participação: A Conduta dos Atores Sociais na Saúde, *Ano de Obtenção:* 1992.
Orientador: Aracy Witt de Pinho Spínola.
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.
Palavras-chave: Movimento Social e Saúde; Participação e Saúde; Municipalização e Saúde.
Grande área: Ciências da Saúde / *Área:* Saúde Coletiva / *Subárea:* Saúde Pública.
Grande área: Ciências Humanas / *Área:* Sociologia / *Subárea:* Sociologia da Saúde.

1987 - 1992 Mestrado em Saúde Pública.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Educação Em Saúde, Conjuntura Política e Violência do Transito: O Caso da Cidade de São Paulo, *Ano de Obtenção:* 1992.
Orientador: Marcia Faria Westphal.

Palavras-chave: Métodos de Educação; Prevenção de Acidentes; Violência do Trânsito.

Grande área: Ciências da Saúde / *Área:* Saúde Coletiva / *Subárea:* Saúde Pública / *Especialidade:* Promoção Em Saúde.

1986 - 1986 Especialização em Especialização em Saúde Pública. (Carga Horária: 1150h).
Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública, USP - FSP, Brasil.

1973 - 1977 Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Atuação profissional

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Vínculo institucional

1985 - Atual Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: PROFESSOR ASSOCIADO, Carga horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva.

Atividades

11/2007 - Atual Atividades de Participação em Projeto, Faculdade de Saúde Pública.